

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Livia de Camargo Silva Tavares de Souza

FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE DAS EXPRESSÕES NOMINAIS  
EM YAWANAWÁ (PANO)

RIO DE JANEIRO, 2013

Livia de Camargo Silva Tavares de Souza

FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE DAS EXPRESSÕES NOMINAIS  
EM YAWANAWÁ (PANO)

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Linguística  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
como quesito para a obtenção do Título de  
Mestre em Linguística.

Orientadora: Professora Doutora Bruna Franchetto  
Co-orientadora: Professora Doutora Kristine Stenzel

RIO DE JANEIRO, 2013

Livia de Camargo Silva Tavares de Souza  
FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE DAS EXPRESSÕES NOMINAIS  
EM YAWANAWÁ (PANO)

Orientadora: Professora Doutora Bruna Franchetto

Co-orientadora: Professora Doutora Kristine Stenzel

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

---

Professora Doutora Bruna Franchetto – PPGAS – MN/ UFRJ, Presidente

---

Professora Doutora Cilene Aparecida Nunes Rodrigues – PUC/RJ

---

Professor Doutor Dennis Albert Moore – Museu Paraense Emílio Goeldi/ MCTI

---

Professor Doutor Marcus Antônio Rezende Maia – FL/ UFRJ, Suplente

---

Doutora Gélsama Mara Ferreira dos Santos, Suplente

Aprovada em: 18 / 02 / 2013

À memória de Ana Paula Camargo Silva  
e Raimundo Luis Tuñ Kuru Yawanawá.

## AGRADECIMENTOS

Tenho que começar agradecendo aos ventos propícios que me fizeram cair de pára-quedas no colo da professora Bruna Franchetto. E foram ventos acreanos, soprados pela força de *Yube*, que fui conhecer nas mãos dos meus queridos amigos Fabiano Sales Txanabane Huni Kuĩ e da sua esposa, Silvia Ayani. Agradeço ao Fernando Pessoa, que me deu coragem de me jogar de cabeça no abismo e ao *Nixi Pae*, que me deu paz de espírito para curtir a queda.

Agradeço à firmeza sutil e aos olhos perspicazes da minha conterrânea de outras terras, Kristine Stenzel; ao carinho que não mede esforços, aos conselhos de irmã mais velha e às gargalhadas revigorantes da Mara Santos; à liderança de cacique e ao amor da *mamma* da grande família Franchetto, que me adotou e me apresentou aos meus irmãos de hoje e sempre: Thiago Coutinho e Glauber Romling. Sem eles, meu mundo acadêmico seria um trabalho como outro qualquer, mas de GELA em GELA, a família cresceu e o terreno vem dando cada vez mais frutos de pensamento livre, companheirismo e amizade. Agradeço aos membros da família que vieram depois de mim: Juliana Tercciotti, minha irmã mais nova, companheira incondicional de noites estreladas, amor e viagens, casamento velho e *boot camp* de dissertação; Marília Lott, vizinha de expresso com sintaxe e amiga sagaz nas análises de personalidade, estrutura argumental e *asanas*; Isabella Coutinho, Márcia Nascimento Kaingang e Elissandra Barros, que chegaram de longe e marcaram presença. Agradeço às sessões de orientação com Cilene Rodrigues e aos muitos moitarás de escaladas por sintaxe com Andrew Nevins. Agradeço ao Rafael Nonato pelos plantões de sintaxe, pela intensidade da parceria e da sincronicidade.

Agradeço à Ingrid Weber por ter me incentivado a insistir no Acre e por ter me recebido no PRODOCLIN; ao Marcos Mattos e à Camila por terem aberto as portas

do Acre pra mim; ao Nilson Saboia Tuwe Huni Kuĩ, pela amizade sincera e as muitas lições de *Hãtxa Kuĩ*; ao pessoal da CPI/AC, principalmente à Malu; ao Museu do Índio e a toda a equipe do PRODOCLIN, principalmente pela oportunidade de ter conhecido a Maria Julia Kenemenĩ Yawanawá.

Agradeço à Menĩ por ter me recebido com confiança e amizade na sua família e me inspirado com seus múltiplos talentos de mulher guerreira, pesquisadora pioneira, mãe e filha amorosa, liderança forte. Agradeço aos Yawanawá da T.I. Rio Gregório, que me receberam com afeto, me apresentaram para seu mundo e estão sempre me ensinando sua língua e seus costumes com paciência e bom humor. Agradeço especialmente aos caciques Biraci Brasil Nixiwaka e Joaquim Tashkã; aos pajés Tatá e Yawarani, que contribuíram com muitas histórias e ensinamentos, aos amigos Manoel Tikamatxuru e Nadir, Clécio (Véi), Manoel Kapakuru, Maria de Fátima Sheki Teshkẽ e Nani Kate Yuve, Olindina (Jôta), Gilberto, Isaías (Isá), Xiná, Maria dos Anjos (Duza), Txanu e Huxahu, Misi e Marizete, Aldáiso Vinnya, Vadé, Sapo, aos meus compadres Isabel e Milton, Inácio, Edna e Antônio Luis (Istuka), Shaneihu e Mídia, Leda e Chicó e toda a família que me recebe na aldeia Matrinxã. Agradeço à família da Menĩ, que me recebe na aldeia Mutum, principalmente à dona Maria, à Mariazinha, e à Tatica. Agradeço à família do cacique Nixiwaka, que me recebe na aldeia Nova Esperança: Putanĩ, Nawa Shahu, Ika Shahu e Sana.

Agradeço à família Camargo, que se ama e se apoia nas alegrias e tristezas, principalmente a Thais, Dino, Net, Fabi, Cadu e Beta, Clau. Agradeço às Venusianas e a Dri, Dani e Leila, as mulheres maravilhosas, que com muito amor me ajudaram a ficar em pé quando meu mundo todo desabou.

Agradeço ao amigo e guru Denny Moore pela hospitalidade, o carinho e a inspiração; e ao pessoal que conheci em Belém pelas muitas trocas de ideias e bibliografia, principalmente Hein von der Voort, Julien Meyer e Kofi Yakpo.

Agradeço ao professor Marcus Maia pelas muitas ajudas dentro e fora do departamento e a Márcia Dâmaso e Ana Paula Gomes por preciosos *insights*.

Agradeço aos colegas panólogos que trocaram muitas ideias e bibliografia: Pilar Valenzuela, Antoine Guillaume, Rogério Ferreira, Joaquim Maná Huni Kuñ, David Fleck, Roberto Zariquey, Jose Ulloa, Emerson Carvalho, Aldir Santos de Paula, Selmo Azevedo.

Agradeço aos amigos linguistas da PUC-Lima, principalmente Lola Mansilla, Luis Miguel Rojas, Joel Zavala e o querido Vicente Rodriguez, companheiro de mar noturno, Barranco e San Pedro.

Agradeço às professoras Itziar Laka e Stephanie Harves pela orientação e as muitas trocas de ideias dentro e fora de sala de aula; a Nina Topintzi por ótimas aulas e muitos *insights* fonológicos, a Amy Rose Deal pela atenção e a bibliografia.

Agradeço aos amigos e mestres que me fazem ver a vida melhor: Felipe Assad, que me ensinou a escalar; Julia Bertolini, que me trouxe para a yoga; e Fábio Nakano e Bento Marinho, que me colocaram no caminho da medicina chinesa. A Sylvia Lopes eu nunca terei palavras suficientes pra agradecer.

Agradeço ao cacique Kuiussi Suyá da aldeia Kisêdjê Ngojwhêre e a toda sua família, que me recebeu com carinho nos meus momentos finais de redação da dissertação. Agradeço aos amigos Kĩsêdjê Winti, Jamthô, Kawiri e Kamikiá pela hospitalidade, as ajudas logísticas e as trocas de filmes e ideias.

Agradeço ao CAPES pelo suporte financeiro durante o mestrado, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e a todos aqueles que, por me falhar a memória, eu deixei de mencionar.

Agradeço, acima de tudo, à Pachamama e ao acaso sincrônico, que proporcionaram tantos encontros.

*Na vida, quem perde o telhado  
em troca recebe as estrelas*

(Tom Zé)



## RESUMO

CAMARGO-TAVARES, Livia. Fonologia, Morfologia e Sintaxe das Expressões Nominais em Yawanawá (Pano). Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Esta dissertação apresenta um estudo da fonologia, morfologia e sintaxe das expressões nominais em Yawanawá, uma língua ameaçada da família Pano, falada por cerca de 160 pessoas no estado do Acre, Brasil. Primeiramente, o povo e a língua Yawanawá são apresentados, através de um apanhado bibliográfico dos estudos antropológicos e documentais já realizados, seguido de um breve esboço tipológico da língua. A partir dos dados coletados no âmbito do projeto de documentação da língua, exploro a fonologia do Yawanawá de uma perspectiva formal, com ênfase no padrão acentual e em sua interação com a estrutura e o peso silábico. Também analiso a nasalização, que é um dos principais fenômenos fonológicos da língua. Em seguida, trato da morfologia e da estrutura das expressões nominais, descrevendo os diferentes tipos de construção nome-nome, as construções de posse e os principais processos de nominalização deverbais. Por fim, apresento uma análise do comportamento sintático das expressões nominais. Descrevo o sistema de marcação de caso e argumento que o alinhamento da língua

seja tripartite, explorando as possíveis análises sintáticas da atribuição de caso por núcleos funcionais, baseando-me em trabalhos recentes sobre línguas ergativas no quadro do Programa Minimalista da Gramática Gerativa. Proponho ainda, buscando explicar uma das principais características tipológicas da família pano, que a morfologia de superfície que os argumentos ergativos, possuidores e certos oblíquos têm em comum seja um reflexo do fato de que estes casos estão sendo licenciados pela mesma posposição.

Palavras-chave: Línguas Indígenas. Pano. Yawanawá. Sintagma Nominal. Marcação de caso.

Autora: Livia de Camargo Silva Tavares de Souza.

Orientadora: Professora Doutora Bruna Franchetto.

Co-orientadora: Professora Doutora Kristine Stenzel.

Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

CAMARGO-TAVARES, Livia. Phonology, Morphology, and Syntax of Nominal Expressions in Yawanawa (Pano). Rio de Janeiro, 2013. Master's Dissertation - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, Rio de Janeiro, Brazil, 2013.

This Master's dissertation is a study of the phonology, morphology, and syntax of nominal expressions in Yawanawa, an endangered language of the Panoan family, spoken by approximately 160 people in the state of Acre, Brazil. First, the Yawanawa people and their language are introduced, by means of an overview of the existing documental and anthropological literature, followed by a typological sketch of the language. Based on data that has been collected in the context of the Yawanawa documentation project, I explore the phonology of the language from a formal perspective, focusing on stress patterns and their interaction with syllable structure and weight. I also analyze nasalization, which is the main phonological process in the language. Next, I focus on the morphology and structure of nominal expressions, describing the different types of noun-noun constructions, possessive constructions, and the major processes of deverbal nominalization. Finally, I analyze the syntactic behavior of nominal expressions. I describe the case system and argue that the language has a tripartite alignment, exploring the possible syntactic analyses of case assignment by functional heads, based on recent work on ergative languages

in Minimalist Syntax. I also propose, seeking to explain one of the major typological features of the Panoan language family, that the surface morphology shared by ergative, possessor, and certain oblique arguments reflects the fact that these cases are being licensed by the same postposition.

Key-words: Indigenous languages. Panoan family. Yawanawa. Noun phrase. Case system.

Author: Livia de Camargo Silva Tavares de Souza.

Adviser: Professora Doutora Bruna Franchetto.

Co-adviser: Professora Doutora Kristine Stenzel.

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/ Brazil.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Demarcação da T.I. Rio Gregório.	27
Figura 2: Localização das Terras Indígenas brasileiras, com destaque para a T.I. Rio Gregório.	28
Figura 3: Mapa detalhado da T.I. Rio Gregório, com destaque para a hidrografia.	29
Figura 4: Distribuição das línguas Pano documentadas.	46
Figura 5: Estrutura do sintagma determinante (DP).	91
Figura 6: Expressão nominal com nome pleno.	93
Figura 7: Expressão nominal com pronome.	93
Figura 8: Sistema tripartite de marcação de caso.	120

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Fontes dos dados linguísticos.	45
Tabela 2: Subclassificação das línguas pano.	47
Tabela 3: Fonemas consonantais.	60
Tabela 4: Fonemas vocálicos.	61
Tabela 5: Correspondências ortográficas.	83
Tabela 6: Paradigma dos pronomes pessoais.	94

## LISTA DE ABREVIACOES PARA AS GLOSAS INTERLINEARES

1	primeira pessoa	ITR	iterativo
2	segunda pessoa	LAT	latente
3	terceira pessoa	LOC	locativo
ACC	acusativo	NEG	negação
AUM	aumentativo	NMLZ.AG	nominalizador agentivo
AUX.INTR	auxiliar intransitivo	NMLZ.INS	nominalizador instrumental
CAUS	causativo	NOM	nominativo
COM	comitativo	PL	plural
CONJ	conjunção	PP(ERG)	posposição ergativa
DEM.DIST	demonstrativo distal	PP(INS)	posposição instrumental
DEM.MED	demonstrativo medial	PP(POSS)	posposição possuidor
DEM.PROX	demonstrativo proximal	PRF	aspecto perfeito
DES	desiderativo	PROG	aspecto progressivo
DIM	diminutivo	PST.REM	passado remoto
DIR	direcional	RECP	recproco
ENF	enfatizador	RES	aspecto resultativo
IMP	imperativo	S	singular
INT	interrogativo	TR	transitivizador
INTS	intensificador	VOC	vocativo
IRR	irrealis		

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>22</b>
1.1	APRESENTAÇÃO	23
1.2	O POVO YAWANAWÁ E SUA LÍNGUA	25
1.2.1	Território	25
1.2.2	População e Organização Sociopolítica	30
1.2.3	Breve História do 'Povo Queixada'	32
1.2.4	Situação Sociolinguística	38
1.3	DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA	39
1.3.1	Projeto de Documentação	39
1.3.2	O PRODOCLIN	40
1.3.3	<i>Yawanawahãu Xinã</i>	42
1.4	METODOLOGIA	43
1.5	LÍNGUA	45
1.5.1	A Família Linguística Pano	45
1.5.2	A Língua Yawanawá	50
1.5.2.1	Esboço Tipológico	50
1.6	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	56
<b>2</b>	<b>FONOLOGIA</b>	<b>58</b>
2.1	INTRODUÇÃO	59
2.2	OS FONEMAS	60
2.3	ESTRUTURA SILÁBICA	62
2.3.1	Padrões Silábicos	62



2.3.2	Peso Silábico	67
2.3.3	Vocoides	68
2.4	ACENTO	70
2.5	NASALIZAÇÃO	75
2.6	ALOMORFES ERGATIVO/ POSSUIDOR/ OBLÍQUOS	80
2.7	CORRESPONDÊNCIAS ORTOGRÁFICAS	83
2.8	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	83
3	<b>AS EXPRESSÕES NOMINAIS</b>	84
3.1	INTRODUÇÃO	85
3.2	O SINTAGMA NOMINAL	85
3.2.1	Nomes	85
3.2.2	Determinantes	91
3.2.2.1	Demonstrativos	92
3.2.2.2	Pronomes Pessoais	93
3.3	ADJETIVOS COMO PREDICADOS ESTATIVOS	98
3.4	CONSTRUÇÕES NOME-NOME	104
3.5	NOMINALIZAÇÃO	108
3.6	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	111
4	<b>MARCAÇÃO DE CASO EM EXPRESSÕES NOMINAIS</b>	113
4.1	INTRODUÇÃO	114
4.2	MARCAÇÃO DE CASO TRIPARTITE	114
4.3	A ERGATIVIDADE NA SINTAXE	121
4.4	A ATRIBUIÇÃO DE CASO ERGATIVO	130

4.5	CONCORDÂNCIA	136
4.6	PARALELISMO ESTRUTURAL TP-DP	140
4.7	ARGUMENTOS OBLÍQUOS COMO SINTAGMAS POSPOSICIONAIS	143
4.8	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	145
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>146</b>
<b>6</b>	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>149</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*O maior professor é o seu desejo.*

(Raimundo Luis Tuĩ Kuru Yawanawá)



## 1.1 APRESENTAÇÃO

O objetivo desta dissertação é explorar tópicos da fonologia, morfologia e sintaxe das expressões nominais em Yawanawá. Ela se propõe a ser a primeira etapa de um estudo teórico amplo que se desenvolve paralelamente ao trabalho de documentação da língua. Parto das estruturas menores e mais simples, com a intenção futura de ampliar o foco de análise sobre os sintagmas verbais, as sentenças simples e complexas, os marcadores discursivos. Ficará claro ao longo do texto que apesar do foco deste estudo recair sobre as expressões nominais, não está restrito a elas. Ao tratar da fonologia dos nomes, também descrevo fenômenos relativos aos verbos; ao tratar da marcação de caso no sintagma nominal, analiso diferentes classes verbais e a sintaxe de sentenças simples. As expressões nominais, portanto, são o primeiro passo, um microcosmo que será englobado sucessivamente por novas camadas de maior complexidade estrutural.

No primeiro capítulo, apresento os Yawanawá e a Terra Indígena Rio Gregório, onde este povo habita. Realizo um breve apanhado de sua organização sócio-política e de sua história recente. Em seguida, apresento uma visão geral da família linguística pano e algumas propostas de subclassificação interna realizadas por diferentes autores. Tendo situado o Yawanawá na família linguística, passo a tratar da língua em si. Descrevo a situação sociolinguística deste grupo, as razões que fazem do Yawanawá uma língua particularmente ameaçada, e o trabalho de documentação que está sendo realizado atualmente. Por fim, apresento um esboço tipológico, baseado em Paula (2004) e nos dados do projeto de documentação, visando oferecer uma visão geral da língua e embasar as análises subsequentes.

No capítulo dois, realizo uma revisão da fonologia do Yawanawá, com foco no padrão acentual e sua interação com a estrutura silábica. O foco da análise recai sobre os nomes, mas busco realizar um estudo abrangente da fonologia da língua,

utilizando, quando necessário, exemplos de palavras verbais para ilustrar os processos fonológicos em questão. Baseio-me na tese de Paula (2004) e nos dados coletados no âmbito do PRODOCLIN (Projeto de Documentação de Línguas Indígenas – Museu do Índio/ FUNAI). Primeiro, apresento o inventário fonológico elaborado por Paula (2004), e trato da estrutura silábica, com foco específico na noção de peso e mora. Em seguida, apresento minha análise do padrão acentual do Yawanawá e sua interação com o peso silábico. Também analiso a nasalização, que é um dos principais fenômenos fonológicos da língua. Por fim, proponho uma análise para a alomorfia do morfema ergativo, e apresento as equivalências entre a ortografia e a fonologia, com intenção de adotar a escrita ortográfica ao longo desta dissertação.

No capítulo três, exploro a estrutura das expressões nominais em Yawanawá e a morfologia de seus componentes: nomes, determinantes e modificadores. Argumento que o sintagma nominal é complemento de um núcleo funcional D, intermediado por uma projeção nP; uma estrutura paralela a dos sintagmas verbais. Descrevo os diferentes tipos de construção nome-nome existentes na língua, as construções de posse e, por fim, exploro os principais processos de nominalização deverbais.

No capítulo quatro, concentro-me no comportamento sintático das expressões nominais em Yawanawá. Meu primeiro objetivo é descrever o sistema de marcação de caso da língua e mostrar como este distingue nomes plenos de pronomes pessoais. Argumento que o alinhamento da língua seja tripartite e exploro as possíveis análises sintáticas da atribuição de caso por núcleos funcionais, baseando-me em trabalhos recentes sobre línguas ergativas no quadro do Programa Minimalista da Gramática Gerativa. O segundo objetivo é propor uma análise sintática que explique uma das principais características tipológicas das línguas Pano, que é o fato dos argumentos ergativos, possuidores e certos oblíquos

apresentarem a mesma morfologia de superfície. Proponho que a morfologia de superfície que eles têm em comum seja um reflexo do fato de que estes casos estão sendo licenciados pela mesma posposição.

## 1.2 O POVO YAWANAWÁ E SUA LÍNGUA

### 1.2.1 Território

A Terra Indígena Rio Gregório foi demarcada em 1983 e homologada em 1991, com área inicial de 92.859 hectares. Foi a primeira Terra Indígena a ser demarcada no Acre e é habitada pelos povos Yawanawá e Katukina-Pano. Os limites da TI foram posteriormente revistos e a portaria número 1388, publicada em 15 de agosto de 2007, no Diário Oficial da União, declara que o Ministro de Estado da Justiça,

considerando que a Terra Indígena localizada no município de Tarauacá, no Estado do Acre, foi identificada de conformidade com os termos do § 1º do art. 231 da Constituição Federal e inciso I do art. 17 da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, como sendo tradicionalmente ocupada pelos grupos indígenas Katukina e Yawanawá; (...) considerando que no prazo de contestação fixado no art. 2º, § 8º e no art. 9º "caput", do Decreto nº 1.775/96, não houve qualquer manifestação quanto à caracterização da terra indígena, resolve:5

Art. 1º Declarar de posse permanente dos grupos indígenas Katukina e Yawanawá a Terra Indígena RIO GREGÓRIO, com superfície aproximada de 187.400 ha (cento e oitenta e sete mil e quatrocentos hectares) e perímetro também aproximado de 239 km (duzentos e trinta e nove quilômetros).

No entanto, em 2012, a presidência da república criou uma nova etapa de reconhecimento das T.I.s, alterando o processo original de homologação, de sete fases. Segundo o artigo 231 da Constituição Brasileira de 1988, as Terras Indígenas são

as áreas habitadas em caráter permanente [pelos povos indígenas], as

utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

O Decreto 1775/1996, do Ministério da Justiça, estabelece que o processo de demarcação de Terras Indígenas deve ser conduzido pelo Poder Executivo, no âmbito da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Esse processo é constituído pelas seguintes fases: 1) estudos de identificação, 2) aprovação da FUNAI, 3) contestações, 4) declaração dos limites da Terra Indígena, 5) demarcação física, 6) homologação, 7) registro. A nova medida da presidente Dilma Roussef incluiu a necessidade de uma consulta prévia ao Ministério de Minas e Energia antes que FUNAI possa deliberar sobre a Terra Indígena. O resultado desse novo tratamento é que seis processos de reconhecimento de T.I.s já demarcadas, que aguardavam confirmação presidencial, voltaram ao Ministério da Justiça para reavaliação, dentre eles o da T.I. Rio Gregório. Algumas dessas T.I.s foram homologadas pela presidente em 2012 no dia Mundial do Meio Ambiente, no contexto da Conferência das Nações Unidas pelo Desenvolvimento Sustentável – Rio+20 – porém, não foi o caso da T.I. Rio Gregório. Essa medida está sendo considerada ilegal e contestada por uma série de organizações indigenistas por ir de encontro ao processo original de demarcação e homologação das T.I.s, que garante um período de contestação ao processo. Este período já foi finalizado, conforme a publicação no Diário Oficial da União, reproduzido acima. No momento da publicação deste trabalho, a questão segue em aberto, e é motivo de grande preocupação da comunidade Yawanawá.

Os mapas a seguir ilustram a localização da Terra Indígena Rio Gregório. A figura 1 destaca o estado do Acre no mapa do Brasil e mostra as duas demarcações da T.I. – a área menor já homologada e a área maior que ainda aguarda decisão oficial. A figura 2 mostra a localização das Terras Indígenas brasileiras, com destaque para a T.I. Rio Gregório. A figura 3 é o mapa detalhado da T.I. Rio



Gregório com destaque para a hidrografia da região, produzido pela Secretaria de Estado do Meio-Ambiente do Acre. A linha pontilhada indica a área original da TI que já foi homologada.



Figura 1: Localização da Terra Indígena Rio Gregório (RIBEIRO, 2005).

T.I.  
Rio Gregório

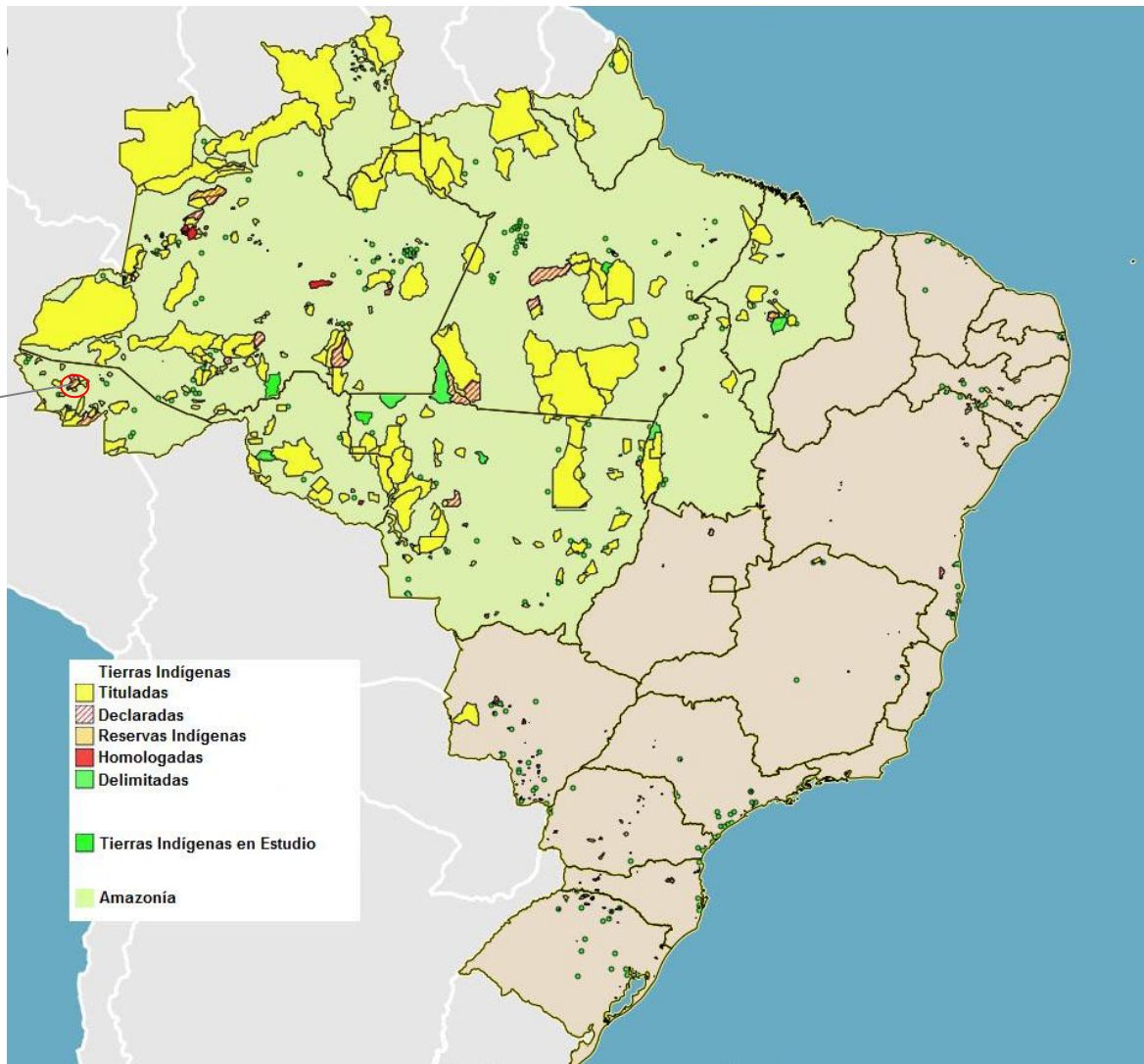


Figura 2: Mapa das Terras Indígenas brasileiras com destaque para a T.I. Rio Gregório (FUNAI).

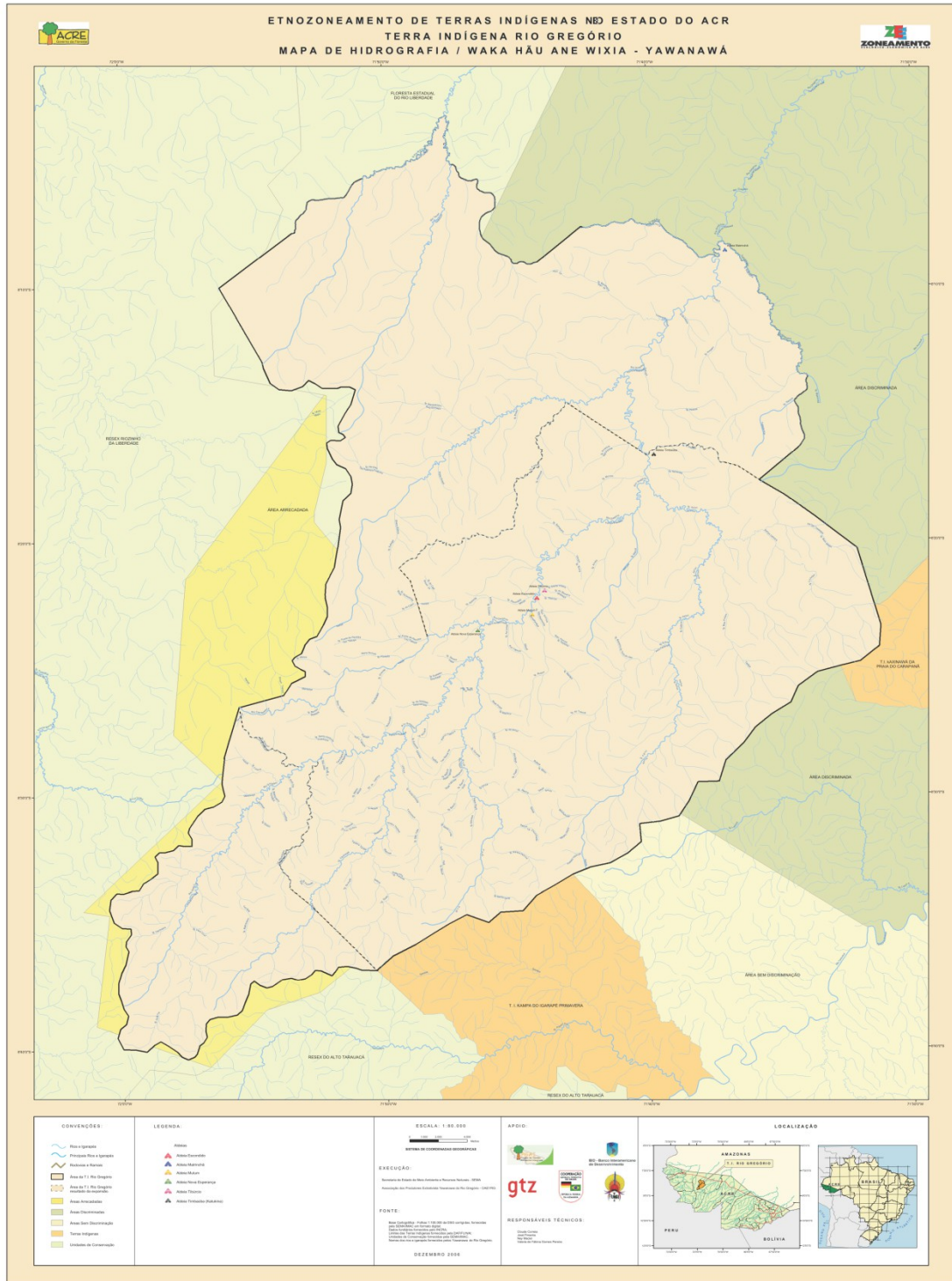


Figura 3: Mapa da T.I. Rio Gregório com destaque para a hidrografia (SEMA-AC).

### 1.2.2 População e Organização Sociopolítica

Com uma população de aproximadamente 565 indivíduos (Censo PRODOCLIN, 2010), a comunidade yawanawá invoca amplamente o símbolo do porco do mato (*yawa* 'queixada', *nawa* 'povo') para representar sua forma de organização: "como os queixadas, andamos sempre em bando". Segundo dados do Instituto Socioambiental, a configuração do povo yawanawá é resultado de uma dinâmica sociológica própria de muitos grupos Pano, que incluiu "alianças através de casamentos, raptos de mulheres no contexto de conflitos bélicos, migrações de famílias" e uma série de mudanças decorrentes do contato com o homem branco, principalmente no contexto da economia da borracha na Amazônia. Assim, o povo se compõe de um conjunto que inclui membros de outros grupos Pano como Shawãdawa (Arara), Iskunawa (atualmente Shanenawa), Rununawa, Sainawa (atualmente Jaminawa ou Yaminahua), Poyanawa e Kamanawa ou Katukina (CARID NAVEIRA, 1999; PEREZ GIL, 1999).

O povo habita sete aldeias e algumas colocações na Terra Indígena Rio Gregório. Também há famílias em municípios vizinhos à T.I., principalmente Tarauacá, mas também Feijó, Sena Madureira, Cruzeiro do Sul e Rio Branco. O rio Gregório é afluente do Juruá, rio que nasce no Peru, atravessa o estado do Acre e deságua no Solimões. Subindo o Gregório a partir de São Vicente, ponto em que o rio cruza a BR 364, atingimos primeiro a aldeia Matrinxã, em seguida, a aldeia Amparo e depois a aldeia Sete Estrelas, que é onde habitam alguns Katukina. A próxima aldeia é o Tibúrcio, depois o Escondido, seguida das aldeias maiores, Mutum e Nova Esperança. Há ainda o antigo seringal Kaxinawá, hoje em dia chamado de "Aldeia Sagrada" e considerado parte da aldeia Nova Esperança. Aqui, habitam apenas duas famílias.

As sete aldeias se alinham politicamente a duas lideranças principais, que são

os caciques das duas aldeias maiores, Mutum e Nova Esperança. Hoje, a liderança da aldeia Mutum é exercida remotamente por Joaquim Tashkã Yawanawá, que vive na cidade de Rio Branco, e é representado na aldeia pela irmã, Mariazinha Yawanawá. Cinco das aldeias menores alinham-se a ele. Já a aldeia Nova Esperança, onde se encontra aproximadamente metade da população da T.I., é comandada pelo cacique Biraci Brasil Nixiwaka Yawanawá. Das aldeias menores, apenas a de Amparo é sua aliada política.

Existem duas associações indígenas que representam as duas vertentes políticas. A Cooperativa Yawanawá (COOPYAWA) foi fundada em 2003, e é a ramificação comercial da OAEYRG (Organização dos Agricultores e Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório), que foi a primeira associação, fundada em 1993. Essas organizações representam a aldeia Nova Esperança e sua aliada política, a aldeia Amparo. Já as demais aldeias, que gravitam em torno da aldeia Mutum, são representadas pela Associação Sociocultural Yawanawá (ASCY), fundada em 2008.

Os dois caciques são responsáveis pela articulação das políticas internas do povo e pelas relações exteriores, sendo esta última atribuição a característica mais marcante dos líderes yawanawá ao longo da história local. Segundo Erickson (1994, p.251), “a política externa sempre constituiu (...) um domínio crítico na área pano, em que sempre se cultivou a arte de conviver com estrangeiros”. Para gerar recursos, os caciques estabelecem parcerias comerciais tanto com o governo do Acre quanto com empresas privadas, mas atualmente, o turismo xamânico ganha cada vez mais espaço e, certamente, é uma das principais fontes de recursos para as associações. Todo ano, um grande festival de cultura com duração de 5 dias é realizado na aldeia Nova Esperança durante o mês de outubro. Os Yawanawá se vestem e se pintam à moda tradicional, realizam rituais de *uni* (ayahuasca<sup>1</sup>),

---

<sup>1</sup> A bebida é produzida a partir do cipó conhecido como *Uni* (*Banisteriopsis Caapi*) e da folha *Ravanti* (*Psychotria viridis*), utilizada em rituais tradicionais.

brincadeiras, cantos e danças à moda antiga. O evento está crescendo, e a cada ano recebe mais visitantes. Dentre eles estão representantes de outros povos indígenas, indigenistas, políticos, autoridades locais e muitos turistas do Brasil e do mundo. Um festival semelhante, porém de proporções menores, também vem sendo realizado na aldeia Mutum e ficou conhecido como “Manifestação da Cultura Yawanawá”.

### 1.2.3 Breve História do ‘Povo Queixada’

A exploração do rio Gregório teve início em meados do século XIX, mais precisamente em 1867, quando o rio foi nomeado em homenagem ao cozinheiro da expedição do geógrafo e engenheiro inglês William Chandless. Há registros da presença de missionários estrangeiros na região do rio Juruá desde 1775, e segundo Ribeiro (2005, p. 105), foi João da Cunha Correia que deu início às ocupações por brasileiros, tendo subido o Juruá e chegado até o Purus, entre 1857 e 1858.

Ribeiro (2005, p.106-107) explica que

a indústria da borracha atraiu enormes contingentes migratórios ao Acre, causando uma ruptura na história dos grupos étnicos que lá viviam (...) Os Yawanawá do Rio Gregório se referem aos caucheiros peruanos como o primeiro contato que tiveram com “brancos”, nos quais confrontos extremamente violentos se deram, chegando a ameaçar a existência da tribo.

Esses peruanos tinham hábitos nômades e abandonavam seus acampamentos após terem esgotado as possibilidades de exploração da goma elástica extraída do caucheiro. As seringueiras, por outro lado, possibilitam a extração do látex durante até vinte anos e foi este o extrativismo responsável pela ocupação da Amazônia pelo homem branco. A abertura dos seringais no vale do Tarauacá iniciou-se em 1882, com a chegada de cearenses. Segundo o padre

francês Constant Tastevin, da Ordem do Espírito Santo, que atuou do final do século XIX até 1926 como missionário da Prelazia de Tefé na Amazônia brasileira, foi em 1833 que chegaram homens à foz do rio Gregório com o intuito de explorar o látex. Em uma excursão apostólica ao rio Juruá, em 1898, ele relata o horror das “correrias” - os massacres praticados contra os índios.

Infelizmente se fosse dizer tudo que sei sobre os índios, quantas cenas de barbárie atroz eu poderia citar! (...) O governo reconheceu (...) que o único meio prático capaz de impedir tais atos é a pregação do evangelho (CUNHA, 2009, p.55).

Os Yawanawá foram contatados pelo “encarregado de índios” Ângelo Ferreira da Silva, em 1905. Segundo Aquino & Iglesias (1994) e Ribeiro (2005), Ângelo Ferreira e seu sobrinho Felizardo Cerqueira incorporaram populações de diversos grupos pano em seus seringais, dentre eles, os Yawanawá. Conta-se que o primeiro contato entre os Yawanawá e os brasileiros foi pacífico. Pequenas divergências separam os relatos coletados por Ribeiro (2005) e Carid Naveira (1999), mas basicamente, a história conta que o menino Iva Stiho teria oferecido carne de caça a um grupo de brancos chefiado por Ângelo Ferreira, que teria retribuído com presentes – um terçado ou um saco de farinha, ambos artigos até então desconhecidos dos Yawanawá. Tanto Ribeiro quanto Naveira relatam que esse ato teria sido um tipo de transgressão do menino, que, desobedecendo os pais, teria ficado fora de casa vários dias para realizar o corajoso contato. Depois disso, o menino tornou-se líder e mediador entre seu povo e os brancos, até sua morte em 1974. Ribeiro (2005, p.111) enfatiza a diplomacia das relações; segundo ela, “os brancos, chefiados por Abel Pinheiro, primeiro senhor do seringal Aririnha no Alto Gregório e provavelmente o contratante de Ângelo Ferreira - foram praticamente convidados a se estabelecer no local”.

Diferente da violência das correrias sofridas pela maioria dos povos da região, os Yawanawá lembram a época de convívio com os patrões como “uma época de

fartura, festas, animação e alegria” (RIBEIRO, 2005, p.112), principalmente após a chegada dos “Cariocas”, família de seringalistas que tomou à força o seringal de Abel Pinheiro e o rebatizou Kaxinawá. Conta-se no livro *Costumes e Tradições do Povo Yawanawá*, que Iva Stiho foi batizado Antônio Luis pelo padrinho Antônio Carioca e convidado a se mudar com seu grupo para a sede do seringal Kaxinawá. Viviam os patrões de um lado do rio e os indígenas do outro, em uma relação sempre intermediada por Antônio Luis. Durante a convivência com os patrões Cariocas, a poligamia não era restringida, apesar da presença de padres no seringal. Da mesma forma, era permitida a prática de rituais de ayahuasca, dança e pajelança – segundo Ribeiro (2005), o líder Antônio Luis era um respeitado feiticeiro. Foi uma peculiaridade do grupo Yawanawá, estando inserido na economia dos seringais, ter mantido “a chefia tradicional e com isto, uma maior integridade e coesão, assim como uma população residente em uma mesma aldeia, maior do que os outros grupos pano da região” (RIBEIRO, 2005, p.139). Corroborando a ideia de Erickson (1994), a respeito dos grupos pano em geral, Ribeiro (2005) enfatiza que o poder de mediação entre o mundo da aldeia e o mundo estrangeiro é a característica mais marcante dos líderes yawanawá ao longo da história, até o momento presente.

Após a morte de Antônio Luis, em 1974, seu primogênito Raimundo Luis Tuĩ Kuru assumiu a liderança do povo. Ele era filho de Angélica Katukina, que segundo Ribeiro (2005), foi a mulher que adquiriu maior prestígio dentre as esposas do líder. Neste mesmo ano, a empresa Paranacre comprou a terra onde se encontravam os Yawanawá. Com o ciclo da borracha já decadente, a pressão sobre os indígenas para cortar mais seringa era cada vez maior. Diferente do pai, Tuĩ Kuru teve sua liderança marcada por uma grande dispersão do povo e uma descentralização do poder do cacique. A negociação do látex era feita diretamente com os gerentes da Paranacre, sem o intermédio da liderança indígena e diversas famílias se instalaram



em pequenas colocações ao longo do rio Gregório. Segundo Ribeiro (2005), essa dispersão se deu, em grande parte, devido a disputas entre Raimundo Tuĩ Kuru e seus irmãos, relativas à divisão do gado deixado pelo pai.

Tuĩ Kuru foi um líder de personalidade complexa, cheia de aparentes contradições. Ao mesmo tempo em que o seu período de liderança foi marcado pela desunião do povo, foi também neste período que os yawanawá se viram livres da dominação dos patrões e conseguiram a demarcação da Terra Indígena Rio Gregório. Além disso, Tuĩ Kuru sempre foi considerado um grande conhecedor da cultura tradicional e eloquente contador dos *shenipahu* (narrativas míticas). Ao mesmo tempo, apoiou os missionários protestantes que se instalaram no Gregório pouco antes da morte de Iva Stiho, chegando a abrir mão de duas esposas para adequar-se à monogamia imposta por eles. Ribeiro (2005) explica que diferente dos padres católicos que visitavam as aldeias, os pastores evangélicos viviam junto com o povo no seringal Kaxinawá. Ao mesmo tempo que instalaram uma escola e alfabetizavam os Yawanawá, pregando a Bíblia, eles proibiam os rituais tradicionais de ayahuasca, assim como as práticas da pajelança e da poligamia. Este período de desestruturação da organização social do povo, imposição da língua portuguesa e dos costumes evangélicos, que teve início no começo da década de 1970, durou quase duas décadas.

Durante este período, era frequente os missionários enviarem jovens alfabetizados para estudar em Rio Branco com o objetivo de se tornarem pastores. Foi assim que uma geração de jovens Yawanawá começou a entrar em contato com movimentos sociais e o tiro dos missionários saiu pela culatra. Ribeiro (2005) aponta a criação da FUNAI, o contato com a UNI (União Nacional dos Índios) e com organizações não-governamentais, principalmente a Comissão Pró-Índio do Acre

(CPI)<sup>2</sup> como o divisor de águas que possibilitou a organização da juventude yawanawá pela reivindicação de seus direitos.

Principalmente através do contato com o antropólogo “Txai” Terri Vale de Aquino, Sales - o filho mais velho de Tuĩ Kuru - juntamente com os primos Biraci Brasil Nixiwaka e Roque Yawanawá, tornaram-se lideranças na reivindicação da demarcação da terra indígena e retornaram ao Gregório em 1987, para expulsar os missionários. Foi nessa mesma época que a CPI intermediava a criação das associações indígenas, visando a substituição dos barracões dos seringais. Era também uma época de mobilizações e protestos contra a construção da BR 364, que seria financiada pelo Banco Mundial.

A partir de 1988, Biraci Brasil Nixiwaka, filho de Tabita, considerada a filha preferida do cacique Antônio Luis, e até hoje lembrada como uma liderança feminina do povo yawanawá, tornou-se o principal ativista político do povo. Fundou a UNI-AC (União Nacional dos Índios do Acre) e começou a participar das articulações em torno da Assembleia Constituinte, junto com Aílton Krenak, então presidente da UNI. Este período que sucedeu a expulsão dos missionários foi marcado por uma desarticulação ainda maior do povo, que tendo a T.I. demarcada, espalhou-se ao longo do rio. Os jovens que articularam as mudanças passaram um tempo dispersos, trabalhando na cidade em diversas instituições.

A Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio 92 – marcou o percurso recente do povo yawanawá. O governo Collor havia recém demarcado terras indígenas, dentre elas a T.I. Rio Gregório, e Chico Mendes havia sido assassinado logo após uma visita a sede da ONU nos EUA. A Amazônia

---

<sup>2</sup> A CPI-Acre é uma organização não-governamental que foi fundada em 1979, em Rio Branco, cuja missão é “apoiar os povos indígenas do Acre em algumas de suas lutas pela conquista e o exercício de direitos coletivos – territoriais, linguísticos, socioculturais – por meio de ações que articulem a gestão territorial e ambiental das terras indígenas, a educação intercultural e bilíngue e as políticas públicas” (CPI/AC – Quem é a CPI/AC, 2012).

estava no foco das atenções mundiais. Segundo Ribeiro (2005, p.203),

Biraci Brasil, que se afastara do movimento indígena em 87 após a crise em torno do projeto da FUNAI para a exploração de madeira e implantação de pecuária na T.I. Rio Gregório, retorna em 92 ao Movimento a convite de Antônio Macedo e Aílton Krenak.

Ele participa do Parlamento da Terra, evento paralelo à Conferência da ONU e estabelece parceria de trabalho com a empresa de cosméticos AVEDA, cujo proprietário manifestava interesse em financiar projetos de produção de matérias-primas para seus produtos. Foi desenvolvido um projeto de plantio sustentável de urucum para ser comercializado com a empresa. A pressão de madeireiros e projetos de pecuária era grande na Amazônia. Segundo Ribeiro (2005, p.232), o principal princípio norteador do projeto proposto pela AVEDA era “fortalecer a economia da comunidade indígena para que esta pudesse resistir aos apelos dos empreendimentos econômicos que devastavam a Amazônia.” Biraci retornou ao Gregório, reuniu diversas famílias que haviam se desagregado da comunidade na nova aldeia Nova Esperança e fundou a Organização dos Agricultores e Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYRG) em 1993. Ele assumiu a liderança do grupo, dando continuidade a um projeto de resgate cultural que se iniciara com a expulsão dos missionários em 1987. Dentre as novas medidas adotadas pelo cacique, foi proibido o consumo e a comercialização de álcool na aldeia.

A liderança de Biraci foi marcada desde o início pelo empoderamento dos antigos e desprestigiados pajés, pela valorização da língua yawanawá e pela retomada de rituais tradicionais como a dança do *mariri*, as rodas de *uni* (ayahuasca), as caçadas e pescarias coletivas. Além disso, o novo cacique sempre priorizou a busca pela autonomia política e financeira de seu povo.

Como consequência da atuação de Biraci, uma série de rupturas políticas geraram o surgimento de novas aldeias ao longo do rio Gregório. O principal conflito, ocorrido com Raimundo Luis, rompeu o elo mais forte de parentesco do líder Biraci,

que é o que se estabelece entre sogro e genro – tio e sobrinho em um sistema de casamento entre primos cruzados. Raimundo Luis fundou a aldeia Mutum e articulou uma liderança paralela, aliando-se ao filho, Joaquim Tashkã, que era o principal embaixador do povo yawanawá fora da aldeia, articulador político e homem de confiança de Biraci. Hoje em dia, Tashkã continua articulando parcerias a nível nacional e internacional, liderando a aldeia Mutum e seus aliados políticos a partir de sua residência em Rio Branco. Assim como Biraci, vem investindo no turismo xamânico e incentivando a formação de jovens pajés segundo a tradição yawanawá.

#### **1.2.4 Situação Sociolinguística**

Em janeiro de 2010, foram contabilizados 565 indivíduos habitando a Terra Indígena Rio Gregório, sendo que destes, apenas 160 utilizam a língua de forma ativa na vida diária da comunidade. Destes 160 falantes ativos, 82 têm mais de 45 anos de idade. Outras 97 pessoas utilizam a língua de forma passiva, tendo o português como principal código de comunicação. O número de indivíduos monolíngues em língua portuguesa é de 308, sendo que dentre estes, 305 possuem menos de 45 anos. Constatou-se que a língua yawanawá vem sendo cada vez menos transmitida através das gerações e que esse processo de favorecimento da língua portuguesa teve início há aproximadamente 30 anos, após a morte e sucessão do líder Iva Stiho, a desestruturação da comunidade no contexto do declínio da economia da borracha e da instalação da escola por parte de missionários evangélicos (PRODOCLIN, 2010).

## 1.3 DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA

### 1.3.1 Projeto de Documentação

Documentar uma língua significa registrar, de modo sistemático e amplo, exemplos de seu uso em contextos culturais apropriados, os mais variados, visando à constituição de um corpus digital anotado. Documentar significa criar acervos sustentáveis digitais que registram o uso da língua. (MUSEU DO ÍNDIO-FUNAI, 2010).

Himmelman (2006) define a documentação como uma área cuja preocupação primária é compilar e preservar dados linguísticos primários, promovendo a interface entre esses dados primários e diversos tipos de análises linguísticas. Segundo Stenzel (2008, p.2)

o campo da documentação linguística se desenvolveu nos âmbitos internacional e nacional ao longo da última década, surgindo em consequência do reconhecimento da ameaça de perda da diversidade linguística mundial e para atender aos anseios de povos minoritários em preservar suas culturas e línguas para as gerações futuras.

Himmelman (2006) enfatiza que o risco de desaparecimento de uma língua é o maior incentivo para o trabalho de documentação, porém não é a única motivação para realizá-lo. A documentação linguística também fortalece a base empírica dos ramos da Linguística que lidam com dados de línguas pouco conhecidas, como a Tipologia.

O Yawanawá é considerado uma língua ameaçada e conta atualmente com um projeto de documentação, cujo objetivo é não apenas registrar as diversas situações de uso da língua, mas também estimular sua revitalização através de pesquisa, criação de materiais pedagógicos e interação com a escola indígena. Um dos primeiros produtos apresentados pela equipe deste projeto foi um censo, que mostra o estado de risco em que se encontra a língua yawanawá. A equipe é

formada por Maria Julia Kenemeni Yawanawá, Manoel Tikamatxuru da Silva Filho, Marcos de Almeida Matos, Ingrid Weber, Thiago Coutinho Silva e Livia Camargo Tavares.

### 1.3.2 O PRODOCLIN

O Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN) iniciou-se em 2009 por meio do Museu do Índio, órgão científico-cultural da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, sediado no Rio de Janeiro, com tradição na área de documentação e pesquisa do patrimônio indígena brasileiro. A iniciativa, coordenação e gestão do projeto são de responsabilidade das Dras. Bruna Franchetto e Mara Santos, em parceria com a FUNAI, a Fundação Banco do Brasil e a UNESCO. O PRODOCLIN consiste atualmente de 13 projetos individuais de documentação, cada um representando uma língua brasileira considerada ameaçada. Essas línguas foram selecionadas a partir de critérios estabelecidos pela UNESCO que determinam o grau de ameaça à sua sobrevivência: transmissão intergeracional, número absoluto de falantes, proporção de falantes em relação ao total da população, domínios cotidianos de uso da língua, comportamento da língua perante novos domínios de uso e perante a mídia, alfabetização e existência de materiais pedagógicos (UNESCO AD HOC EXPERT GROUP ON ENDANGERED LANGUAGES, 2003). Outro fator determinante na escolha das línguas a serem contempladas com projetos de documentação foi a atitude positiva das comunidades quanto à preservação e resgate linguístico e cultural.

Esses projetos produzem materiais definidos e a metodologia de coleta e armazenamento de dados seguem as normas de *best practice* estabelecidas na literatura sobre documentação linguística a partir dos projetos pioneiros DoBes e ELDP/SOAS (GIPPERT et al., 2006; AUSTIN, 2003). Inicialmente, um diagnóstico

sociolinguístico define o grau de vitalidade da língua. Em seguida, são gravadas em áudio e vídeo situações de uso da língua que sejam culturalmente relevantes e quanto mais diversas quanto for possível, assim como sessões de eliciações de dados, que incluem intuições metalinguísticas dos falantes e pesquisadores indígenas sobre sua própria língua. Operamos com dois componentes básicos na estruturação de dados primários: gravações individuais de eventos comunicativos (sessões) e um banco de dados lexicais. As sessões são categorizadas de acordo com parâmetros como gênero (ritual, narrativa, canto, conversa), grau de naturalidade (espontânea, elicitada), etc. e são acompanhadas de uma série de anotações de vários tipos, como: transcrição, tradução e análise interlinear dos enunciados. O banco de dados lexicais tem papel central no processo de anotação dos dados primários. Além da anotação, o tipo de informação mais primordial que acompanha cada sessão produzida são os metadados referentes a ela, que incluem, entre outros dados, o nome da sessão, a data e o local da gravação, os indivíduos envolvidos, o tipo de equipamento utilizado, a caracterização do conteúdo da sessão e as limitações de acesso ao material. Esses metadados permitem que se catalogue a informação disponível no projeto e que se organize a estrutura do *corpus* produzido. Outros produtos pré-definidos pelos projetos incluem um dicionário (construído a partir da base de dados lexicais); uma gramática básica; subsídios didáticos, materiais de leitura e de divulgação (livros de narrativas, vídeos, CDs, DVDs), assim como publicações de natureza científica.

Outra atividade central ao PRODOCLIN é atuar na formação de pesquisadores indígenas engajados, visando promover a autonomia da comunidade na tomada de decisões quanto aos motivos, objetos e métodos de documentação. A interação entre os pesquisadores dos projetos e a escola indígena também é uma forma de contribuir ativamente para a produção de conhecimento e colaborar com as necessidades dos professores das comunidades.

### 1.3.3 *Yawanawahãu Xinã*

O projeto *Yawanawahãu Xinã* (Memória do Povo Yawanawá) é um desses 13 subprojetos do PRODOCLIN e foi idealizado por Maria Júlia Kenemeni Yawanawá. Atualmente graduada em Letras pela Universidade Federal do Acre, ela é uma das filhas do falecido Raimundo Luis Tuĩ Kuru Yawanawá, que foi uma liderança importante do povo e um dos principais mestres da tradição oral yawanawá, como descrito na seção 1.3. Como professora da escola da aldeia Mutum, Júlia tomou consciência da necessidade de consolidar os conhecimentos tradicionais do povo de forma que possam ser transmitidos para as novas gerações. Seu pai foi a maior inspiração para sua iniciativa e o principal colaborador do projeto. O projeto foi concebido como uma forma de registrar os conhecimentos dos velhos e ampliar o alcance da tradição oral, com o apoio de novas tecnologias e a colaboração de pesquisadores parceiros. Júlia vem coordenando a equipe indígena do projeto e organizando a logística dos trabalhos na T.I. Rio Gregório.

Desta forma, o PRODOCLIN Yawanawá surgiu para suprir uma demanda interna do povo, se inserindo no projeto de resgate cultural da própria comunidade, que foi descrito e discutido nas seções anteriores deste capítulo. Essa questão vai ao encontro das ideias defendidas pela coordenadora geral do PRODOCLIN, que, pioneira na área de documentação no Brasil, enxerga a comunidade indígena como agente da documentação linguística e os pesquisadores indígenas como parceiros de trabalho. O projeto visa incentivar a permanência da língua yawanawá e dos conhecimentos e formas de vida que nela são expressos, levando em consideração as mudanças culturais, os avanços tecnológicos e as demandas do mundo moderno.



## 1.4 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada na análise linguística apresentada nessa dissertação esteve intimamente ligada ao trabalho de documentação linguística do Yawanawá. Os dois projetos vêm sendo desenvolvidos de forma paralela e integrada, de forma que o *corpus* textual produzido na documentação serve de *input* para a análise linguística apresentada nessa dissertação. Da mesma forma, a análise teórica desenvolvida aqui serve de instrumento para as interlinearizações dos textos, a gramática descritiva, o dicionário, e a melhor compreensão da língua como um todo, no contexto do projeto de documentação.

Na primeira viagem de campo, foi realizado um censo sociolinguístico e a gravação de 27 horas de diferentes gêneros de fala. Em uma segunda viagem, além de realizar uma oficina de capacitação de jovens pesquisadores na T.I., a equipe iniciou a elicitación de listas de palavras e sentenças para a criação de uma base lexical. Foi gerado um produto no formato do software *Toolbox* consistindo de 500 itens lexicais, com sentenças exemplificando o uso de cada um, gravadas em áudio e transcritas. A equipe também realizou mais dez horas de gravações, inclusive o registro das oficinas. Além disso, foi gerado um relatório de todo o trabalho realizado em campo e as cópias das gravações produzidas na primeira viagem foram entregues à comunidade, segundo o acordo estabelecido em reuniões de anuência.

Em uma terceira viagem de campo, a equipe realizou uma oficina de transcrição e tradução das gravações coletadas. Além disso, foram gravadas mais dez horas de situações de uso de fala. Um dos produtos deste projeto consiste na publicação de um livro, e a equipe idealizou uma coletânea das narrativas míticas contadas pelo recém-falecido Tuĩ Kuru Yawanawá, como uma forma de homenageá-lo. Assim, dez horas de gravações foram transcritas e traduzidas pelos pesquisadores indígenas e colaboradores das comunidades yawanawá.

Paralelamente ao trabalho de publicação do livro, a equipe realiza atualmente o trabalho de anotação linguística das narrativas. Estas traduções e anotações alimentam a base de dados, que cresce a cada dia, e assim, fica muito claro que a documentação e a descrição e análise de uma língua são campos de atuação que se complementam e se alimentam mutuamente.

A metodologia empregada para o desenvolvimento das análises apresentadas neste trabalho consistiu em 3 etapas. A primeira foi o estudo sistemático da gramática descritiva do Yawanawá e das demais línguas Pano: Katukina – Aguiar (1994), Kaxinawá – Camargo (1991), Shanenawa – Cândido (2004), Shipibo – Valenzuela (2003), Matsés – Fleck (2003), Matis – Ferreira (2006), Yaminahua – Faust & Loos (2002), Kashibo-Kakataibo – Zariquiey-Biondi (2011). A segunda foi a análise interlinear das transcrições do material audiovisual produzido no projeto de documentação, com base nesses trabalhos de referência. A partir desta etapa, muitas questões surgiram a respeito da natureza dos morfemas sendo analisados. A terceira etapa metodológica consistiu da sistematização dos dados do *corpus*, análise dos contextos de ocorrência das formas em questão, elaboração de hipóteses e realização de sessões de elicitación de paradigmas.

Os dados apresentados neste trabalho são fruto do trabalho realizado no projeto de documentação e estão organizados da forma descrita a seguir, com a exceção dos dados retirados das publicações *Yawanawahãu Wixi*, uma cartilha da língua yawanawá (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE et al., 2005), *Yawanawahãu Tãñaty*, livro de matemática, (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE et al., 2010) e *Name Awea?*, livro infantil (YAWANAWÁ & ZARZYKA, 2009).

Tabela 1: Fontes dos dados linguísticos

Referência	Fonte
PRODOCLIN, 2010	Sessões de elicitación de dados realizadas com Maria de Fátima Yawanawá em Rio Branco, durante a segunda quinzena de julho de 2010.
PRODOCLIN, 2011	Sessões de elicitación de dados realizadas com 4 falantes do Yawanawá na T.I. Rio Gregório – Manoel da Silva Filho, Manoel Pequeno, Olindina Luiza e Gilberto da Silva Yawanawá – entre a segunda quinzena de agosto e a primeira quinzena de setembro de 2011.
PRODOCLIN, 2012	Sessões de elicitación de dados realizadas com 2 falantes do yawanawá – Manoel da Silva Filho e Clécio Yawanawá - no Rio de Janeiro em maio de 2012.
Shenipahu	Narrativas míticas gravadas e transcritas ao longo do processo de documentação.

## 1.5 LÍNGUA

### 1.5.1 A Família Linguística Pano

Cerca de vinte e oito línguas da família pano são faladas na Amazônia ocidental, divididas em três países: Brasil, Peru e Bolívia. A população pano foi estimada em cerca de quarenta mil indivíduos, com aproximadamente trinta mil vivendo no Peru, sete mil e setecentos no Brasil e setecentos na Bolívia (ERICKSON, 1994, p.4-5). Segundo Valenzuela (2003, p.41), a maior parte dos povos e línguas pano têm nomes terminados no marcador de coletivo/plural *-bo* (*-hu*, em Yawanawá), ou na raiz *nawa*, que significa 'povo', 'estrangeiro' e possivelmente também 'inimigo'. É provável que muitos desses nomes tenham sido atribuídos a

uma etnia por membros de grupos vizinhos. É provável que o nome 'Pano' seja relativo à espécie de tatu gigante *Priodontes Maximus* (TESSMAN, 1999:58). De fato, o tatu-canastra, como é conhecido popularmente, recebe o nome de *panu* em Yawanawá.

A figura a seguir ilustra a localização das línguas Pano no sudoeste amazônico.

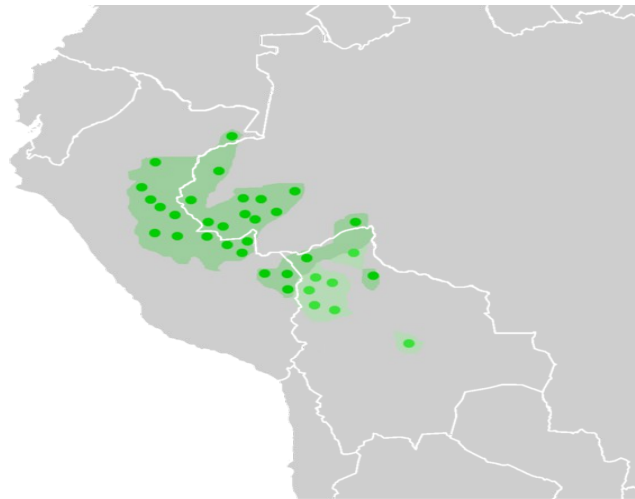


Figura 4: Distribuição das línguas Pano documentadas (verde-escuro) no sudoeste amazônico. Os pontos verde-claro indicam línguas da família Takana, considerada a mais próxima geneticamente (WIKIPEDIA COMMONS).

A família Pano foi delimitada a partir do estudo do francês Raoul de la Grassiere, em 1890, que constatou que “sete línguas americanas: o pano, o mayoruna domestica, o mayoruna fera, o maxuruna, o caripuna, o culino, o conibo e o pacavara, formam uma só família linguística” (GRASSIERE, 1890, p.438). Desde então, outras classificações foram propostas, como a de Brinton (1891), que amplia o número de línguas da família para dezoito, e Rivet & Tastevin (1927), que dividem a família em três grupos geográficos. Mason (1950) resumiu todas as

classificações até então realizadas. Segundo Valenzuela (2003), as classificações de Shell (1985) são as únicas realizadas pela aplicação sistemática do método comparativo. D'Ans (1973) propõe uma classificação que diverge da tradicionalmente aceita, mas segundo Valenzuela (2003, p.43), este autor foi muito criticado por ter aplicado o método léxico-estatístico e por não ter disponibilizado os dados sobre os quais realizou seus cálculos.

Loos (1999), produziu uma subclassificação da família, baseando-se em características morfológicas e fonológicas, assim como em itens lexicais cognatos entre as línguas. Segundo este autor, as línguas da família linguística pano apresentam muitas semelhanças, o que representa expansão e divisões recentes (LOOS, 1999, p.226). Valenzuela (2003) alia uma avaliação das diferentes propostas de subclassificação da família linguística às suas próprias observações, e conclui que ao menos seis agrupamentos diferentes devem ser postulados. Os nomes que a autora propõe para esses subgrupos baseiam-se na localização geográfica de uma ou mais línguas de cada um deles. A tabela a seguir traz as propostas de Loos (1999) e Valenzuela (2003), indicando o país onde cada língua é falada.

Tabela 2: Subclassificação das línguas Pano segundo Loos (1999) e Valenzuela (2003).

<b>Loos (1999): subgrupo Yaminawa Valenzuela (2003): subgrupo Purus</b>	
<b>língua</b>	<b>país</b>
Yaminawa	Peru, Brasil
Amawaca	Peru
Kashinawa/ Honikoin	Peru, Brasil

Sharanawa/Shanindawa/Chandinawa/ Inonawa/ Marinawa	Peru
Yawanawa	Brasil
Chitonawa	Brasil
Yoranawa/Nawa/Parquenawa	Peru
Moronawa	Brasil
Mastanawa	Peru
<b>Loos (1999): subgrupo Chacobo</b> <b>Valenzuela (2003): subgrupo Meridional</b>	
Chacobo	
Arazaire	Peru
Atsawaca	Peru
Yamiaka	Peru
Katukina/Camannawa/Waninnawa	Brasil
Pakawara	Bolívia
<b>Loos (1999): subgrupo Kapanawa</b> <b>Valenzuela (2003): subgrupo Ucayali</b>	
Kapanawa/Pahenbakebo	Peru
Shipibo/Konibo/Xetebo	Peru
Remo	Brasil
Marubo	Brasil
Waripano/Panobo/Pano	Peru
Isconawa	Peru
Kanamari/Taveri/Matoinahã	Brasil
<b>Loos (1999): Línguas sem agrupamento</b>	
<b>Valenzuela (2003): Subgrupo Ocidental ou Pré-Andino</b>	
Kashibo/Kacataibo/Komabo	Peru

Nukaman	Brasil
<b>Valenzuela (2003): Subgrupo Setentrional</b>	
Kulino	Brasil
Kaxarari	Brasil
Karipuna	Brasil
Poyanawa	Brasil
Tuxinawa	Brasil
Matses/Mayoruna	Brasil
<b>Valenzuela (2003): Subgrupo sul-ocidental (línguas extintas)</b>	
Yamiaka	
Atsawaka	
Arazaire	

Segundo Valenzuela (2003), as características tipológicas comuns a todas as línguas pano são as seguintes:

- a) ordem básica dos constituintes: AOV/SV;
- b) morfologia predominantemente aglutinante com tendência polissintética nos verbos;
- c) uso exclusivo de sufixos e posposições (algumas línguas apresentam prefixos relativos a partes do corpo);
- d) ausência de marcação pronominal no verbo ou auxiliar;
- e) ausência de concordância adnominal de qualquer tipo;
- f) alinhamento ergativo com diferentes tipos de cisão;

- g) sincretismo/polifuncionalidade envolvendo ergativo, instrumental, genitivo e outros casos oblíquos;
- h) tendência dos marcadores de caso ocorrerem apenas uma vez, no último elemento do sintagma nominal;
- i) uso de *clause-chaining* e um sistema relativamente complexo de *switch-reference*.

## 1.5.2 A Língua Yawanawá

De acordo com a tabela acima, considera-se que a língua Yawanawá pertença ao subgrupo Yaminawa, segundo a classificação de Loos (1999), ou Purus, segundo a classificação de Valenzuela (2003). A primeira e única descrição da língua foi realizada em 2004, por Aldir Santos de Paula. O seguinte esboço tipológico da língua baseia-se nesta gramática descritiva e nos dados produzidos no contexto do projeto de documentação.

### 1.5.2.1 Esboço Tipológico

Com o objetivo de comparar as estruturas gramaticais de línguas não-relacionadas geneticamente, os estudos tipológico-funcionais baseiam-se na análise de noções semânticas comuns que são expressas por estruturas gramaticais particulares em cada língua. Através de análise e comparação, constrói-se um grande corpo de conhecimento sobre gramática ao longo dos anos. Segundo Comrie (1984), enquanto a pesquisa dos universais linguísticos investiga os limites da variação translinguística, a tipologia preocupa-se com as possibilidades de variação.

As palavras do Yawanawá apresentam rica morfologia sufixal, predominantemente aglutinante. Isso quer dizer que cada morfema tende a apresentar apenas um significado. Em geral, a marca morfológica responsável por



estabelecer a relação entre núcleo e dependente em um sintagma recai sobre o elemento dependente. Como vemos nos sintagmas nominais em (1), os alomorfes nasais marcam o nome ou pronome que representa o possuidor (dependente) e não o nome possuído (núcleo).

(1)

a) e-wě                    vake  
 1S-PP(POSS)<sup>3</sup> filho  
 'meu filho'

b) Tika-ně                peshe  
 Tika-PP(POSS) casa  
 'casa do Tika.'

(PRODOCLIN, 2010)

Os sintagmas verbais também apresentam marcação no dependente. Vemos nas sentenças em (2) que as marcas de caso recaem sobre os argumentos nominais (dependentes) de um SV e não sobre o verbo (núcleo).

(2)

a) Ę                    mi-a            pake-a.  
 1S.PP(ERG) 2S-ACC    derrubar-PRF  
 'Eu te derrubei.'

b) Tika-ně                manakati    tsek-a.  
 Tika-PP(ERG)    dente        arrancar-PRF  
 'Tika arrancou dente.'

(PRODOCLIN, 2010)

Comrie (1984) apresenta uma série de parâmetros considerados relevantes na comparação da ordem básica dos constituintes sentenciais e sintagmáticos das línguas. Destaca a ordem dos constituintes principais da sentença – sujeito, verbo, objeto – e a ordem dos constituintes internos aos sintagmas nominais. O Yawanawá apresenta padrões de ordem de constituintes em que o núcleo ocupa posição final. Temos SOV em sentenças transitivas (3a) e SV em intransitivas (3b).

<sup>3</sup> Utilizo as glosas PP(ERG), PP(POSS) e PP(INS) para tratar da mesma posposição, que assume diferentes funções.

(3)

- a) Ë katsu rete-a.  
 1S.PP(ERG) veado matar-PRF  
 'Eu matei veado.'

- b) Meshti reku-i.  
 lenha queimar-PROG  
 'A lenha está queimando.'

(PRODOCLIN, 2010)

Ao tratar da ordem dos constituintes internos ao sintagma nominal, Dryer (2007) atribui diferentes níveis de complexidade aos modificadores. Os simples são artigos, demonstrativos, adjetivos ou numerais; os complexos, genitivo, possessivo, ou orações relativas.

O Yawanawá não apresenta artigos, mas um sistema tripartite de demonstrativos (proximal, médio e distal), que exerce tanto uma função pronominal (4a), quanto de determinante (4b). No caso de comportar-se como determinante, o demonstrativo antepõe-se ao nome.

(4)

- a) Na-hu atxi-na-i-mê?  
 DEM.PROX-PL pegar-RECP-PROG-INT  
 'São esses que estão brigando?'

- b) Ua kape ewa-pa.  
 DEM.DIST jacaré crescer-RES  
 'Aquele jacaré é grande.'

(PRODOCLIN, 2010)

De acordo com o que se espera de uma língua com padrões de núcleo final, os numerais cardinais em Yawanawá são modificadores que ocorrem em posição pós-nominal, como vemos em (5).

(5)

- a) katsu rave  
 veado dois  
 'dois veados'
- b) shashu westi  
 canoa um  
 'uma canoa'

(PRODOCLIN, 2010)

Segundo Dryer (2007), a noção de 'adjetivo' pode denotar tanto noções semânticas descritivas que codificam propriedades, independente de comportamento gramatical, ou uma classe de palavras que se define a partir de características morfossintáticas. Em muitas línguas, verbos ou nomes podem codificar essa semântica adjetival.

Em Yawanawá, verbos estativos (6a) ou processuais (6c) expressam noções adjetivais e podem receber flexão de aspecto progressivo (6b-c), perfeito (6c) ou resultativo (6d).

(6)

a) peshe txaka

casa estragar-se

'casa ruim (estragada)'

b) peshe txaka-i

casa estragar-se-PROG

'A casa está ficando ruim (se estragando)'

c) vakehu ewa / ewa-i

criança crescer.PRF/ crescer-PROG

'A criança cresceu.' / 'A criança está crescendo.'

d) vakehu ewa-pa

criança crescer-RES

'A criança está grande.'

(PRODOCLIN, 2010)

Segundo Dryer (2007), o sintagma nominal modificador em uma construção genitiva ou de posse é chamado 'possuidor', enquanto que o nome nuclear denota a entidade possuída. A gama de significados expressos por essas construções nome-nome é muito ampla, podendo denotar posse, parentesco, relações de parte-todo, etc. Enquanto uma relação de parte-todo pode ser expressa por um nome possuidor anteposto a um núcleo sem qualquer tipo de marcação morfológica (7a), para expressar relações de parentesco (7b) e posse (7c), o yawanawá apresenta a ordem Possuidor-Possuído, com um morfema indicador de posse sufixado ao possuidor.

(7)

a) katsu nami  
veado carne  
'carne de veado'

b) e-wẽ kuka  
1S-PP(POSS) tio.materno  
'meu tio (materno)'

c) Tika-nẽ peshe  
Tika-PP(POSS) casa  
'casa do Tika'

(PRODOCLIN, 2010)

De acordo com o que se espera de uma língua de padrão núcleo-final, o Yawanawá apresenta posposições, como podemos observar em (8). Segundo o universal de número 2, de Greenberg (1967), este parâmetro também está relacionado à ordem genitivo-nome, que verificamos em (7).

(8)

a) Pixĩ **vetxi** usha.  
esteira sobre dormir.PRF  
'(Alguém) está dormindo sobre a esteira.'

b) Mã **a-ve** ka-tãn-a-mẽ?  
2PL. DEM.MED-COM ir-DIR-PRF-INT  
'Vocês andaram com ele?'

(PRODOCLIN, 2010)

Mais um padrão de línguas de núcleo final é a tendência a apresentar sufixos, que o universal 27 de Greenberg relaciona diretamente ao parâmetro posposicional. Vemos em (9a) que a partícula de negação *-ma* é sufixada à expressão sendo negada, assim como o morfema nominalizador *-ti* é sufixado ao verbo. Em (9b), o morfema desiderativo *-pai* sufixa-se à raiz verbal.

(9)

a) Ë pi-ti wa-**ma**  
1S.PP(ERG) comer-NMLZ.INS fazer.PRF-NEG  
'Eu não fiz comida.'

- b) **Ë**                      Yawanawa-haũ                      tsãi                      tapĩ-pai.  
 1S.PP(ERG) yawanawa-PL.PP(POSS)                      língua                      aprender-DES.  
 'Quero aprender a língua dos Yawanawá.'                      (PRODOCLIN, 2011)

Segundo Paula (2004), o Yawanawá apresenta um alinhamento ergativo-absolutivo, que marca os sujeitos de verbos transitivos de forma diferenciada dos objetos e sujeitos de verbos intransitivos.

O caso ergativo é formalmente marcado, e realiza-se através de um morfema sufixal {-n} e seus alomorfes, que se juntam ao nome que ocupa o núcleo do SN com função de agente numa construção sintática com verbo transitivo. Já o caso absolutivo não possui uma marca formal foneticamente realizada e ocorre quando um nome em posição nuclear de SN tem a função de sujeito de um verbo intransitivo ou de paciente de um verbo transitivo. (PAULA, 2004, p.44)

No capítulo 4, apresento uma proposta de análise da marcação de caso, de forma que esta exposição pretende ser meramente descritiva. Vemos este padrão nas sentenças em (10), nas formas iguais de 'mulher' como sujeito de verbo intransitivo (10a) e objeto (10b), e sua marcação diferente como sujeito do verbo transitivo em (10c):

(10)

- a) **Awĩhu**                      itxu-a  
 mulher                      correr-PRF  
 'A mulher correu (fugiu).'

- b) A-tũ    **awĩhu**                      kuxa.  
 DEM.MED-PP(ERG)                      mulher                      bater.PRF  
 'Ele bateu na mulher.'

- c) **Awihãu**                      yuma                      pitxã.  
 mulher.PP(ERG)                      peixe                      cozinhar.PRF  
 'A mulher cozinhou peixe.'                      (PRODOCLIN, 2012)

O comportamento descrito acima aplica-se somente a nomes plenos; o sistema pronominal apresenta uma cisão na marcação de caso que distingue participantes (primeira e segunda pessoa) de não participantes do discurso (terceira

pessoa). Enquanto a terceira pessoa se comporta da mesma forma que os nomes plenos, a primeira e a segunda pessoa apresentam padrão de marcação nominativo-acusativo. Assim, os pronomes relativos a participantes apresentam uma só forma em posição de sujeito, seja de verbos transitivos ou intransitivos (11a,b), e assumem outra forma em posição de objeto, como vemos em (11c):

(11)

a) Ë /Mĩ itxu-a.  
1S/2S correr-PRF  
'Eu corri.' / 'Você correu.'

b) Ë /Mĩ yuma pitxã.  
1S/2S peixe cozinhar-PRF  
'Eu cozinhei peixe.' / 'Você cozinhou peixe.'

c) A-tũ e-a /mi-a pake-a  
DEM.MED-PP(ERG) 1S-ACC/2S-ACC cair-PRF  
'Ele me derrubou.' / 'Ele derrubou você.'

(PRODOCLIN, 2012)

Vemos que o padrão de marcação de caso da língua é cindido de acordo com o tipo de expressão nominal envolvida na sentença. Vemos tanto um padrão ergativo absolutivo (nomes e pronomes relativos a não-participantes do discurso), quanto um padrão nominativo-acusativo (pronomes relativos a participantes do discurso). Discuto e analiso esta cisão nos capítulos 3 e 4.

## 1.6 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Realizei, neste capítulo introdutório, um apanhado da situação sociopolítica e linguística da comunidade yawanawá, situando o povo tanto no contexto indígena brasileiro, quanto no contexto da família pano, do sudoeste amazônico. Apresentei também, um esboço tipológico da língua. Busquei contemplar os estudos científicos

existentes sobre os Yawanawá e apresentar um panorama histórico e político do povo, assim como um panorama tipológico da língua, baseando-me tanto nesses trabalhos, quanto nos dados do projeto de documentação e no que pude observar durante dois anos de contato com a comunidade. Apesar da situação altamente ameaçada da língua, o contexto sócio-cultural de valorização e retomada dos costumes tradicionais, protagonizado pela autonomia política dos caciques, é altamente propício para a revitalização linguística do Yawanawá. As análises que apresento nos próximos capítulos têm o objetivo de difundir o conhecimento sobre a língua e fortalecer o projeto de documentação.

## 2 FONOLOGIA

*O som inaugural é tatibitate e vento*  
(Manoel de Barros)



## 2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, realizo uma revisão da fonologia do Yawanawá, com foco no padrão acentual e sua interação com a estrutura silábica. Por se tratar de uma dissertação sobre as expressões nominais em Yawanawá, o foco das análises apresentadas neste capítulo recai sobre os nomes, mas busco realizar um estudo abrangente da fonologia da língua, utilizando, quando necessário, exemplos de palavras verbais para ilustrar os processos fonológicos em questão. Parto da tese de Paula (2004) e proponho algumas implementações, buscando contemplar os dados coletados no âmbito do PRODOCLIN. A base lexical do projeto contém cerca de mil itens isolados, transcritos e traduzidos a partir de gravações realizadas com quatro falantes que têm o Yawanawá como língua materna: dois homens e duas mulheres, todos com mais de 40 anos. As gravações foram realizadas entre julho de 2010 e junho de 2012 na T.I. Rio Gregório, na cidade de Rio Branco-AC, e no Museu do Índio, na cidade do Rio de Janeiro-RJ<sup>4</sup>.

O capítulo se organiza da seguinte forma: na seção 2.2, apresento o inventário fonológico elaborado por Paula (2004); na seção 2.3, trato da estrutura silábica, com foco específico na noção de peso e mora; na seção 2.4, apresento minha análise do padrão acentual do Yawanawá e sua interação com o peso silábico; na seção 2.5 trato da nasalização, que é um dos principais fenômenos fonológicos da língua; na seção 2.6 proponho uma análise para a alomorfia do morfema ergativo; e por fim, na seção 2.7, apresento as equivalências entre a ortografia e a fonologia, com intenção de adotar a escrita ortográfica ao longo desta dissertação.

---

<sup>4</sup> Ver seção 1.4 para maiores informações.

## 2.2 OS FONEMAS

Este capítulo baseia-se no inventário fonológico desenvolvido por Paula (2004). Este autor afirma ter aplicado a metodologia da fonêmica tradicional para sistematizar os fonemas do Yawanawá, baseando-se em critérios de contraste e distribuição complementar, conforme Pike (1947). Ele identifica quinze fonemas consonantais, como mostro a seguir, na tabela 3:

Tabela 3: fonemas consonantais segundo Paula (2004, p.54):

	labial	lábio-dental	alveolar	retroflexa	palatal	velar	glotal
oclusiva	p		t			k	
fricativa	β		s	ʂ	ʃ		h
africada			ts		tʃ		
tepe			r				
nasal	m		n				
aproximante	w				j		

Segundo este autor, o fonema /β/ pode ser realizado foneticamente tanto como a fricativa labial [β] quanto como a fricativa lábio-dental [f], em variação livre. Observo, porém, que esta variação não-contrastiva ocorre apenas no caso de /β/ seguir uma consoante fricativa em posição de coda silábica, como em (1). Não temos [f] em início de palavra e nem em posição de ataque silábico seguindo uma vogal, ou outra consoante que não seja fricativa.

(1)

a) [aʂ.'fa] → 'boca'

b) [ris.'fĩ] → 'corda'

(PRODOCLIN, 2010)

Outra observação importante é que a oclusiva glotal [ʔ] pode ocorrer no final de palavras oxítonas seguindo vogais orais curtas (2). Este ambiente é previsível, porém o processo não é obrigatório e varia entre falantes. Parker (1994, p.97)

observa o mesmo processo ocorrendo opcionalmente em Huariapano (Pano).

(2)

a) [a.'kaʔ] ~ [a.'ka] 'socó'

b) [pi.'nuʔ] ~ [pi.'nu] 'beija-flor'

(PRODOCLIN, 2010)

Da mesma forma que Cândido (2004) e Valenzuela (2003), proponho que devido ao caráter não-distintivo e à previsibilidade de ocorrência da oclusiva glotal, ela não pertence ao inventário de fonemas da língua.

Segundo o sistema proposto por Paula (2004), o Yawanawá tem 4 fonemas vocálicos orais. As vogais nasais são interpretadas por ele como sequências (Vn), assim, a nasalidade vocálica seria decorrente do contato da vogal oral com uma consoante nasal em posição de coda silábica. Esta ideia está diretamente relacionada à interpretação deste autor para a nasalização, que será tratada na seção 2.5. Segue o inventário das vogais por ele estabelecido:

Tabela 4: fonemas vocálicos segundo Paula (2004, p.54)

	anterior	central	posterior
alta	i	ɨ	u
média			
baixa		a	

Na interpretação deste autor, as vogais longas são realizações fonéticas e não contrastam fonologicamente com as curtas. Ele representa as vogais longas como uma sequência de duas vogais. Observo, porém, a partir de dados coletados no âmbito do PRODOCLIN, que o contraste entre vogais longas e curtas pode distinguir significados, como vemos nos exemplos em (3):

(3)

a) [ã.'na:] → 'língua'

b) [ã.'na] → 'açacu'

c) ['u:.ni] → 'cipó'

d) [u.'ni] → chegar.PST.REM → 'chegou'

(PRODOCLIN, 2012)

A existência de vogais longas está diretamente relacionada à estrutura silábica e ao padrão de acentuação da língua, que serão discutidos nas próximas seções.

## 2.3 ESTRUTURA SILÁBICA

### 2.3.1 Padrões silábicos

Segundo Paula (2004, p.72), a fórmula (C)V(C) representa o molde silábico da língua Yawanawá, que apresenta quatro possibilidades: CV, V, VC e CVC, sendo a primeira a mais recorrente. “Todos os padrões ocorrem em posição tônica e pré-tônica e não existem restrições de ocorrência em início, meio e final de palavra”, a não ser por V, que pode constituir palavra mínima e ocorrer em início e final de palavras (Paula, 2004, p.74). Proponho que V de fato possa constituir a palavra mínima na língua, mas que, nesse caso, V é necessariamente uma vogal longa, o que constitui uma sílaba pesada e atrai o acento. Discuto esta questão na próxima seção, que trata do peso silábico. Além disso, diferentemente deste autor, não observo restrição à ocorrência de V em meio de palavras, como podemos constatar nos exemplos em (4).

(4)

a) hiana – [hĩ.'ã.na] → pegar.PRF.RECP → 'se casaram'

b) maina – [ma:.i.'na] → 'magro'

(PRODOCLIN, 2010)

Paula (2004) afirma não haver restrições de ocorrência para as posições de ataque e núcleo silábicos. Qualquer vogal pode compor o núcleo e qualquer

consoante pode compor o ataque de uma sílaba. Vemos em (5) palavras com cada um dos fonemas consonantais ocorrendo em posição de ataque silábico, com cada uma das vogais no núcleo, e entre duas instâncias da mesma vogal.

(5)

/p/

#_a	[pa.'ni]	'rede'
#_i	[pi.'i]	'folha'
#_i	[pi.'ti]	'comida'
#_u	[pu.'ku]	'tripa'
V_V	[pu.'pu]	'coruja'

/t/

#_a	[ta.'ka]	'fígado'
#_i	[ti.'ʒu]	'pescoço'
#_i	[ti.'pi]	'utensílio para aplicar rapé'
#_u	[tu.'ru]	'círculo'
V_V	[ti.'ti]	'gavião'

/k/

#_a	[ka.'pa]	'quatipuru'
#_i	[ki.'ti]	'prato'
#_i	[ki.'ʃi]	'coxa'
#_u	[kus.'ku]	'urubu'
V_V	[ka.'kã]	'abacaxi'

/m/

#_a	[ma.'ki]	'piranha'
#_i	[mi.'tu]	'farinha'
#_i	[mi.'si]	'peixe piau preto'
#_u	[mu.'ti]	'pote'
V_V	[i.'mi]	'sangue'

/n/

#_a	[na.'pi]	'mosca'
#_i	[ni.'a]	'jacamim'
#_i	[ni.'hu]	'escorpião'
#_u	[nu.'ku]	'chegar'
V_V	[nu.'nu]	'boiar'

/β/

#_a	[βa.'ki]	'filho'
#_i	[βi.'ru]	'olho'

	#_i	[βi.'mi]	'fruta'
	#_u	[βuβ.'ta]	'nuvem'
	V_V	[βa.'βa]	'neto'
/s/			
	#_a	[sa.'tã]	'caracol'
	#_i	[si.'ni]	'nambu pedrez'
	#_i	[si.'ã]	'chorar'
	#_u	[su:.i.'ka]	'estar inchado'
	V_V	[mi.'si]	'peixe piau preto'
/ʃ/			
	#_a	[ʃa.'ra]	'bom'
	#_i	** <sup>5</sup>	
	#_i	[ʃi.'pi]	'macaco soim'
	#_u	[ʃu.'ri]	'jurití'
	V_V	[ʃi.'ʃi]	'quati'
/ʒ/			
	#_a	[ʒa.'pu]	'algodão'
	#_i	[ʒi.'ta]	'bico'
	#_i	** <sup>6</sup>	
	#_u	[ʒu.'ki]	'tucano'
	V_V	[ʒu.'ʒu]	'muda de planta'
/h/			
	#_a	[ha.'tu]	'qual'
	#_i	[hi.'ʃ]	'calango'
	#_i	[hi:]	'pegar'
	#_u	[hu.'ka]	'irara'
	V_V	[u.'hu]	'testículos'
/ts/			
	#_a	[tsa.'na.si]	'cotiara'
	#_i	[tsi.'ka]	'arrancar'
	#_i	[tsi.'ni]	'espremendo'
	#_u	[tsu.'a.ti]	'cana de açúcar'
	V_V	[a.'tsa]	'mandioca'
/tʃ/			
	#_a	[tʃa.'pu]	'grilo'
	#_i	[tʃi.'ʃi]	'amadurecer'

<sup>5</sup> Não encontrado.

<sup>6</sup> Não encontrado. Isso sugere que a fricativa palatal não ocorre antes da vogal alta central e que a fricativa retroflexa não ocorre antes da vogal alta anterior. Ambas são restrições fonotáticas do Proto-Pano (Shell, 1985).

	#_i	[ˈtʃi:]	'fogo'	
	#_u	[tʃu.ˈju]	'marianita'	
	V_V	[tʃi.ˈtʃi]	'avó materna'	
/r/				
	#_a	[ra.ˈβi]	'dois'	
	#_i	[ri.ˈkĩ]	'nariz'	
	#_i	[ri.ˈru]	'macaco da noite'	
	#_u	[ˈru:]	'macaco capelão'	
	V_V	[mi.ri.a.ˈri]	'urucuri'	
/w/				
	#_a	[wa.ˈka]	'água'	
	#_i	[wis.ˈti]	'um'	
	#_i	[wi.ˈta.ʃi]	'canela (parte do corpo)'	
	#_u	**7		
	V_V	[a.ˈwa]	'anta'	
/j/				
	#_a	[ja.ˈwa]	'queixada'	
	#_i	[jĩ.ˈni]	'cigarra'	
	#_i	**8		
	#_u	[ju.ˈxĩ]	'espírito'	
	V_V	[ja.ˈja]	'tia paterna'	(PRODOCLIN, 2010-2012)

Há restrições de ocorrência nas posições de coda silábica. A coda interna pode ser ocupada pelas fricativas /s/, /ʃ/, e /ʒ/, precedendo um ataque silábico formado por oclusiva, nasal, ou a fricativa bilabial. No *corpus* analisado, apenas /ʒ/ precede a fricativa labial /β/. O fonema /ʒ/ também precede a nasal /n/ mas não /m/, e as oclusivas /k/ e /p/, mas não /t/. O fonema ʃ em coda interna pode preceder /k/, /t/ e /m/, mas não /p/. Já /s/ pode preceder /k/, /p/, /t/ e /m/, mas não foi encontrado seguindo /n/.

As aproximantes /j/ e /w/ também podem ocupar a coda interna. No *corpus* analisado, /w/ ocorre seguindo a vogal /a/ e /j/ ocorre seguindo /a/ e /u/ em codas

<sup>7</sup> Não encontrado. É também uma restrição fonotática do Proto-pano (Shell, 1985).

<sup>8</sup> Não encontrado. É também uma restrição fonotática do Proto-pano (Shell, 1985).

internas. As palavras em (6) ilustram os segmentos<sup>9</sup> que podem ocupar a posição de coda interna<sup>10</sup>.

(6)

/ʃ/

[aʃ.'fa]	'boca'
[huʃ.'ka]	'dor de cabeça'
[paʃ.'pa]	'sapinho verde'
[kiʃ.'ni]	'barba'

/ʃ/

[huʃ.'ki]	'pênis'
[iʃ.'tʃi]	'estrela'
[kuʃ.'ma.ru]	'macucau'

/s/

[nis.'ti]	'ralador'
[kus.'ku]	'urubu'
[pas.'pi]	'ponta de lança'
[is.'mu.hu]	'macaco cairara'

/j/

[nuj.na.'ma]	'inimigo'
[ 'maj.na]	'da terra'

/w/

[ 'tsaw.ti]	'banco'
-------------	---------

(PRODOCLIN, 2010-2012)

Apenas as nasais<sup>11</sup> e as aproximantes podem ocupar a posição de coda final, como vemos em (7).

(7)

- a) [a.'mĩ]                'capivara'  
 b) [i., ʃi.ʃi.'wã]        'surubim'

<sup>9</sup> Paula (2004) afirma que a nasal /n/ pode ocorrer na posição de coda interna, mas defende, na seção 2.5, que a nasalidade em sílabas internas seja decorrente de vogais nasais.

<sup>10</sup> Paula (2004) afirma também que a fricativa /h/ pode ocorrer na posição de coda interna, porém, as duas palavras apresentadas por ele (reproduzidas abaixo, como no original) parecem apresentar aspiração fonética, cuja ocorrência varia entre falantes. Observo este fenômeno principalmente após vogais altas seguidas da fricativa /ʃ/. Não há palavras que apresentem contraste entre /h/ e os demais fonemas em posição de coda silábica.

/t h pa/ 'preto'  
 /kakahma/ 'não quer ir'

(Paula, 2004, p.84)

<sup>11</sup> Ver seção 2.5 sobre nasalização.



- c) ['kãj]                 'araracanga'  
d) [sa.'paj]             'perereca'  
e) ['raw]                 'remédio'   (PRODOCLIN, 2010-2012)

Segundo Paula (2004), a coda final também pode ser ocupada pelas fricativas /s/ e /ʃ/, mas nem o próprio autor e nem o corpus do projeto de documentação apresentam palavras com o fonema /ʃ/ em posição de coda final. Ele oferece apenas um exemplo de palavra com /s/ nesta posição (8a), que pode ser uma instância de elisão da vogal átona final, se compararmos com (8b), retirada do corpus do PRODOCLIN, (2010-2012).

(8)

- a) /tsanas/ 'cotiara'<sup>12</sup>  
b) [tsa.'na.si] 'cotiara'

Segundo Loos (1999, p.231), é comum nas línguas pano que as vogais sejam elididas em posições átonas. Um ambiente que propicia este processo é uma terceira sílaba átona aberta em final de palavra, que é justamente o que parece estar ocorrendo no exemplo acima. Assim, parece correto afirmar que apenas as nasais e as aproximantes ocupam a coda final.

### 2.3.2 Peso Silábico

A proposta que introduzi acima a respeito das vogais longas serem fonologicamente distintas das curtas está diretamente relacionada à noção de peso silábico. O peso silábico refere-se à propriedade das sílabas de serem leves ou pesadas, de acordo com sua estrutura interna. A mora ( $\mu$ ) é a unidade abstrata de tempo que mede o peso silábico – as sílabas pesadas têm duas e as leves têm uma (HAYES, 1989).

---

<sup>12</sup> O exemplo foi mantido em seu formato original, como em Paula (2004, p.79).

Observo que as palavras monossilábicas do Yawanawá são sempre pesadas, ou seja, devem ter ao menos duas moras de duração. Nesta língua, uma sílaba projeta duas moras se o núcleo for composto por uma vogal longa ou se tiver uma aproximante em coda. Consoantes não-aproximantes em posição de coda não projetam mora. Assim, proponho que a palavra mínima da língua consista em uma vogal longa, que projeta duas moras: /a:/. Adoto o símbolo (V:) para indicar que uma vogal é longa, fonologicamente distinta da contraparte curta. As palavras em (9) são exemplos de monossílabas pesadas por terem uma vogal longa.

(9)

a) ['a:] → DEM.MED

b) ['ni:] → 'mata'

c) ['hu:] → 'cabelo'

d) ['vi:] → 'carapanã'

e) [ʔi:] → '1S.PP(ERG)'

(PRODOCLIN, 2010-2012)

Esta característica dos monossílabos estabelece que a palavra mínima do Yawanawá tem ao menos um pé. Essa questão está diretamente relacionada ao padrão de acentuação da língua, que é o tópico da próxima seção. Mas antes de tratar do acento, mostro o comportamento dos ditongos em relação ao peso vocálico.

### 2.3.3 Vocoides

Paula (2004, p.88) explica que “os glides e as vogais cognatas apresentam a mesma estrutura de traços e são definidos em termos da posição nuclear ou não que ocupam na sílaba.” Tendo a mesma estrutura interna, as vogais e as aproximantes constituem a classe dos vocoides, segundo Clements e Hume (1995). Encontramos as seguintes sequências de vocoides em Yawanawá.

(10)

a) ai → [i.na.mi.'tsaj] 'comerciante'	[sa.'paj] 'perereca'	
b) ia → [ni.'a] 'de pé'	[pi.'a] 'flecha'	
[ja.'pa] 'piaba'	[ja.'ja] 'tia paterna'	
c) ai → [sha.'i] 'tamanduá-bandeira'	[ta.'i] 'pé'	
d) ia → [i.'a] '1S.ACC'	[ni.'a] 'jacamim'	
e) ii → [pi.'i] 'folha' <sup>13</sup>		
f) au → ['taw] 'paxiúba'	['tsaw.ti] 'banco'	
g) ua → [tu.'a] 'sapo canoeiro'	[tsu.'a.ti] 'cana de açúcar'	
[wa.'ka] 'água'	[wa.'si] 'capim'	
h) iu → [i'.u] 'jia'		
i) ui → [ni.'wi] 'vento'	[wi.'tsa] 'outro'	
j) iu → [ju.'ma] 'peixe'	[tʃu.'ju] 'marianita'	[juj.na.'hu] 'pássaros'
k) ui → [tʃu.ku] 'macaco prego'	[tʃu.'ju] 'marianita'	[juj.na.'hu] 'pássaros'

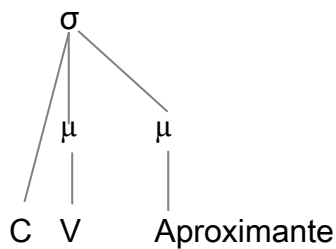
(PRODOCLIN, 2010-2012)

As vogais /a/ e /i/ são sempre núcleos silábicos. Quando ocorrem adjacentes a um núcleo, projetam outra sílaba. Já as vogais altas /i/ e /u/ podem constituir um núcleo silábico se forem longas (V:), ou se houver uma consoante no ataque da sílaba. Caso sejam curtas e ocupem posição adjacente a uma vogal nuclear, são reduzidas a aproximantes. No caso de um desses segmentos ocorrer como semivogal pós-nuclear, ele projeta uma mora e atribui peso à sílaba (11a), surtindo o mesmo efeito que uma vogal longa no núcleo (11b). Caso ocorram precedendo o núcleo, esses segmentos são reduzidos a aproximantes em posição de ataque e não afetam o peso silábico.

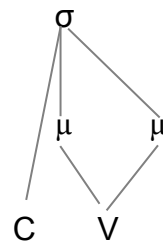
<sup>13</sup> A sequência /ii/ não foi encontrada. A mesma restrição ocorre no Proto-Pano. (Shell, 1985, p.93)

(11)

a) Sílabas pesadas com ditongo



b) Sílabas pesadas com vogal longa



## 2.4 ACENTO <sup>14</sup>

O pé é um constituinte métrico, que apresenta um pico de proeminência acentual e um vale, sendo que a ocorrência deste último elemento não é obrigatória. Proponho que em Yawanawá, temos pés moraicos, que podem ser constituídos de uma só sílaba, caso ela tenha duas moras. O tipo de pé é indicado pela localização do acento: troqueus ('μμ) apresentam proeminência à esquerda e iambos (μμ'), à direita, segundo Hayes (1995).

Segundo Paula (2004, p.105), “o acento recai, à exceção dos monossílabos, na última sílaba da palavra, e quando qualquer material morfológico é acrescentado à mesma, o acento desloca-se para a última sílaba da palavra.” Proponho, porém, que o Yawanawá apresenta um padrão iâmbico de acentuação, com pés moraicos formados da esquerda para a direita, com o acento primário recaindo no primeiro pé completo, da direita para a esquerda. Este padrão se mostra nas palavras com número par de sílabas, que recebem acento na última sílaba (12e-g), e se comprova nos trissílabos (13), que não recebem acento na sílaba final, pois esta não constitui um pé completo.

<sup>14</sup> O Yawanawá, da mesma forma que Shell (1985) propõe em relação ao Proto-Pano, tem dois tons: alto e baixo. O tom alto coincide com o acento tônico e o tom baixo com o acento átono. Devido a esta regularidade, minha análise se deterá apenas ao acento nesta dissertação.

Vemos em (12a-d) palavras dissílabas com acentuação iâmbica ( $\mu\mu'$ ). Palavras com quatro sílabas (12e-g) apresentam o acento primário na sílaba final e um acento secundário na antepenúltima sílaba: uma sequência de dois iampos.

(12)

- a) [u.'wa] → flor
- b) [ma.'pu] → cabeça
- c) [ka.'tsu] → veado
- d) [kus.'ku] → 'urubu'
- e) [nu.,wi.ta.'pa] → 'muito gostoso'
- f) [pa.,ʃĩ.ni.'pa] → 'amarelo'
- g) [va.,ki.na.'ti] → 'útero'

(PRODOCLIN, 2010-2012)

O padrão se comprova nas palavras com número ímpar de sílabas porque estas apresentam duas possibilidades de análise para o acento. Podemos considerar que a última sílaba forma um pé por si só, ou que a sílaba escapa à metrificação. Estou propondo que o Yawanawá constrói pés iâmbicos da esquerda para a direita. Assim, se considerarmos que a última sílaba de uma palavra com número ímpar de sílabas forma um pé por si só, ela deve ser acentuada, pois o pico proeminente é o elemento obrigatório na composição de um pé. Vemos, em (13), porém, que a tendência da língua é não acentuar as últimas sílabas de palavras com número ímpar de sílabas. Assim, temos um iambo seguido de uma sílaba que não se submete à metrificação (*unparsed*), de acordo com o modelo ( $\mu\mu'$ )  $\mu$ .

(13)

- a) [ka.'ra.ta] → 'rim'
- b) [ka.'rã.pa] → 'onça de igapó'
- c) [na.'ka.fj] → 'cupim'

(PRODOCLIN, 2010-2012)

Este padrão sugere que a língua Yawanawá não permite a formação de pés degenerados. Como estou sugerindo que os pés são moraicos, isto quer dizer que uma sílaba com apenas uma mora não pode formar um pé. Esta ideia vai ao encontro da proposta de que os monossílabos são sempre pesados e que as

palavras têm ao menos um pé.

As derivações em (14) e (15) mostram a tendência do Yawanawá a formar iampos. Em (14), temos uma primeira etapa (14a) em que o nome [a.'wĩ.hu] 'mulher' é derivado a partir de [a.'wĩ] 'esposa'. Nesta etapa, o nome trissilábico gerado apresenta um iambo seguido de uma sílaba não-acentuada, ou seja, não metrificada. Na segunda etapa (14b), o nome [a.'wĩ.hu] é pluralizado e gera [a.,wĩ.hu.'hu], com quatro sílabas e dois iampos.

(14)

a) [a.'wĩ] + [hu] → [a.'wĩ.hu] (μμ')μ  
'esposa' NMLZ 'mulher'

b) [a.'wĩ.hu] + [hu] → [a.,wĩ.hu.'hu] (μμ')(μμ')  
'mulher' PL 'mulheres'

(PRODOCLIN, 2010)

Paralelamente, em (15a), temos uma primeira etapa em que [i.'wa.pa] 'grande' é derivado de [i.'wa] 'crescer'. Temos um iambo seguido de uma sílaba não-acentuada. Em (15b), derivamos [i.,wa.pa.'ma] 'pequeno', a partir de [i.'wa.pa] 'grande', e temos uma sequência de dois iampos.

(15)

a) [i.'wa] + [pa] → [i.'wa.pa] (μμ')μ  
'crescer' RES 'grande'

b) [i.'wa.pa] + [ma] → [i.,wa.pa.'ma] (μμ')(μμ')  
'grande' NEG → 'pequeno'

(PRODOCLIN, 2010)

É importante observar as consequências da relação entre alongamento vocálico e peso silábico sobre o padrão acentual da língua. Uma sílaba que tem uma vogal longa no núcleo, ou uma aproximante em posição de coda, projeta duas moras, formando um pé. Sendo o acento o elemento obrigatório da constituição do pé, é de se esperar que uma sílaba pesada receba acento (seja ele primário ou secundário). Observo que isto realmente ocorre, e que o padrão iâmbico se mantém.

Este fato justifica a necessidade de considerarmos tanto moras quanto sílabas para descrever o acento em Yawanawá: duas moras tautossilábicas formam um pé iâmbico.

Em (16), mostro os passos da atribuição de acento a uma palavra que apresenta sílaba pesada. Em (16a), a primeira sílaba da palavra é pesada, devido à presença de uma aproximante em posição de coda. Esta sílaba projeta duas moras, formando um pé iâmbico. O acento primário da palavra é atribuído ao primeiro pé completo, formado da direita para a esquerda, e assim, a sílaba pesada recebe acento secundário.

Em (16b), a primeira sílaba da palavra é pesada devido ao núcleo vocálico longo [i:] e portanto, projeta duas moras, formando um pé iâmbico. A segunda sílaba da palavra projeta apenas uma mora, não formando um pé completo. O acento primário é atribuído ao primeiro pé completo da direita para a esquerda, neste caso, o único pé completo da palavra.

(16)

a) \* (atribuição de acento primário a nível da palavra)  
 [μμ'] [μ μ'] (formação de pés moraicos iâmbicos)  
 [ˌnuj.na.'ma] → 'inimigo'

b) \* (atribuição de acento primário a nível da palavra)  
 [μμ'] μ (formação de pé moraicico iâmbico)  
 ['Ti:.ka] → nome próprio (PRODOCLIN, 2010)

Além disso, existem pares mínimos (17), que se distinguem pelo alongamento da vogal, que conseqüentemente atrai o acento. Em (17a), a palavra [jã.'tã] 'tarde' projeta duas moras, por não possuir sílaba pesada. A palavra forma um pé iâmbico, com acento primário na última sílaba. Já ['jã:.tã] 'segurou', tem um núcleo vocálico longo na primeira sílaba, que portanto, projeta duas moras e forma um pé. Este é o único pé completo da palavra - já que a segunda sílaba é átona - e ele recebe o

acento primário. Da mesma forma, em (17b), [i.'tʃa] 'juntar' forma apenas um pé iâmbico. Já [i:.'tʃa] 'xingar' tem a primeira sílaba pesada, que forma o único pé iâmbico completo e atrai o acento primário da palavra, sendo seguido por uma sílaba átona.

(17)

- a) \* (atribuição de acento primário a nível da palavra)  
 [μ μ'] [μμ'] μ (formação de pés moraicos iâmbicos)  
 [jã.'tã] → 'tarde' [jã:.'tã] → 'segurou'
- b) \* (atribuição de acento primário a nível da palavra)  
 [μ μ'] [μμ'] μ (formação de pés moraicos iâmbicos)  
 [i.'tʃa] → 'juntar' [i:.'tʃa] → 'xingar'
- (PRODOCLIN, 2012)

Em (18) também observa-se a interação entre o peso silábico e o padrão iâmbico de acentuação. O nome para 'macaco cairara' é formado a partir de duas raízes: [tʃu.j.ku] 'macaco prego' e [u.'ʃu.pa] 'branco'. Segundo Loos (1999, p.231), a elisão de uma vogal átona final é um processo comum nas línguas pano. Aqui, elide-se a vogal átona final da primeira palavra do composto, formando uma palavra fonológica com dois pés iâmbicos completos seguidos de uma sílaba monomoraica. O acento primário é atribuído ao primeiro pé completo da direita para a esquerda.

(18)

- \* (atribuição de acento primário a nível da palavra)  
 [μμ'] μ [μ μ'] μ [μμ'][μ μ'] μ (formação de pés moraicos iâmbicos)  
 [tʃu.j.ku] + [u.'ʃu.pa] → [tʃu.j.ku.'ʃu.pa]
- (PRODOCLIN, 2010)

Vimos nesta seção que o padrão iâmbico é bastante regular em Yawanawá, com uma relação estreita entre peso silábico e acento. Sílabas pesadas, ou seja,



com duas moras, formam um pé iâmbico e podem constituir palavras monossilábicas. Vemos, assim, a importância do alongamento vocálico para o padrão acentual da língua, já que vogais longas projetam duas moras e constituem uma sílaba pesada, conseqüentemente acentuada.

## 2.5 NASALIZAÇÃO

Paula (2004, p.104) propõe que a nasalização seja um fenômeno de assimilação regressiva que espalha o traço [+nasal] de uma consoante a uma vogal precedente, com localidade restrita à sílaba e direcionalidade da direita para a esquerda. Observo em (19) que a direcionalidade da assimilação se comprova. Mostro, porém, que o traço nasal se espraia para além do domínio da sílaba nestas instâncias de sufixação do morfema aumentativo [wã].

(19)

a) [ka.'pa] → [ka.'pã.wã]  
'quatipuru' 'quatipuru grande'

b) [ku.'ma] → [kũ.'mã.wã]  
'nambu' 'nambu grande'

c) [a.'ka] → [a.'kã.wã]  
'socó' 'socó grande'

(PRODOCLIN, 2010-2012)

Além disso, mostro em (20), que o traço nasal se espraia para a esquerda mesmo em palavras morfológicamente simples. Em (20a), o traço [+nasal] poderia estar se espraçando desde a coda ou desde o ataque da última sílaba até o núcleo da primeira. Já em (20b), vemos que de fato é a nasal em posição de ataque silábico que espraia o traço para o núcleo da sílaba precedente. Em (20c-e), assim com em

(19a), vemos que uma consoante não-aproximante bloqueia o espriamento do traço nasal.

(20)

a) [kã.'mã] → 'cachorro'

b) [kã.'na] → 'arara canindé'

c) [ka.'kã] → 'abacaxi'

d) [pa.'hĩ.ki] → 'orelha'

e) [ra.'tũ.ku] → 'joelho'

(PRODOCLIN, 2010-2012)

A afirmação de Paula (2004) relativa à possibilidade da nasal /n/ ocupar a posição de coda silábica<sup>15</sup> reflete diretamente a interpretação deste autor para a nasalização na língua. Segundo ele, não há vogais nasais do ponto de vista fonológico, sendo a nasalidade vocálica decorrente do contato da vogal com a consoante nasal que se encontra na coda da mesma sílaba. Ele assume um arquifonema /N/, que não tem ponto de articulação, e postula uma regra de nasalização regressiva de coda para núcleo, seguida por uma regra de apagamento da nasal em coda. Argumento que esta regra apresentada por Paula (2004) explica a nasalização em final de palavra, mas mostro que temos uma consoante nasal latente, com ponto de articulação definido, não se tratando de um arquifonema.

Paula (2004) aponta como consequência de sua regra de nasalização, o fato de que, em contextos de sufixação, o segmento nasal em posição de coda da base não pode ressilabificar e constituir o ataque da sílaba seguinte. Este autor apresenta os exemplos em (21), em que não há ressilabificação da nasal.

(21)

a) /u.a.kun.i.ua/ → [ua'kũ iw'a]<sup>16</sup>  
     favo mãe 'abelha'

b) /u.ʃin.u.ʃin/ → [u.ʃi.u.ʃi]  
     vermelho vermelho 'vermelhão'

(PAULA, 2004, p.103)

<sup>15</sup> Ver na seção 2.3.1 as consoantes que podem ocorrer em posição de coda silábica.

<sup>16</sup> Mantenho o formato original de apresentação de dados deste autor.

Vemos em (22), porém, algumas instâncias do que parece ser a ressilabificação da coda nasal. Inicialmente, parece que poderíamos considerar a proposta de Paula (2004) de que a nasal subjacente em posição de coda silábica não tem especificação de ponto de articulação. Teríamos que assumir, portanto, que o ponto coronal seria *default* em caso de ressilabificação, já que nesses exemplos, a nasal emerge sempre como /n/:

(22)

- |                |   |      |   |                           |                        |
|----------------|---|------|---|---------------------------|------------------------|
| a) [i.'sĩ]     | + | [pa] | → | [i.,sĩ.ni.'pa]            |                        |
| 'doer'         | + | RES  | → | (pessoa/animal) 'valente' |                        |
| b) [ĩ.'nĩ]     | + | [pa] | → | [ĩ.,nĩ.ni.'pa]            |                        |
| 'cheirar'      | + | RES  | → | (pessoa/coisa) 'cheirosa' |                        |
| c) [u.'ʃĩ]     | + | [pa] | → | [u.ʃĩ.ni.'pa]             |                        |
| 'ser.vermelho' | + | RES  | → | 'cor vermelha'            |                        |
| d) [pa.'ʃĩ]    | + | [pa] | → | [pa.ʃĩ.ni.'pa]            |                        |
| 'ser.amarelo'  | + | RES  | → | 'cor amarela'             | (PRODOCLIN, 2010-2012) |

A ressilabificação da coda nasal não ocorre no caso do nominalizador /ti/ sufixar-se a algumas dessas mesmas bases.

(23)

- |             |   |          |   |             |                        |
|-------------|---|----------|---|-------------|------------------------|
| a) [pa.'ʃĩ] | + | [ti]     | → | [pa.'ʃĩ.ti] |                        |
| 'amarelo'   | + | NMLZ.INS | → | 'urucum'    |                        |
| b) [ĩ.'nĩ]  | + | [ti]     | → | [ĩ.'nĩ.ti]  |                        |
| 'cheirar'   | + | NMLZ.INS | → | 'perfume'   | (PRODOCLIN, 2010-2012) |

Poderia-se questionar se é o traço [labial] do ataque do morfema *-pa* que engatilha a ressilabificação, mas existem instâncias de sufixação de um morfema iniciado por consoante labial em que não ocorre a ressilabificação da coda nasal.

(24)

[ta.'pĩ]	+	[paj]	→ [ta.'pĩ.paj]	
'aprender'		DES	→ 'quer aprender'	(PRODOCLIN, 2010)

Proponho que a explicação para este fato remeta a um processo fonológico comum à maioria das línguas Pano. As palavras monomorfêmicas do Proto-Pano, ou Pano-Reconstruído (SHELL, 1985) têm duas ou três sílabas, com acento na penúltima sílaba. Em sua maioria, os trissílabos do Proto-Pano foram reduzidos a duas sílabas nas línguas pano atuais. Perde-se a última vogal átona, e a consoante em posição de ataque da última sílaba torna-se a coda da penúltima, ou sofre apagamento. Alguns contextos, porém, mostram que esta terceira sílaba permanece subjacente e aparece em formas de superfície. Parece que estamos nos deparando com um desses contextos em Yawanawá (ver exemplo 22). Veremos na seção 2.6 que este processo também é relevante na marcação de caso nos nomes.

Shell (1985) mostra que algumas das palavras que apresento em (22) são trissilábicas em Proto-Pano: /o.'jĩ.ni/; /pa.'jĩ.ni/. Sendo assim, proponho que todas as palavras em (22) sejam trissilábicas em forma subjacente e que a sufixação de /ti/ engatilhe o apagamento da coda vocálica da base. Nas línguas Pano atuais, são comuns os encontros consonantais (*clusters*), que surgem devido à perda de uma vogal em palavras morfologicamente complexas (SHELL, 1985, p.93). A sufixação de /pa/ a essas mesmas bases, por sua vez, não engatilharia este processo fonológico.

Tendo em vista estas consoantes latentes<sup>17</sup>, oriundas do apagamento de uma vogal átona final, proponho que a regra de nasalização vocálica no Yawanawá também ocorra de forma semelhante. Assim, teríamos, de fato, uma coda nasal espraiando seu traço para a vogal nuclear precedente, como propõe Paula (2004). Porém, por ser oriunda do ataque de uma terceira sílaba cujo núcleo átono sofreu

<sup>17</sup> O exemplo (6c) da seção 3.2.1 traz mais uma instância de sílaba latente.

apagamento, esta nasal tem ponto de articulação definido ao emergir nas formas de superfície. Em (25), vemos que a nasal subjacente que emerge em fronteira morfológica, formando o ataque da terceira sílaba *mi* tem ponto de articulação labial. Já em (26), a nasal subjacente que emerge na fronteira morfológica, formando o ataque da terceira sílaba tem ponto de articulação coronal.

(25)

[i.'nã]	+	[i.'tsa]	+	[aj]	→	[i.,nã.mi.'tsaj]	
'dar'	+	ITR	+	NMLZ.AG	→	'comerciante'	(PRODOCLIN, 2012)

Em (26), vemos que não é o fato do sufixo em (25) ser iniciado por vogal que exerce efeito sobre o ponto de articulação da nasal. Há sufixos iniciados por vogais que engatilham a formação de uma terceira sílaba com ataque nasal coronal (26a,b).

(26)

a) [kã.'wã]	+	[i]	→	[kã.'wã.ni]	
'passar'	+	PROG	→	'passando'	
b) [kã.'wã]	+	[a]	→	[kã.'wã.na]	
'passar'	+	PRF	→	'passou'	(PRODOCLIN, 2012)

Assim, a regra proposta por Paula (2004) para explicar o processo de nasalização de um núcleo vocálico em final de palavra é consistente com esses dados. Parece necessário apenas acrescentar que as sílabas latentes são o local de origem da consoante nasal que espraia a nasalidade ao núcleo vocálico adjacente. Essas sílabas átonas finais existem na forma subjacente das raízes, emergindo nas formas de superfície apenas em alguns casos, como vimos nos exemplos (22-26). Essas sílabas latentes com consoante nasal perdem a vogal átona final<sup>18</sup> e a nasal é ressilabificada como coda da sílaba anterior, espraçando a nasalidade ao núcleo vocálico à esquerda.

<sup>18</sup> Processo produtivo nas línguas pano, segundo Loos (1999, p.231). Na seção 2.4, mostro as consequências desse processo fonológico sobre o padrão acentual.

É importante ressaltar, porém, que existem instâncias de nasalização, como mostro em (27), que são internas a uma raiz e não podem ser explicadas pela regra acima. Nesses casos, não há um possível local de origem de uma nasal subjacente que origine o processo de nasalização.

(27)

a) [a.'jã.ʂi] → 'timbó'

b) [mã.'nĩ.a] → 'banana'

c) [pa.'hĩ.ki] → 'ouvido'

d) [ra.'tũ.ku] → 'joelho'

(PRODOCLIN, 2010-2012)

Sendo assim, parece necessário postular a existência de vogais nasais do ponto de vista fonológico em Yawanawá. A nasalidade, portanto, pode ser: 1) decorrente do espraiamento, da direita para a esquerda, do traço de uma consoante nasal que ocupa o ataque silábico adjacente (seja a sílaba latente ou não); 2) vocálica.

## 2.6 ALOMORFES ERGATIVO/ POSSUIDOR/ OBLÍQUO

Valenzuela (2003) aponta que uma das características tipológicas das línguas da família Pano é exibir o mesmo tipo de marcação morfológica para o ergativo, o instrumental, o genitivo e outros casos oblíquos<sup>19</sup>. Em Yawanawá, a marca morfológica destes casos se realiza de diferentes formas em nomes plenos e sugiro que as regras de acento e nasalização apresentadas ao longo deste capítulo podem explicar esta alomorfia.

Proponho que o morfema em questão seja /nĩ/. Ao sufixar-se a uma base com sílaba final átona, o sufixo forma uma nova sílaba acentuada, como vemos em (28).

<sup>19</sup> A marcação de caso será analisada no capítulo 4.

(28)

- a) ['Ti:.ka] → [Ti:.ka.'nĩ] nome próprio  
 b) [pa.'ja.ti] → [pa., ja.ti.'nĩ] 'abanador'  
 c) ['tuj.ku] → [tuj.ku.'nĩ] 'macaco prego' (PRODOCLIN, 2010 – 2012)

Caso a base tenha a sílaba final tônica, a nova sílaba formada pelo sufixo /nĩ/ é átona e não metrificada. Proponho que neste caso se dá o apagamento da vogal átona final, forçando o ataque nasal a ocupar a coda da sílaba anterior. Vimos na seção sobre nasalização que este é um processo produtivo nas línguas pano. Assim, temos os exemplos em (29), cujas formas de superfície têm a vogal final nasalizada.

(29)

- a) [ʃa.'ja] + [nĩ] → /ʃa.'ja.nĩ/ → [ʃa.'jã] nome próprio  
 b) [ka.,pa.ku.'ru] + [nĩ] → /ka.,pa.ku.'ru.nĩ/ → [ka.,pa.ku.'rũ] nome próprio  
 c) [Ta.'ta]+ [nĩ] → /Ta.'ta.nĩ/ → [Ta.'tã] nome próprio  
 d) [ja.'wa] + [nĩ] → /ja.'wa.nĩ/ → [ja.'wã] 'queixada'  
 e) [vi.'ni] + [nĩ] → /vi.'ni.nĩ/ → [vi.'nĩ] 'marido'  
 f) [Kã.,mã.ʃa.'ka] + [nĩ] → /Kã.,mã.ʃa.'ka.nĩ/ → [Kã.,mã.ʃa.'kã] nome próprio  
 (PRODOCLIN, 2010 - 2012)

No caso da base ter a sílaba final acentuada, porém com a posição de coda já preenchida, o processo descrito acima é bloqueado e o sufixo /nĩ/ forma uma sílaba átona, como em (30).<sup>20</sup>

(30)

- [ru.,we.'ʃaw] + [nĩ] → [ru.,we.'ʃaw.nĩ] 'computador'

(PRODOCLIN, 2010)

Temos ainda algumas instâncias de alomorfes aparentemente irregulares, como vemos em (31).

<sup>20</sup> É importante notar que a oclusiva glotal, por ser inserida opcionalmente, em decorrência da atribuição do acento, não faz parte da raiz e não afeta esse processo.

(31)

a) [ti.'ti] → [ti.'ti.pã] 'gavião'

b) [ka.'pi] → [ka.'pi.t̃i] 'jacaré'

c) [ra.'βi] → [ra.'βi.tã] 'dois'

(PRODOCLIN, 2010 – 2012)

Essas palavras são instâncias de trissílabos do Proto-Pano que têm a última sílaba apagada nas formas de superfície em Yawanawá - /ti.'ti.pa/, /ka.'pi.ti/, /ra.'bi.ta/ - (SHELL, 1985). Ao receberem a sufixação de /ñi/ em sua forma subjacente, formam uma sequência de duas sílabas não-acentuadas. Assim, da mesma forma que em (29), a vogal final é apagada e o ataque nasal torna-se coda da sílaba anterior, nasalizando o núcleo vocálico. A diferença aqui é que a sílaba final que tem seu núcleo nasalizado não é acentuada.

(32)

a) [ti.'ti] → /ti.'ti.pa/ + /ñi/ → /ti.'ti.pa.ñi/ → [ti.'ti.pã] 'gavião'

b) [ka.'pi] → /ka.'pi.ti/ + /ñi/ → /ka.'pi.ti.ñi/ → [ka.'pi.t̃i] 'jacaré'

c) [ra.'βi] → /ra.'βi.ta / + /ñi/ → /ra.'βi.ta.ñi/ → [ra.'βi.tã] 'dois'

(PRODOCLIN, 2010 – 2012)

Vemos, portanto, que a alomorfa relativa à marcação dos casos ergativo, possuidor e oblíquos pode ser explicada pelas regras de acentuação e nasalização propostas neste capítulo.

## 2.7 CORRESPONDÊNCIAS ORTOGRÁFICAS

Adoto, ao longo desta dissertação, a escrita ortográfica da língua yawanawá. Essa decisão baseia-se na intenção de tornar os dados desta dissertação, oriundos do projeto de documentação da língua, acessíveis a qualquer falante escolarizado da língua. Apresento na tabela 3 o alfabeto da língua yawanawá, segundo a cartilha *Yawanawahãu Wixi* (2005, p.7), acrescentando os devidos equivalentes fonéticos:



Tabela 5: correspondências ortográficas

<a> [a]	<k> [k]	<e> [ɛ]	<f> [f] <sup>21</sup>
<h> [h]	<i> [i]	<m> [m]	<n> [n]
<p> [p]	<r> [r]	<s> [s]	<sh> [ʃ]
<t> [t]	<ts> [ts]	<tx> [tʃ]	<u> [u]
<v> [β]	<x> [ʃ]	<w> [w]	<y> [j]
<ã> [ã]	<ẽ> [ẽ]	<ĩ> [ĩ]	<ũ> [ũ]

## 2.8 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Busquei realizar neste capítulo uma revisão da fonologia do Yawanawá, com foco no padrão acentual e sua interação com a estrutura silábica. Mostrei que a língua apresenta um padrão consistente de acentuação iâmbica, com uma relação estreita entre peso silábico e acento. Sílabas bimoraicas são pesadas, seja devido ao alongamento do núcleo vocálico, seja pela presença de uma aproximante em coda, e formam pés iâmbicos. Além disso, vimos que uma série de processos fonológicos aparentemente irregulares podem ser explicados pela presença de consoantes latentes em final de palavras, oriundas de uma terceira sílaba átona que sofre apagamento. Um desses processos é a sufixação do morfema de caso ergativo/possuidor/oblíquo, que pode ter seu núcleo vocálico apagado, realizando-se apenas como uma nasal. As análises apresentadas neste capítulo serão constantemente revisitadas no decorrer dos próximos capítulos, em que serão analisadas a estrutura das expressões nominais e a sintaxe da marcação de caso.

<sup>21</sup> [f] alofone de /β/ seguindo consoante fricativa.

### 3 AS EXPRESSÕES NOMINAIS

*Ninguém pode articular uma sílaba  
que não esteja cheia de ternuras e temores;  
que não seja em alguma dessas linguagens  
o nome poderoso de um deus.*

(Jorge Luis Borges)

### 3.1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é descrever as expressões nominais em Yawanawá, explorando sua estrutura e a morfologia de seus componentes: nomes, determinantes e modificadores. Argumento que o sintagma nominal é complemento de um núcleo funcional D, intermediado por uma projeção nP; uma estrutura paralela a dos sintagmas verbais. Descrevo os diferentes tipos de relação que se estabelecem entre os nomes, as construções de posse existentes na língua e, por fim, exploro os principais processos de nominalização deverbais.

### 3.2 O SINTAGMA NOMINAL

#### 3.2.1 Nomes

Segundo Baker (2003, p.96), os nomes apresentam um componente de significado que possibilita perguntar se X é igual a Y, pois somente os nomes têm critério de identidade e podem servir como padrão de igualdade. Esta propriedade torna os nomes particularmente adequados à função referencial, já que é fundamental que uma referência possa designar sempre a mesma entidade. Esta definição vai ao encontro da noção apresentada por Givón (1984, p.51) e Payne (1997, p.33) de nomes como entidades temporalmente estáveis.

Além desta definição semântica, existem diversos critérios morfossintáticos para a identificação de nomes em uma dada língua. Segundo Baker, somente nomes podem ser restritores (*restrictors*) de quantificadores como 'cada', 'todos', 'alguns' e 'nenhum'. Além disso, este autor aponta que uma generalização translinguisticamente robusta é que apenas sintagmas nominais podem ocorrer com artigos que marcam distinções como definido ou indefinido e específico ou não-específico. Ainda segundo ele, os numerais e expressões de cardinalidade, inclusive

marcações de singular e plural são restritas a ambientes nominais<sup>22</sup>. Os sintagmas nominais também se definem por serem antecedentes de pronomes no discurso e por serem os argumentos canônicos de uma sentença – sujeito, objeto e objeto de uma adposição.

Mostro a seguir de que forma cada um desses critérios se expressa nos sintagmas nominais em Yawanawá. Em (1), vemos o nome comum *katsu* 'veado' e o nome próprio *Kamãshaka* como argumentos do verbo transitivo *rete* 'matar'. Os nomes comuns podem ocorrer nus ou acompanhados de demonstrativos, numerais, ou outros nomes. A língua não apresenta artigos e os nomes nus são neutros em relação à definitude. Isso quer dizer que a expressão nominal *katsu* que ocupa a posição de objeto em (1) apresenta mais de uma possibilidade de leitura, como mostro a seguir.

(1)

a) **Kamãshakã**                      **katsu**    rete-a.

Kamãshaka.PP(ERG) veado    matar-PRF

'Kamãshaka matou veado.' / 'Kamãshaka matou o/um veado.'

(PRODOCLIN, 2010)

Além de serem neutros quanto à definitude, os nomes comuns nus em Yawanawá também são neutros para número. Isso quer dizer que a expressão em (1a) tem ainda mais uma possibilidade de leitura, como vemos em (1b):

b) **Kamãshakã**                      **katsu**    rete-a.

Kamãshaka.PP(ERG) veado    matar-PRF

'Kamãshaka matou veados.'

(PRODOCLIN, 2010)

Através de morfologia sufixal e modificadores, é possível especificar o referente de um nome, tanto em relação à definitude (como mostro na próxima seção) como em relação a número. Como vimos em (1), os nomes ocorrendo sem

<sup>22</sup> Esta generalização não parece se sustentar em Yawanawá. Mostro no exemplo (7) que o mesmo marcador de pluralidade ocorre tanto em contexto nominal quanto em contexto verbal.

qualquer marca de número podem denotar entidades no singular ou no plural. Corbett (2001, p.10) chama de *general number* esse tipo de sistema em que um nome pode ser expresso sem fazer referência a número. Este autor mostra que a língua cuchítica Bayso, por exemplo, tem três formas morfológicas diferentes para denotar um nome comum: a forma genérica, a forma singular e a forma plural. Mas sistemas com três formas morfológicas distintas como este não são comuns. Tipologicamente, é mais regular encontramos sistemas em que a forma genérica de um nome é idêntica ou à forma do plural ou à do singular. Este é o caso do Yawanawá, em que o singular e o genérico não se distinguem morfológicamente. Por isso, a referência de *katsu* 'veado' em (1) é vaga em relação a número: pode indicar uma ou mais entidades. É possível especificar o número do referente de uma expressão nominal de duas formas. A primeira é através de um morfema de plural, *-hu* sufixado ao último nome da expressão nominal, como vemos em (2):

(2)

a) yura → yura-**hu**  
 pessoa    pessoa-PL  
 'pessoa'    'pessoas'/'gente'

b) shashu → shashu-**hu**  
 canoa    canoa-PL  
 'canoa'    'canoas'

c) Yawanawa-**hu**  
 Yawanawa-PL  
 'povo Yawanawá'

(PRODOCLIN, 2010)

d) Awa, katsu, unu,    huni-**hu**,    a-**hu**    keya-ki-nu  
 anta veado catitu    queixada-PL    DEM.MED-PL    alto-POSP-CONJ

isu-**hu**    itxu-i.  
 macaco.preto-PL    correr-PROG

'Anta, veado, catitu, queixada; esses e os do alto, macacos pretos corriam.'

(*Shenipahu Puyai Hunihu*)

Vemos que o morfema de plural pode sufixar-se a nomes comuns (2a,b,d) e próprios (2c), animados (2a,c,d) ou inanimados (2b). Vemos ainda que este morfema sufixa-se ao último elemento de uma expressão nominal complexa, como ocorre na sequência de nomes de animais em (2d): [*awa, katsu, unu, huni*]-*hu*. Apesar do morfema de plural estar sufixado ao último nome apenas, ele pluraliza todos os itens do sintagma nominal. O exemplo (2d) mostra ainda que a expressão nominal complexa é retomada pelo pronome demonstrativo plural *ahu*, evidenciando mais uma propriedade dos sintagmas nominais: a de serem antecedentes de pronomes no discurso (BAKER, 2003, p.98).

A segunda forma de especificar o número do referente de uma expressão nominal é através de um numeral posposto ao nome (3). A presença de um numeral não engatilha a sufixação do sufixo de plural *-hu*.

(3)

a) Kamãshakã                      katsu   rave   rete-a.  
 Kamãshaka.PP(ERG)   veado   dois   matar-PRF  
 'Kamãshaka matou dois veados.'

b) A                      rave-inũ-rave-tã                      shashu   hu-a.  
 DEM.MED   dois-CONJ-dois-PP(ERG)   canoa   levar-PRF  
 'Eles quatro levaram a canoa.'                      (PRODOCLIN, 2010)

Além de poderem receber morfologia de número, os nomes em Yawanawá também podem receber os sufixos aumentativo *-wã* (4) e diminutivo *-xta* (5).

(4)

a) peshe → peshe-*wã*  
 casa   casa-AUM  
 'casarão'

b) kamã → kamã-ne-*wã*  
 cachorro   cachorro-LAT<sup>23</sup>-AUM  
 'cachorrão'

<sup>23</sup> Em (4b-c), temos uma sílaba latente. Ver seção 2.5.

- c) iyã → iyã-ne-wã  
 lago lago-LAT-AUM  
 'lago grande'
- d) Niwe-wã-nē peshe pake-a.  
 vento-AUM-PP(ERG) casa cair-PRF  
 'A tempestade derrubou a casa.'

(5)

- a) kamã → kamã-xta  
 cachorro cachorro-DIM  
 'cachorrinho'
- b) Shatxi-xta-tũ tari kuxa-i.  
 Shatxi-DIM-PP(ERG) roupa bater-PROG  
 'A pequena Shatxi está batendo roupa.' (PRODOCLIN, 2010)
- c) Peshe-xta tsau-a.  
 casa-DIM sentar-PRF  
 'Havia uma casinha.' (Shenipahu Tua Yuxĩhu)

Retornando aos critérios de definição de Baker (2003), as expressões nominais em Yawanawá caracterizam-se por poderem ser argumentos de verbos, como já vimos nos exemplos anteriores, e posposições<sup>24</sup> do tipo locativo/posicional (6a-b), comitativo (6c) e instrumental (6d). Argumento no capítulo 4 que a marca de caso ergativo e de possuidor também são posposições.

(6)

- a) A yuina peshe neneri ni-a.  
 DEM.MED pássaro casa debaixo estar.em.pé-PRF  
 'O pássaro está embaixo da casa.'
- b) Pixĩ vetxi usha.  
 Esteira sobre dormir.PRF  
 '(Alguém) está dormindo sobre a esteira.'

<sup>24</sup> Por considerar a marca de ergativo uma posposição, como discuto no capítulo 4, não defino como uma característica dos nomes poderem receber morfemas referentes à marcação de caso.

c) Mã                    a-ve                    ka-tã-n-a-mẽ?  
 2PL.PP(ERG) DEM.MED-COM    ir-DIR-LAT-PRF-INT  
 'Vocês andaram com ele?'

d) Nãimahũ                    ruwe-shau-nẽ                    wixa-i  
 Nãimahu.PP(ERG)    ferro-osso-PP(INS)                    escrever-PROG  
 'Naimahu está escrevendo com instrumento de ferro (computador).'

(PRODOCLIN, 2011)

Além disso, os nomes também são restritores de quantificadores e apresentam uma distribuição que os divide em duas classes: nomes contáveis e nomes massivos. Segundo Payne (1997, p.41), essa distinção se dá entre nomes que podem ser contados e nomes que se referem a substâncias como água, areia, ar, etc. Em geral, essas duas classes de nomes selecionam quantificadores distintos, e este é o caso do Yawanawá, como vemos em (7).

Em (7a), temos o nome contável *yumehu* 'jovens' recebendo o quantificador *westirasi* 'alguns'. Da mesma forma, o nome contável *manĩa* 'banana' toma o mesmo quantificador em (7b). Já em (7c), o quantificador *rave* 'um pouco' ocorre com os nomes massivos *waka* 'água' e *maxi* 'areia'. Em (7d), vemos que o quantificador de nomes contáveis não é compatível com nomes que denotam substâncias como *waka* 'água' e *maxi* 'areia'.

(7)

a) Yume-hu    **westirasi**    hu-a-hu<sup>25</sup>.  
 jovem-PL    alguns    levar-PRF-PL  
 'Alguns jovens foram.'

b) Yume-hãu                    manĩa    **westirasi**    ve-a-hu.  
 jovem-PL.PP(ERG)    banana    alguns    trazer-PRF-PL  
 'Os jovens trouxeram algumas bananas.'

c) Ë                    waka/ maxi    **rave**                    hi-shũ                    ve-a.  
 1S.PP(ERG)    água/ areia    um.pouco    pegar-CONJ    trazer-PRF  
 'Eu peguei um pouco de água/areia e trouxe.'

<sup>25</sup> Aqui, vemos que a ocorrência da marca de plural não está restrita ao domínio nominal, podendo ocorrer sufixada ao verbo flexionado no aspecto perfeito.



- d) \* Ë waka/ maxi westirasi ve-a  
 1S.PP(ERG) água/ areia alguns trazer-PRF  
 'Eu trouxe um pouco de água/areia.' (PRODOCLIN, 2011)

Nesta seção, mostrei que os nomes em Yawanawá: constituem sintagmas nominais que são os argumentos canônicos de verbos e posições; podem receber os sufixos diminutivo e aumentativo; são neutros para número, e podem receber morfologia de plural e ser modificados por numerais cardinais; e são restritores de quantificadores, que evidenciam as classes dos contáveis e massivos. Também mostrei que os nomes são neutros em relação a definitude. Na próxima seção, mostro que são os demonstrativos e não os artigos que exercem a função de marcar distinções como definido/indefinido e específico/não-específico.

### 3.2.2 Determinantes

Estou considerando, segundo Abney (1987), que os determinantes são núcleo de uma projeção funcional que seleciona um sintagma nominal, como vemos na seguinte estrutura:

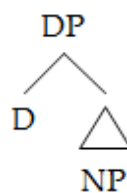


Figura 5: Estrutura do sintagma determinante (DP).

Da mesma forma que um sintagma verbal torna-se o complemento de uma hierarquia de projeções funcionais não relacionadas à atribuição de papel temático, o sintagma nominal também é selecionado por uma hierarquia de núcleos funcionais, dos quais D seria o mais alto, projetando o sintagma determinante DP. A ideia do paralelismo estrutural existente entre as construções verbais e nominais é

uma discussão introduzida por Chomsky (1970, p.198), que afirma que “a gama de complementos nominais parece quase tão vasta quanto a gama de complementos verbais e os dois conjuntos são notavelmente semelhantes”. Segundo ele, os nomes parecem apresentar as mesmas propriedades distribucionais dos verbos, podendo ter complementos e especificadores.

Determinantes, portanto, são núcleos funcionais que apresentam distribuição complementar e selecionam sintagmas nominais. Translinguisticamente, podem ser artigos, demonstrativos e quantificadores, segundo Adger (2003). Em Yawanawá, que é uma língua sem artigos, encontramos demonstrativos e pronomes pessoais ocorrendo em distribuição complementar como núcleo de um DP. Uma evidência para argumentar que os determinantes e não os nomes são o núcleo de uma expressão nominal é a possibilidade de termos determinantes por si só exercendo a função de argumento verbal. Discuto esta possibilidade na próxima seção.

### 3.2.2.1 Demonstrativos

Demonstrativos podem especificar deiticamente o referente de um nome. Ocorrem antepostos aos nomes ou como único elemento de uma expressão nominal, exercendo a função de pronome de terceira pessoa. São três formas, que denotam três distâncias a partir do ponto de vista do falante: ‘próximo’, *na* (9a); ‘médio’ (terceira pessoa *default*), *a* (9b); e ‘distante’, *ua* (9c).

(9)

a) Na                      vĩ                      pihaya                      shua-tapa.  
 DEM.PROX              carapanã              mordida              coçar-INTS  
 'Esta mordida de carapanã está coçando muito.'

b) A                      tsuati                      tsu-i.  
 DEM.MED cana.de.açúcar              secar-PROG  
 'Essa cana está murchando.'

- c) Ua            kape    u-i.  
 DEM.DIST    jacaré    vir-PROG  
 'Aquele jacaré está vindo.'

(PRODOCLIN, 2010)

Estes exemplos mostram que, apesar do Yawanawá ser uma língua que apresenta padrões de núcleo-final (ver seção 1.5.2.1), os determinantes ocorrem antepostos aos nomes, corroborando uma variação atestada translinguisticamente (Cf. COMRIE, 1984).

### 3.2.2.2 Pronomes Pessoais

Mencionei anteriormente que os demonstrativos podem exercer a função de pronome de terceira pessoa. Isto só ocorre no caso do demonstrativo ser o único elemento da expressão nominal, ou seja, não é possível termos demonstrativos co-ocorrendo com o pronome da mesma forma que co-ocorrem com os nomes plenos. Assim como em Yawanawá, os pronomes pessoais e os demonstrativos ocorrem em distribuição complementar em muitas línguas. Em português, por exemplo, expressões nominais como '\*este ele' ou '\*aquela ela' são agramaticais. Esta é uma das motivações para postular que tanto pronomes pessoais quanto demonstrativos ocupam a mesma posição estrutural em expressões nominais. Esta posição é o núcleo do sintagma determinante – D. Assim, a figura 6 representa a estrutura simplificada de uma expressão nominal com nome pleno e a figura 7, com pronome:

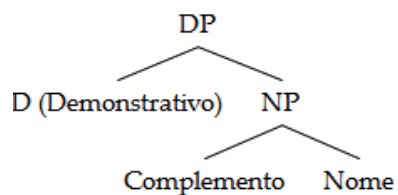


Figura 6: Expressão nominal com nome pleno.

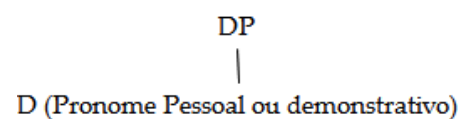


Figura 7: Expressão nominal com pronome.

A tabela 6 traz as formas dos pronomes pessoais em Yawanawá e as sentenças em (10) e (11) ilustram o paradigma:

Tabela 6: Paradigma dos pronomes pessoais

	sujeito intransitivo	sujeito transitivo	objeto
1S	ẽ	ẽ	ea
2S	mĩ	mĩ	mia
3S	a	atũ	a
1PL	nũ	nũ	nuke
2PL	mã	mã	matu
3PL	ahu	ahãũ	atu

Em (10), mostro o paradigma dos pronomes pessoais em Yawanawá em posição de sujeito transitivo e objeto e em (11), em posição de sujeito de verbo intransitivo.

(10) Pronomes em posição de sujeito transitivo e objeto:

- a) ẽ                                  mia/ a / matu/ atu                                  kux-a.  
 1S.PP(ERG)<sup>26</sup> 2S/ 3S/ 2PL / 3PL .ACC                                  bater-PRF  
 'Eu bati em você/ nele/ em vocês/ neles.'
- b) Mĩ                                  ea/ nuke/ atu                                  kux-a  
 2S.PP(ERG) 1S/1PL /3PL .ACC                                  bater-PRF  
 'Você bateu em mim/ em nós/ neles.'
- c) Atũ<sub>i</sub>                                  ea/ mia/ a<sub>j</sub> / matu/ atu                                  kux-a.  
 3S.PP(ERG) 1S/ 2S / 3S/ 2PL / 3PL .ACC                                  bater-PRF  
 'Ele bateu em mim/ em você/ nele/ em nós/ neles.'
- d) Nũ                                  mia/ a / matu / atu                                  kux-a.  
 1PL.PP(ERG) 2S/ 3S/ 2PL / 3PL .ACC                                  bater-PRF  
 'Nós batemos em você/ nele/ em vocês/ neles.'

<sup>26</sup> A atribuição de caso será analisada no capítulo 4.

- e) Mã                    ea / nuke/ atu                    kux-a.  
 2PL.PP(ERG) 1S/ 1PL / 3PL.ACC    bater-PRF  
 'Vocês bateram em mim/ em nós/ neles.'
- f) Ahãũ<sub>i</sub>                ea / mia/ a / matu/ atu<sub>j</sub>                    kux-a.  
 3PL.PP(ERG) 1S/ 2S /3S/ 2PL / 3PL .ACC    bater-PRF  
 'Eles bateram em mim/ em você/ nele/ em vocês/ neles.'

(PRODOCLIN, 2011)

## (11) Pronomes em posição de sujeito intransitivo

- a) Ē                    nuku-a                    / itxu-a.  
 1S.NOM    chegar-PRF / correr-PRF  
 'Eu cheguei.'                    / 'Eu corri.'
- b) Mĩ                    nuku-a                    / itxu-a.  
 2S.NOM    chegar-PRF / correr-PRF  
 'Você chegou.'                    / 'Você correu.'
- c) A                    nuku-a                    / itxu-a.  
 DEM.MED.NOM    chegar-PRF / correr-PRF  
 'Ele(a) chegou.'                    / 'Ele(a) correu.'
- d) Nũ                    nuku-a                    / itxu-a.  
 1PL.NOM    chegar-PRF / correr-PRF  
 'Nós chegamos.'                    / 'Nós corremos.'
- e) Mã                    nuku-a                    / itxu-a.  
 2PL.NOM    chegar-PRF / correr-PRF  
 'Vocês chegaram.'                    / 'Vocês correram.'
- f) Ahu                    nuku-a                    / itxu-a  
 3PL.NOM    chegar-PRF / correr-PRF  
 'Eles chegaram.'                    / 'Eles correram.'

(PRODOCLIN, 2011)

As sentenças em (10) e (11) revelam algumas questões importantes. Em primeiro lugar, vemos que não existem, em Yawanawá, formas morfológicas que façam a distinção entre as categorias de primeira pessoa inclusiva e exclusiva; uma distinção comumente encontradas em línguas ameríndias.

Em segundo lugar, vemos que a língua não distingue morfológicamente as

formas dos argumentos únicos de sujeitos intransitivos com base na estrutura argumental do verbo. Dixon (1994, p.71) chama essa divisão de *split-S*, uma cisão encontrada em muitas línguas ergativas, em que argumentos únicos de verbos intransitivos ativos recebem a mesma marca morfológica que os sujeitos de verbos transitivos, enquanto que argumentos únicos de verbos intransitivos estativos recebem a mesma marca que os objetos de verbos transitivos. Na literatura formal, os verbos 'ativos' correspondem aos inergativos e os 'estativos' aos inacusativos. Essa distinção deriva da posição de concatenação do argumento único do verbo e sua conseqüente interpretação temática. Os sujeitos de verbos inacusativos se originariam na posição de complemento do verbo, recebendo papel temático baixo (paciente, experienciador), enquanto que os sujeitos de verbos inergativos se originariam na posição de argumento externo do verbo (especificador de vP), recebendo papel temático alto (agente) (Cf. ADGER, 2003). Em (11), vemos que tanto o verbo tipicamente inacusativo 'chegar' quanto o verbo tipicamente inergativo 'correr' apresentam o mesmo paradigma de morfologia argumental. A estrutura destes verbos, assim como a interpretação temática e a atribuição de caso serão abordadas no capítulo 4.

Existe, porém, uma cisão morfológica na marcação de caso. Comparando (10a,b) com (11a,b), repetidos abaixo como (12a,b) e (13a,b) vemos que as formas dos pronomes de primeira e segunda pessoa em Yawanawá apresentam um padrão de marcação de caso nominativo-acusativo. Isso quer dizer que as formas do sujeito transitivo e do argumento único de uma construção intransitiva são idênticas. Repito as sentenças abaixo para simplificar a visualização:

(12)

a) Ë	mia/ a / matu/ atu	kux-a.
1S.PP(ERG)	2S / 3S/ 2PL / 3PL .ACC	bater-PRF
'Eu bati em você/ nele/ em vocês/ neles'.		

- b) Mĩ                    ea / nuke/ atu            kux-a  
 2S.PP(ERG) 1S/ 1PL / 3PL .ACC bater-PRF  
 'Você bateu em mim/ em nós/ neles.'

(13)

- a) Ë                    nuku-a            / itxu-a.  
 1S.NOM chegar-PRF / correr-PRF  
 'Eu cheguei.'            / 'Eu corri.'

- b) Mĩ                    nuku-a            / itxu-a.  
 2S.NOM chegar-PRF / correr-PRF  
 'Você chegou.'            / 'Você correu.'

Já as formas de terceira pessoa apresentam padrão ergativo-absolutivo. Isso quer dizer que é o objeto de uma construção transitiva que apresenta a mesma forma morfológica de um argumento único de construção intransitiva. Os nomes plenos também apresentam padrão ergativo-absolutivo, como vemos em (14). O nome próprio *Tika* aparece sem qualquer marca morfológica como objeto (14c) e como sujeito intransitivo (14b), enquanto que recebe o sufixo *-nẽ* quando ocorre como sujeito transitivo (14a):

(14)

- a) Tika-nẽ                    yawa                    rete-a.  
 Tika-PP(ERG) queixada.ACC matar-PRF  
 'Tika matou o/um queixada.'

- b) Tika                    itxu-a.  
 Tika.NOM                    correr-PRF  
 'Tika correu'

- c) Yawã                    Tika                    nak-a.  
 queixada.PP(ERG) Tika.ACC morder-PRF  
 'Um/o queixada mordeu Tika.'

(PRODOCLIN, 2010)

Apenas a terceira pessoa do plural apresenta comportamento diferente, com três formas distintas para sujeitos transitivos, objetos e argumentos únicos de verbos

intransitivos. No capítulo 4, apresento a análise sintática da atribuição de caso nos nomes plenos e pronomes. Detenho-me aqui a descrever sua distribuição.

Esta distinção de comportamento na marcação de caso que se dá entre os pronomes de primeira e segunda pessoa e os de terceira em Yawanawá, é algo bastante comum translinguisticamente. Harley & Ritter (2002) formalizam em uma hierarquia de traços a questão já discutida por Benveniste (1991) a respeito da natureza de “não-pessoa” da terceira pessoa. Enquanto a terceira pessoa tem, assim como os nomes plenos, uma referência estável, a primeira e segunda pessoa - denominadas “índices” por Benveniste (1991, p.278) - referem-se unicamente a uma realidade de discurso e definem-se em termos de locução.

Assim, temos a seguinte generalização em Yawanawá: expressões nominais com o traço [+participante], ou seja, primeira e segunda pessoas pronominais, apresentam um padrão de marcação de caso nominativo-acusativo, enquanto que as expressões com traço [-participante], ou seja, pronomes demonstrativos (relativos à terceira pessoa) e nomes plenos, apresentam padrão ergativo-absolutivo. A terceira pessoa do plural apresenta características dos dois sistemas e será tópico de discussão do capítulo 4.

### 3.3 ADJETIVOS COMO PREDICADOS ESTATIVOS

As expressões que denotam noções adjetivais em Yawanawá apresentam propriedades que as caracterizam como predicados estativos ou processuais. Estes predicados podem receber flexão de aspecto, podem ter sua valência aumentada pelo aplicativo *-wa*, e podem receber o sufixo intensificador *-tapa*.

Como vemos em (15), os predicados estativos podem receber flexão de aspecto perfeito *-a* ou progressivo *-i*, e denotar processos. Em (15a), temos o predicado estativo *yuxtu* 'ser torto' sem qualquer morfologia sufixal, denotando o



estado presente do nome *peshe* 'casa'. Em (15b), temos o mesmo predicado estativo recebendo ambos os sufixos aspectuais. Paralelamente, em (15c), temos o predicado *paxtu* 'ser surdo' denotando um estado presente, enquanto que em (15d), este predicado estativo recebe as flexões aspectuais e denota o processo de ensurdecimento.

(15)

a) Na            *peshe yuxtu*.  
DEM.PROX casa    ser.torto  
'Esta casa é torta.'

b) Na            *peshe yuxtu-a*.        / Na            *peshe yuxtu-i*.  
DEM.PROX casa    ser.torto-PRF / DEM.PROX casa    ser.torto-PROG  
'Esta casa entortou.'                / 'Esta casa está entortando.'

c) A            *paxtu*.  
DEM.MED ser.surdo  
'Ele é surdo.'

d) A            *paxtu-a*.                / A            *paxtu-i*.  
DEM.MED ser.surdo-PRF / DEM.MED ser.surdo-PROG  
'Ele ficou surdo.'                / 'Ele está ficando surdo.'

(PRODOCLIN, 2012)

Também há predicados processuais que denotam noções adjetivais. Em (16a), vemos o comportamento do predicado processual *ku*, 'queimar', flexionado no aspecto perfeito, denotando a leitura de estado presente. Em (16b), temos o mesmo predicado tomando o sufixo de aspecto progressivo e denotando um processo em andamento. Paralelamente, temos em (16c,d) o predicado *txaka* 'estragar-se' se comportando da mesma forma. Em (16e), vemos o predicado processual *txeshe* 'amadurecer' também tomando os sufixos de aspecto perfeito e progressivo. Por fim, em (16f), temos o predicado *ewa* 'crescer', se comportando da mesma forma.

(16)

a) Peshe **ku-a**.

casa queimar-PRF

'A casa queimou.' / 'A casa está queimada.'

b) Peshe **ku-i**.

casa queimar-PROG

'A casa está queimando.'

c) Na peshe **txaka**<sup>27</sup>.

DEM.PROX casa estragar-se.PRF

'Essa casa é ruim (estragada).'

d) Na peshe **txaka-i**.

DEM.PROX casa estragar-se.PROG

'Essa casa está se estragando.'

e) Isã **txeshe-a**. / Isã **txeshe-i**.

patoá amadurecer-PRF / patoá amadurecer-PROG

'O patoá amadureceu.' / 'O patoá está amadurecendo'

f) Na vakehu **ewa**. / Na vakehu **ewa-i**.

DEM.PROX criança crescer.PRF / DEM.PROX criança crescer-PROG

'Esta criança cresceu.' / 'Esta criança está crescendo.'

(PRODOCLIN 2012)

Alguns destes predicados processuais podem receber a flexão de aspecto resultativo *-pa* e denotar o resultado de um processo. Parece que uma generalização possível é que os verbos que denotam processos com causa interna podem receber este sufixo. Vemos, por exemplo, em (17a), que o predicado processual *txeshe* 'amadurecer', ao receber o sufixo de aspecto resultativo *-pa*, denota o grau máximo do processo de amadurecimento da fruta patoá, que é tornar-se preta. É desta forma que se deriva a expressão 'cor preta', uma noção adjetival

<sup>27</sup> Proponho que esta forma é derivada de uma operação de sufixação do morfema de aspecto perfeito *-a*, seguida de uma redução, já que a uma base tem *-a* como vogal final. O mesmo ocorre com a base *ewa* em (16f). Ver o mesmo processo ocorrendo com base terminada em *i*, seguida do sufixo *-i* de aspecto progressivo no exemplo (26e) da seção 3.4.

que se estende para além de argumentos que passam pelo processo de amadurecimento, como vemos em (17b) com o nome *peshe* 'casa'. Paralelamente, em (17c) deriva-se o grau máximo do processo de crescimento pela sufixação do morfema resultativo ao predicado *ewa* 'crescer'. Por fim, em (17d), deriva-se o quantificador 'muito' do grau máximo do predicado processual *itxa* 'juntar/aumentar em quantidade'.

(17)

a) Isã **txeshe-pa**.

patoá amadurecer-RES  
'O patoá é/está preto.'

b) Peshe **txeshe-pa**.

casa amadurecer-RES  
'A casa é preta.'

c) Peshe **ewa-pa**.

casa crescer-RES  
'A casa é grande.'

d) Ë yuma **itxa-pa** atxi-a.

1S.PP(ERG) peixe juntar-RES pegar-PRF  
'Eu peguei muito peixe.'

(PRODOCLIN 2012)

A segunda propriedade que caracteriza os predicados que denotam noções adjetivais é a possibilidade de terem sua valência aumentada pelo sufixo aplicativo *-wa*, como vemos em (18). Em (18a), vemos o predicado estativo *yuxtu* 'ser torto' tomando um argumento a mais, como consequência de um aumento de valência. Vemos os predicados processuais *ku* 'queimar' em (18b), e *ewa* 'crescer', em (18c), se comportando da mesma forma.

(18)

a) Ë na peshe **yuxtu-wa**.

1S.PP(ERG) DEM.PROX casa ser.torto-TR  
'Eu fiz essa casa ficar torta.'

- b) Ë                    na                    peshe   ku-**wa**.  
 1S.PP(ERG) DEM.PROX casa    queimar-TR  
 'Eu queimei essa casa.'
- c) Ë                    na                    peshe   ewa-**wa-i**.  
 1S.PP(ERG) DEM.PROX casa    crescer-TR-PROG  
 'Eu estou aumentando a casa.' (PRODOCLIN 2012)

Um predicado adjetival (estativo ou processual) pode receber o sufixo de intensificação *-tapa*, como vemos em (19). Este sufixo pode ocorrer mesmo com predicados estativos que não podem tomar flexão de aspecto (19d,e), e que poderiam, portanto, ser confundidos com nomes. Nomes não recebem este sufixo.

(19)

- a) Vari   txi-**tapa**.  
 sol    esquentar-INTS  
 'Está muito calor.'
- b) Mã      hui-**tapa**  
 2.PL    sujo-INTS  
 'Vocês estão muito sujos.'
- c) A-wẽ                    hu                    txeshe-**tapa**.  
 DEM.MED-PP(POSS) cabelo    preto-INTS  
 'O cabelo dela é bem preto.'
- d) A                    keya-**tapa**.  
 DEM.MED ser.alto-INTS  
 'Ele é muito alto.'
- e) A                    maina-**tapa**.  
 DEM.MED ser.magro-INTS  
 'Ele é muito magro.' (PRODOCLIN 2011)

Uma característica destes predicados estativos que denotam noções adjetivais é a possibilidade de tornarem-se argumentos de um verbo. Isso ocorre no caso de estarem flexionados no aspecto perfeito (20c); no aspecto resultativo (20a);

ou se forem da classe de predicados que não tomam flexão de aspecto (20b).

(20)

a) **Ë**                    **txaka-pa**                    tsãi-tiru.  
 1S.PP(ERG)    estragar-se-RES    falar-IRR  
 'Eu falo muita besteira (coisas ruins).'

b) **Keya**            nuku-a.  
 ser.alto    chegar-PRF  
 'Chegou (alguém) alto.'

c) **Shua**                    pake-a.  
 ser.gordo.PRF    cair-PRF  
 'O gordo caiu.'

(PRODOCLIN 2012)

Em (21a), mostro que o predicado estativo *paxtu* 'ser surdo' deve estar flexionado no aspecto resultativo para poder exercer a função de argumento de uma sentença. No caso de receber aspecto perfeito, só pode ter a leitura verbal (21b).

(21)

a) **Paxtu-pã**    nika-ma.  
 ser.surdo-RES.PP(ERG)    ouvir-NEG  
 'O surdo não ouviu.'

b) **Paxtu-a**                    nika-ma.  
 ser.surdo-PRF    ouvir-NEG  
 'Ficou surdo e não ouviu.'

(PRODOCLIN, 2012)

O fato de formas verbais flexionadas nos aspectos perfeito e resultativo poderem exercer a função de argumentos verbais não é um fenômeno restrito ao Yawanawá. Não aprofundarei esta discussão nesta dissertação, porém, em diversas línguas, os aspectos perfeito e resultativo estão ligados à formação de participios, que são formas derivadas de verbos com características ora nominais, ora adjetivais. Autores como Medeiros (2008) e Pires (1996) mostram que em língua portuguesa, por exemplo, em muitos contextos, participios verbais, voz passiva e adjetivos apresentam a mesma forma de superfície (V-do).

### 3.4 CONSTRUÇÕES NOME-NOME

O Yawanawá expressa uma série de relações semânticas pela justaposição de dois nomes sem qualquer marca morfológica, como vemos em (22). Na literatura tipológica, essas relações são denominadas “construções de posse” (PAYNE, 1997; DRYER, 2007). Payne (1997) aponta que a forma mais comum dos nomes tornarem-se modificadores de outros nomes é por meio de uma construção genitiva, mas que existem construções em que um sintagma nominal modifica um nome sem semântica de posse. Em (22) temos construções nome-nome na ordem modificador-núcleo expressando relações semânticas diversas.

(22)

a) venu sheta  
pássaro bico  
'bico do pássaro'

b) ni vimi  
mata fruta  
'fruta da mata'

c) resfĩ shui  
nariz buraco  
'narina'

d) teshu shau  
pescoço osso  
'clavícula'

e) pahĩki nami  
orelha carne  
'lóbulo da orelha'

f) **Katsu** nami nuwe-tapa.  
veado carne ser.gostoso-INTS  
'Carne de veado é muito gostoso.'



adquirir (alienáveis) de partes do corpo, relações parte-todo, ou termos de parentesco, que são relações inalienáveis ou inerentes, se expressa na morfossintaxe das línguas (PAYNE, 1997; DRYER, 2007).

Além das relações descritas em (22) e (23), existem três nomes em Yawanawá que são inerentemente possuídos. São os nomes 'mãe', 'pai', e 'irmão' ou 'irmã' (neutro para gênero). Esses nomes, como vemos em (24), são raízes que não podem ocorrer sem a prefixação de um pronome possuidor, e são as únicas instâncias do que se poderia chamar de posse inalienável<sup>29</sup> em Yawanawá.

(24)

a) e-wa

1S-mãe

'minha mãe'

b) a-wa

DEM.MED-mãe

'mãe dele(a)'

c) a-pa

3S-pai

'pai dele(a)'

d) mi-venanea

2S-irmão

'seu irmão' / 'sua irmã'

e) E-venanea shetxi.

1S-irmão      rir.PROG<sup>30</sup>

'Meu irmão / minha irmã está rindo.

(PRODOCLIN, 2012)

<sup>29</sup> Existe variação. Também encontramos as formas *nukẽ ewa/epa* 'nossa mãe' / 'nosso pai' e *mĩ ewa/epa* 'sua mãe' / 'seu pai'.

<sup>30</sup> Esta forma é derivada de uma operação de sufixação do morfema de aspecto progressivo -i, seguida de uma redução, pois a uma base tem -i como vogal final. No exemplo (16c) da seção 3.3, o mesmo tipo de processo ocorre com o morfema de aspecto perfeito -a.



- f) **A-wa** kena-ni:                    **e-wã**,                    **e-wa** e-a                    kene-we.  
 3S-mãe chamar-PST.REM 1S-mãe.VOC 1S-mãe 1S-ACC pintar-IMP  
 'Chamou a mãe dela: mãe, mãe, me pinte!'

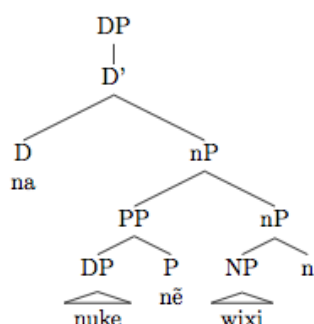
(*Shenipahu Maxĩ Vake, Yawanawahãu Tãnãty*)

Adger (2003, p.219) explica que da mesma forma que VP é selecionado por um núcleo funcional v, NP também é selecionado por um núcleo n, responsável pela introdução de um argumento externo na estrutura da expressão nominal. Assim, temos a projeção intermediária nP entre NP e D. De acordo com a Hipótese da Uniformidade da Atribuição de Papéis Temáticos (UTAH), a posição de especificador de nP também recebe o papel temático de agente (Cf. Baker, 1988). Certos autores propõem que exista uma projeção funcional PossP que seleciona nP e é selecionada pelo núcleo D (Cf. ADGER, 2003). Proponho que em Yawanawá, os possuidores, marcados pelo sufixo *-nẽ* e seus alomorfes, se originam em um sintagma posposicional que se adjunge a nP. Uma evidência para motivar esta posição de origem do argumento possuidor é a possibilidade de co-ocorrência de um demonstrativo seguido de um possuidor, como mostro em (25).

(25)

Na                    nukẽ                    wixi  
 DEM.PROX 1PL.PP(POSS) escrita  
 'Esta nossa escrita.'

(*Yawanawahãu Wixi*)



Vemos nesta estrutura que não há movimento do possuidor para o especificador de DP. Isto é um parâmetro que varia entre as línguas. Em inglês, o possuidor se move para o especificador de DP, e como consequência disso, temos a linearização da estrutura com o determinante sucedendo o possuidor, como na expressão nominal “the emperor's every wish” (Cf. ADGER, 2003, p.212). A atribuição de caso no DP será discutida no capítulo 4.

### 3.5 NOMINALIZAÇÃO

Um processo derivacional bastante produtivo em Yawanawá é a formação de nomes pela sufixação de morfemas nominalizadores a bases verbais. Existem dois nominalizadores bastante produtivos em Yawanawá: o sufixo *-ai*, que forma nomes com semântica de agente, como mostro mais adiante; e o sufixo *-ti*, que forma nomes com semântica de coisa, local, ou instrumento, como vemos em (26):

(26)

a) pi-ti

comer-NMLZ.INS

'comida'

b) mane-ti

tocar-NMLZ.INS

'instrumento musical' (ou dispositivo reprodutor de som; ou gravador)

c) paya-ti

abandar-NMLZ.INS

'abanador'

d) kuxa-ti

bater-NMLZ.INS

'terçado'

e) tua-ti

coar-NMLZ.INS

'coador'

f) *wixa-ti*  
arranhar/escrever-NMLZ.INS  
'caneta' ou 'caderno'

g) *tsau-ti*  
sentar-NMLZ.INS  
'banco'

h) *naxi-ti*  
banhar-NMLZ.INS  
'banheiro'

(PRODOCLIN, 2010)

Proponho que este nominalizador seja sufixado não a um verbo, mas a um sintagma verbal, pois como vemos em (27), é possível ter um argumento interno com papel temático de tema na nominalização. Vemos que antes de receber a sufixação do morfema nominalizador, os verbos recebem um DP complemento – *yuina* (27a), *mamã* (27b) e *wixi* (27c). Em (27a-b), temos construções em que dois nomes justapostos apresentam uma interpretação de construção de cópula, sem um verbo morfologicamente explícito. Já em (27c), o nome derivado torna-se modificador do nome *peshe* 'casa', formando o nome 'escola', que literalmente significa 'casa para se ensinar (fazer aprender) a escrever'.

(27)

a) *Pia-hĩ* *yuina* *rete-ti*  
flecha-ENF *caça* *matar-NMLZ.INS*  
'A flecha serve para matar caça.' lit. 'A flecha é um instrumento de matar caça.'

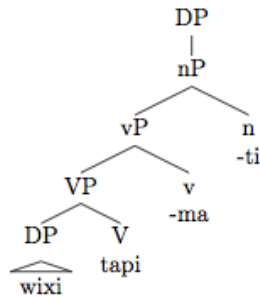
b) *Txitxã* *mãmã* *tua-ti*.  
*cesta* *caiçuma* *coar-NMLZ.INS*  
'A cesta serve para coar caiçuma.' lit. 'A cesta é um instrumento de coar caiçuma.'

c) *wixi-tapi-ma-ti* *peshe*  
*escrever-aprender-CAUS-NMLZ.INS* *casa*  
'escola' lit. 'casa de fazer aprender a escrever'

(Name Awea?)

Assim, proponho que, sintaticamente, este tipo de nominalização ocorre da seguinte forma, tomando como base o exemplo em (27c): um verbo toma um complemento, atribuindo a ele o papel temático de tema, e formando um sintagma verbal (VP). Este VP, por sua vez, concatena-se a um núcleo funcional v, que se realiza morfologicamente na forma do causativizador *-ma*. A projeção máxima vP, por sua vez, concatena-se a um núcleo funcional n, que se realiza morfologicamente na forma do nominalizador *-ti*, projeta nP, neste caso, sem especificador, e é selecionado como complemento de um D nulo. A projeção máxima DP torna-se modificador do nome *peshe* 'casa', núcleo do sintagma nominal, mas não tenho evidências sintáticas para mostrar que tipo de relação se estabelece entre essas duas expressões nominais. Mostro em (28) a derivação da expressão nominal deverbal que se torna modificadora do núcleo *peshe* 'casa':

(28)



Outro tipo de nominalização que é produtiva em Yawanawá dá-se pela sufixação do morfema *-ai* a um sintagma verbal. A semântica do nome derivado é de agente, como vemos em (29):

(29)

- a) manakati      tsek-ai  
 dente            arrancar-NMLZ.AG  
 'dentista'

- b) **Manakati tsek-ai-tũ** Tika-nẽ manakati tsek-a.  
 dente arrancar-NMLZ.AG-PP(ERG) Tika-PP(POSS) dente arrancar-PRF  
 'O dentista arrancou o dente do Tika.'
- c) tari shew-ai  
 roupa tecer-NMLZ.AG  
 'costureira'
- d) **Tari shew-ai-tũ** ã-wẽ tarishutxi shew-a.  
 roupa tecer-NMLZ.AG-PP(ERG) 1S-PP(POSS) blusa tecer-PRF  
 'A costureira costurou minha blusa.'
- e) iwi me-ai  
 madeira mexer-NMLZ.AG  
 'carpinteiro'
- f) Tika wixi-tapi-mai.  
 Tika escrever-aprender-CAUS.NMLZ.AG  
 'Tika é professor'

(PRODOCLIN, 2012)

Vemos que os nomes formados a partir da sufixação de *-ai* a um sintagma verbal podem tornar-se argumentos sentenciais, recebendo a marca de caso ergativo, como em (29b,d). Também encontramos esses nomes derivados em construções com interpretação de cópula, sem um verbo morfologicamente explícito, como em (29f).

### 3.6 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, busquei descrever a estrutura das expressões nominais em Yawanawá e a morfologia de seus componentes. Apresentei as definições morfossintáticas dos nomes, determinantes e modificadores e propus um paralelismo entre as estruturas nominal e verbal, explorando as projeções funcionais que selecionam o NP. Mostrei que as noções adjetivais em Yawanawá são

expressas por predicados estativos, que ao receberem flexão de aspecto perfeito ou resultativo, apresentam características semelhantes a dos nomes, podendo ser argumentos de verbos. Mostrei ainda, que a língua apresenta diferentes relações semânticas entre dois nomes e explorei as estruturas dessas construções, mostrando a possibilidade de co-ocorrência de demonstrativos e possuidores, o que motiva a existência da projeção funcional nP. Mostrei ainda que é possível derivar nomes a partir de verbos com dois diferentes sufixos e explorei a estrutura de um DP gerado a partir de uma nominalização. Resta analisar de que forma se dá a atribuição de caso em Yawanawá. No próximo capítulo, exploro de que forma os DPs recebem caso sendo argumentos de sentenças.

#### 4 MARCAÇÃO DE CASO EM EXPRESSÕES NOMINAIS

*we learn much more of human interest about how people think and feel and act by reading novels or studying history than from all of naturalistic psychology, and perhaps always will; similarly, the arts may offer appreciation of the heavens to which astrophysics cannot aspire.*

(Noam Chomsky)

## 4.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem dois objetivos principais. O primeiro é descrever o sistema de marcação de caso do Yawanawá e mostrar como este distingue nomes plenos (padrão ergativo-absolutivo) de pronomes pessoais (padrão nominativo-acusativo). Argumento que o alinhamento da língua seja tripartite, de forma semelhante à proposta de Comrie (1991) para a língua australiana Dyirbal (Pama Nyungan). Exploro as possíveis análises sintáticas da atribuição de caso por núcleos funcionais, baseando-me em trabalhos recentes sobre línguas ergativas no quadro do Programa Minimalista da Gramática Gerativa (WOOLFORD 1997, 2006; LEGATE, 2008, 2012; MARKMAN & GRASHCHENKOV, 2012; DEAL, 2012). Proponho que em Yawanawá, o ergativo seja um caso adposicional atribuído por uma posposição a um sintagma determinante (DP) na posição de especificador de vP.

O segundo objetivo é propor uma análise sintática que explique o que Valenzuela (2003, p.882) caracteriza como “sincretismo/polifuncionalidade envolvendo o ergativo, o instrumental, o genitivo e outros casos oblíquos”, que é uma das principais características tipológicas das línguas Pano. Proponho que a morfologia de superfície que eles têm em comum seja um reflexo do fato de que estes casos estão sendo licenciados pela mesma posposição.

## 4.2 MARCAÇÃO DE CASO TRIPARTITE

Segundo Paula (2004), o Yawanawá apresenta um alinhamento ergativo-absolutivo, que marca os sujeitos de verbos transitivos de forma diferenciada dos objetos e sujeitos de verbos intransitivos. Vemos este padrão nas sentenças a seguir, nas formas iguais do nome próprio *Tika* como sujeito de verbo intransitivo



(1b) e objeto (1c), e sua marcação diferente como sujeito de verbo transitivo (1a):

(1)

a) Tika-nẽ            yawa            rete-a.  
     Tika-PP(ERG) queixada        matar-PRF  
     'Tika matou o/um queixada.'

b) Tika itxu-a.  
     Tika correr-PRF  
     'Tika correu.'

c) Yawã                    Tika        nak-a.  
     queixada.PP(ERG) Tika        morder-PRF  
     'Um/o queixada mordeu Tika.'

(PRODOCLIN, 2010)

O morfema ergativo é realizado no sufixo *-nẽ* ou pela nasalização da última vogal do nome. Esta alomorfa está relacionada ao padrão iâmbico de acentuação da língua, como foi discutido na seção 2.6.

O comportamento descrito acima caracteriza somente os nomes plenos e o pronome de terceira pessoa do singular, que se realiza na forma de um demonstrativo, como vimos na seção 3.2.2.1. A primeira e a segunda pessoa do singular se comportam de forma diferente em relação à marcação de caso. O sistema pronominal apresenta uma cisão na marcação de caso que distingue participantes de não participantes do discurso. A primeira e segunda pessoas contêm o traço [+participante], enquanto que a terceira pessoa contém o traço [-participante], segundo Harley & Ritter (2002). Enquanto a terceira pessoa se comporta da mesma forma que os nomes plenos, a primeira e a segunda pessoa apresentam padrão de marcação nominativo-acusativo. Assim, os pronomes com traço [+participante] são realizados em uma só forma em posição de sujeito, seja de verbos transitivos ou intransitivos, e assumem outra forma em posição de objeto, como vemos em (2).

Em (2a-b), vemos que, independente da transitividade, existe apenas uma forma morfológica para os sujeitos pronominais de primeira e segunda pessoas. Em (2c), temos as formas dos pronomes de primeira e segunda pessoas em posição de objeto e a forma do pronome demonstrativo referente à terceira pessoa do singular em posição de sujeito transitivo. Em (2d-e), vemos a forma do pronome demonstrativo em posições de objeto e sujeito intransitivo.

(2)

a) Ë /Mĩ yawa rete-a.  
1S/2S queixada matar-PRF  
'Eu matei um/o queixada.' / 'Você matou um/o queixada.'

b) Ë /Mĩ itxu-a.  
1S/2S correr-PRF  
'Eu corri.' / 'Você correu.'

c) A-tũ ea /mia kux-a.  
DEM.MED-PP(ERG) 1S.ACC/2S.ACC bater-PRF  
'Ele/ela me bateu.' / 'Ele/ela te bateu.'

d) Ë /Mĩ a kux-a.  
1S/2S DEM.MED bater-PRF  
'Eu bati nele/nela.' / 'Você bateu nele/nela.'

e) A itxu-a.  
DEM.MED correr-PRF  
'Ele/ela correu.'

(PRODOCLIN, 2010 - 2012)

Os dados acima podem sugerir que o Yawanawá tem dois sistemas de caso coexistentes – nominativo-acusativo para os pronomes de primeira e segunda pessoa e ergativo-absolutivo para os nomes plenos e os pronomes demonstrativos, referentes a terceira pessoa. Isso indicaria que a atribuição de caso varia de acordo com o tipo de expressão nominal. Porém, a morfologia de caso da terceira pessoa

do plural parece sugerir uma situação diferente. Em (3a), vemos que a forma ergativa do pronome demonstrativo plural *a-hãũ* engatilha a sufixação do morfema *-kãn* ao verbo. Segundo Valenzuela (2003), trata-se de uma marca de pluralidade do sujeito, que ocorre na morfologia verbal. Este mesmo morfema aparece em (3b), onde o pronome demonstrativo toma a forma distinta *a-hu* como sujeito intransitivo. Em (3c), vemos uma terceira forma morfológica do pronome demonstrativo plural em posição de objeto: *atu*.

(3)

a) A-hãũ                                  epe        shewa-kãn-i.  
 DEM.MED-PL.PP(ERG)   palha    tecer-PL-PROG  
 'Elas estão tecendo palha.'

b) A-hu                                  ve-kãn-i.  
 DEM.MED-PL        vir- PL-PROG  
 'Eles/ Elas estão vindo.'

c) Ë     atu                          kux-a.  
 1S    3PL.ACC    bater-PRF  
 'Eu bati neles.'

(PRODOCLIN, 2010 – 2012)

É comum encontrar línguas ergativas com este tipo de cisão, que foi descrita por Silverstein (1976) como uma hierarquia nominal. As expressões nominais mais altas na hierarquia, que são os pronomes com traço [+participante] tendem a manifestar padrão de marcação nominativo-acusativo, enquanto as mais baixas – não-pessoas em geral, ou seja, pronomes [-participante] e nomes inanimados – manifestam o padrão ergativo-absolutivo. Segundo Silverstein (1976, p.113), algumas línguas exibem ainda um terreno intermediário com um sistema de marcação de caso com três formas distintas para sujeito transitivo, objeto e sujeito intransitivo. Baseando-me nos dados exposto acima e na hierarquia de Silverstein, argumento que o Yawanawá apresenta um sistema de caso tripartite, com o ergativo sendo atribuído aos sujeitos transitivos, o nominativo aos sujeitos intransitivos e o

acusativo aos objetos transitivos.

Comrie (1991)<sup>31</sup> mostra que uma cisão muito semelhante ocorre na língua australiana Dyirbal (Pama Nyungan). Enquanto os pronomes apresentam alinhamento nominativo-acusativo, os nomes têm formas distintas como sujeitos transitivos ou intransitivos, o que caracteriza um padrão ergativo-absolutivo. Paralelamente, ele diz que os nomes apresentam o mesmo caso absolutivo marcando sujeitos intransitivos (S) e objetos (O), enquanto os pronomes fazem distinção entre as duas posições sintáticas, com formas diferentes para S e O. Comrie (1991) sugere que as gramáticas das línguas australianas devem seguir a tradição descritiva do Latim, segundo a qual, qualquer distinção morfológica na marcação de caso que ocorra em uma expressão nominal é carregada para todas as expressões nominais. Considera-se que todos os nominais do Latim apresentam caso nominativo, acusativo e vocativo, mesmo que alguns, em particular, todos os nomes neutros, tenham formas morfológicas idênticas nos três casos. Apenas em uma classe de nomes o vocativo é morfológicamente distinto do nominativo, mas não há dúvida que os três casos de fato existem. Há muitos exemplos de neutralizações de morfologia de caso ocorrendo nas línguas. Em português, temos diferentes formas morfológicas para os casos nominativo e acusativo para os pronomes, mas não para nomes plenos. Em inglês, a mesma forma morfológica *her* expressa tanto o caso genitivo quanto o acusativo do pronome feminino de terceira pessoa, enquanto a forma masculina exibe uma forma morfológica distinta para cada caso – *him* (ACC) e *his* (GEN).<sup>32</sup>

Segundo Legate (2008), a realização morfológica do caso varia de acordo com o tipo de expressão nominal não apenas em Dyirbal, mas em uma série de

---

<sup>31</sup> Goddard (1982) também propõe que a maioria das línguas australianas tem três categorias de caso, descartando a ideia bastante comum de que uma língua australiana típica apresenta dois sistemas de caso coexistentes.

<sup>32</sup> Exemplo retirado de Arregi & Nevins (2012, p.2).

línguas da família Pama Nyungan, dentre elas Djapu, Kugu Nganhcara e Margany. Apesar disso, a atribuição de caso é uniforme, com ergativo sendo atribuído aos sujeitos transitivos, nominativo aos sujeitos intransitivos e acusativo aos objetos.

Assim como o Dyirbal, o Yawanawá apresenta distinção morfológica em argumentos ergativos (exceto para pronomes com traço [+participante]) e em argumentos acusativos com traço [+participante]. Comrie (1991) argumenta que é preciso considerar que os sujeitos intransitivos apresentam um caso distinto, dados os diferentes padrões de sincretismo: com o acusativo quando são nomes plenos, e com o ergativo quando são pronomes. Sendo assim, argumento que da mesma forma que o Dyirbal, o Yawanawá tem três casos distintos. Os dados apresentados em (3) são uma evidência ainda mais forte para esta ideia, pois se considerarmos que a língua tem dois casos distintos para nomes e pronomes, seria necessário postular um terceiro sistema para dar conta da morfologia tripartite da terceira pessoa do plural. Proponho a seguinte distribuição para a morfologia de caso:

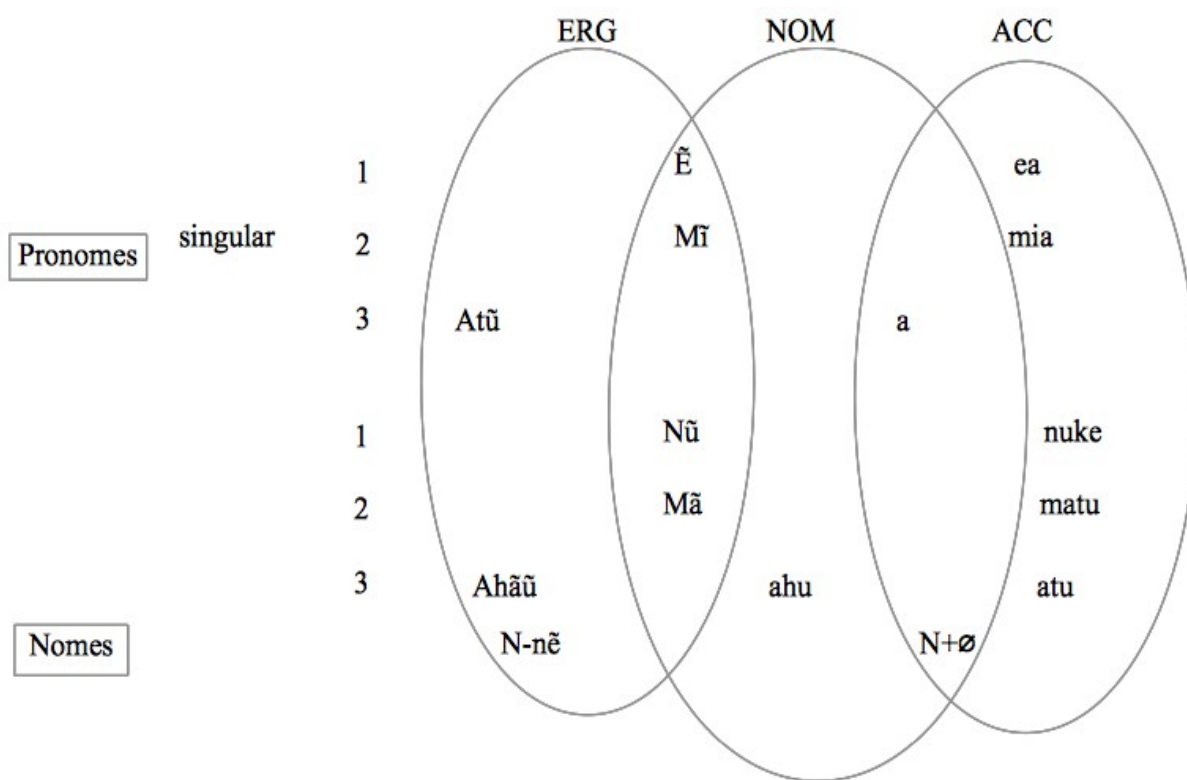


Figura 8: Sistema tripartite de marcação de caso

Os dados do Yawanawá corroboram a ideia proposta por diversos autores que o absolutivo não é de fato um caso estrutural (LEGATE, 2008; MURASUGI, 1992; BITTNER & HALE, 1996; entre outros). Translinguisticamente, há duas formas de interpretar o absolutivo na sintaxe. Para línguas como o Georgiano (Caucasiana meridional), o absolutivo corresponde ao caso nominativo, atribuído pelo núcleo funcional T a sujeitos intransitivos e a objetos transitivos. Por outro lado, para línguas como Dyrbal e Warlpiri (Pama Nyungan), Hindi (Indo-ariana) e Yawanawá, como proponho, o termo “absolutivo” representa um *default* morfológico, inserido quando não há morfologia distintiva referente aos casos nominativo e acusativo (LEGATE, 2008). Nessas línguas, o núcleo funcional T atribui caso nominativo ao sujeito intransitivo, e o núcleo funcional v atribui caso acusativo ao objeto. Na próxima seção, exploro as consequências desta ideia.

### 4.3 A ERGATIVIDADE NA SINTAXE

Segundo Deal (2012, p.2), existem três propriedades independentes relativas às línguas, que delimitam o estudo da ergatividade translinguisticamente. A primeira é a propriedade ergativa, segundo a qual, os sujeitos de sentenças transitivas se comportam de forma diferente dos sujeitos das intransitivas. A segunda é a propriedade absolutiva, segundo a qual, os objetos de sentenças transitivas e os sujeitos de intransitivas se comportam da mesma forma. Por fim, a propriedade referente à estrutura argumental, que marca os sujeitos de verbos inacusativos de forma diferente dos sujeitos transitivos e inergativos.

Na seção 4.2, vimos que a primeira destas propriedades de fato se aplica ao Yawanawá, mas não a segunda. Trata-se de uma língua ergativa, em que os sujeitos transitivos ([-participante]) exibem comportamento distinto dos intransitivos, mas a propriedade absolutiva não se manifesta. Constatamos este fato se observamos as formas diferentes dos pronomes de primeira e segunda pessoa do singular em posição de sujeito de sentença intransitiva (*ẽ/mĩ*) e em posição de objeto (*ea/mia*), assim como as três formas morfológicas diferentes relativas à terceira pessoa do plural, que sugerem três fontes diferentes de atribuição de caso na sintaxe. Assim, proponho que o Yawanawá se comporta da mesma forma que línguas como Hindi e Warlpiri, em que o termo “absolutivo” define um *default* morfológico, inserido quando não há morfologia que faça distinção entre o nominativo e o acusativo, ou seja, com nomes plenos e pronomes [-participante] (LEGATE, 2008). Isto é, o absolutivo não é um caso atribuído por um núcleo funcional a sujeitos intransitivos e objetos. Ao invés disso, proponho que o núcleo T atribui caso nominativo ao sujeito intransitivo e o núcleo v atribui acusativo ao objeto de sentenças transitivas. Como a língua não dispõe de morfologia que faça distinção entre essas duas formas (exceto na terceira pessoa do plural), elas assumem uma

forma *default*, rotulada como absoluta. Uma evidência que corrobora esta ideia é o fato de haver formas morfológicas distintas de pronomes com traço [+participante] em posições de S e O. Existe mais uma evidência para mostrar que o “absolutivo” está sendo atribuído por núcleos diferentes.

Esta evidência vem de construções bitransitivas. Legate (2008) mostra que em línguas em que o absoluto é equivalente ao caso nominativo, só é possível ter um argumento absoluto por sentença, já que o caso está sendo atribuído pelo núcleo T. Por outro lado, quando o absoluto é apenas um *default* morfológico que neutraliza as diferenças entre um argumento marcado com caso nominativo e um argumento marcado com acusativo, é possível haver mais de um argumento “absolutivo” por sentença. Este é o caso do Yawanawá, como vemos em (4):

- (4)
- |                  |         |        |         |
|------------------|---------|--------|---------|
| Kapakurũ         | a       | pia    | inã.    |
| Kapakuru.PP(ERG) | DEM.MED | flecha | dar.PRF |
- 'Kapakuru deu uma flecha para ele.' (PRODOCLIN, 2011)

Nesta sentença, temos uma terceira pessoa *a* com papel temático de recipiente, e um tema *pia*, ambos na forma “absolutiva”, ou seja, sem qualquer marcação morfológica. Porém, se tivermos como recipiente um argumento que tenha traço [+participante], este argumento ocorre em sua forma acusativa, como vemos ocorrer com a primeira pessoa *ea* em (5):

- (5)
- |                  |        |        |         |
|------------------|--------|--------|---------|
| Kapakurũ         | ea     | pia    | inã.    |
| Kapakuru.PP(ERG) | 1S.ACC | flecha | dar.PRF |
- 'Kapakuru me deu uma flecha.' (PRODOCLIN, 2011)

Desta forma, esses exemplos corroboram a ideia do absoluto como *default* morfológico da terceira pessoa, inserido na ausência de morfologia distintiva para os casos nominativo e acusativo. Por não se tratar de um caso estrutural, isso significa



que a segunda propriedade das línguas ergativas proposta por Deal (2012, p.2) – a propriedade absoluta – de fato não está ativa em Yawanawá.

A terceira propriedade das línguas ergativas é chamada de 'split S' (S cindido) por Dixon (1994). Como discutido na seção 3.2.2.2, esta cisão se dá com base na estrutura argumental do verbo. Argumentos únicos de verbos intransitivos ativos recebem a mesma marcação morfológica que os sujeitos de verbos transitivos, enquanto que argumentos únicos de verbos intransitivos estativos recebem a mesma marca que os objetos de verbos transitivos. Na literatura formal, os verbos 'ativos' correspondem aos inergativos e os 'estativos' aos inacusativos. Essa distinção deriva da posição de concatenação do argumento único do verbo e sua consequente interpretação temática. Os sujeitos de verbos inacusativos se originariam na posição de complemento do verbo, recebendo papel temático baixo (paciente, experienciador), enquanto que os sujeitos de verbos inergativos se originariam na posição de argumento externo do verbo (especificador de vP), recebendo papel temático alto (agente) (ADGER, 2003).

O Yawanawá não é uma língua que apresenta este tipo de cisão na marcação de caso. A cisão que encontramos na marcação dos sujeitos intransitivos não está relacionada a diferentes classes verbais, mas sim à hierarquia nominal descrita acima. Vemos nos exemplos a seguir que as formas morfológicas do pronome de terceira pessoa (6b) mostram a neutralização morfológica que ocorre entre o argumento único de um verbo intransitivo e o objeto de uma construção transitiva, seguindo um padrão absoluto. Já em (6c), vemos que a neutralização morfológica ocorre entre o sujeito transitivo e o argumento único de uma construção intransitiva, seguindo um padrão nominativo.

Se é verdade que a propriedade absoluta não está ativa em Yawanawá, devemos perguntar que caso está sendo atribuído ao argumento único de uma

construção intransitiva. Proponho, seguindo Legate (2008), que seja o caso nominativo. Uma evidência para esta ideia são os verbos que exibem alternância transitiva-incoativa. São verbos que podem se comportar como transitivos ou intransitivos, com instâncias de ambiguidade estrutural. O verbo *nuku*, por exemplo, significa 'encontrar', em sua versão transitiva, e 'chegar' em sua versão intransitiva. Em uma construção transitiva, temos um argumento ergativo e um acusativo (6a). Construções intransitivas, porém, são ambíguas. A sentença (6b) tem duas leituras possíveis – ou 'Ele(a) chegou' ou 'Alguém encontrou ele(a)', com elisão do argumento externo. A sentença (6c) também é ambígua, e pode significar 'Eu cheguei' ou 'Eu encontrei alguém', com elisão do argumento interno. Em (6d), porém, só há uma leitura possível, equivalente à segunda leitura de (6b), com elisão do argumento externo.

(6)

a) A-tũ                                    ea                                    nuku-a.  
 DEM.MED-PP(ERG) 1S.ACC                    encontrar-PRF  
 'Ele(a) me encontrou.'

b) A                                    nuku-a.  
 DEM.MED.NOM chegar-PRF                    'Ele(a) chegou.'  
 DEM.MED.ACC encontrar-PRF                    '(Alguém) encontrou ele(a).'

c) Ë                                    nuku-a.  
 1S.PP(ERG) encontrar-PRF                    'Eu encontrei (alguém).'

1S.NOM chegar-PRF                    'Eu cheguei.'

d) Ea                                    nuku-a.  
 1S.ACC encontrar-PRF  
 '(Alguém) me encontrou.'

(PRODOCLIN, 2012)

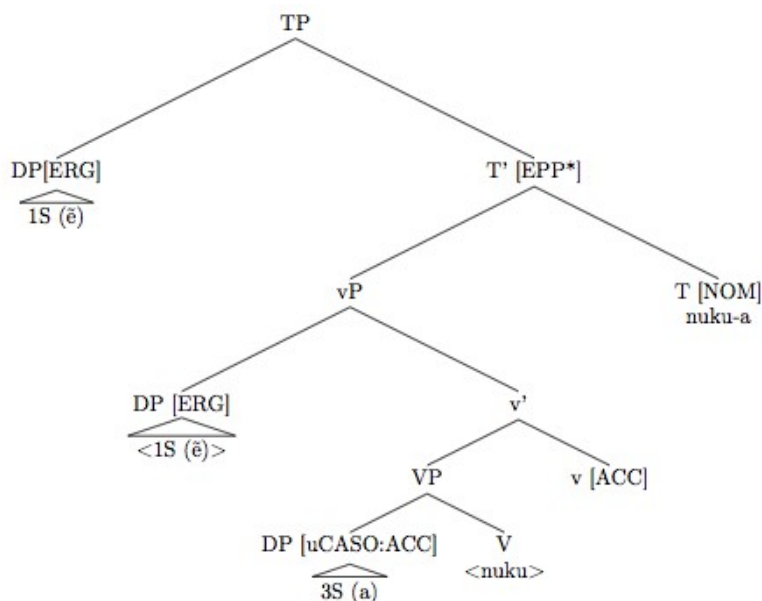
Proponho que a alternância que estes verbos exibem na estrutura argumental está relacionada à natureza do núcleo funcional *v* que eles selecionam. Folli &

Harley (2004) argumentam que é a seleção de *v* que determina a estrutura que um dado verbo apresenta em uma sentença, mas que as possibilidades de seleção estão especificadas na entrada lexical. Certos verbos podem selecionar certos “sabores” (*flavors*) de *v*, com limitações definidas no léxico. Isso impede que a sintaxe gere estruturas não-produtivas, que é o que ocorreria se apenas o componente sintático fosse responsável pela estrutura argumental de um verbo.

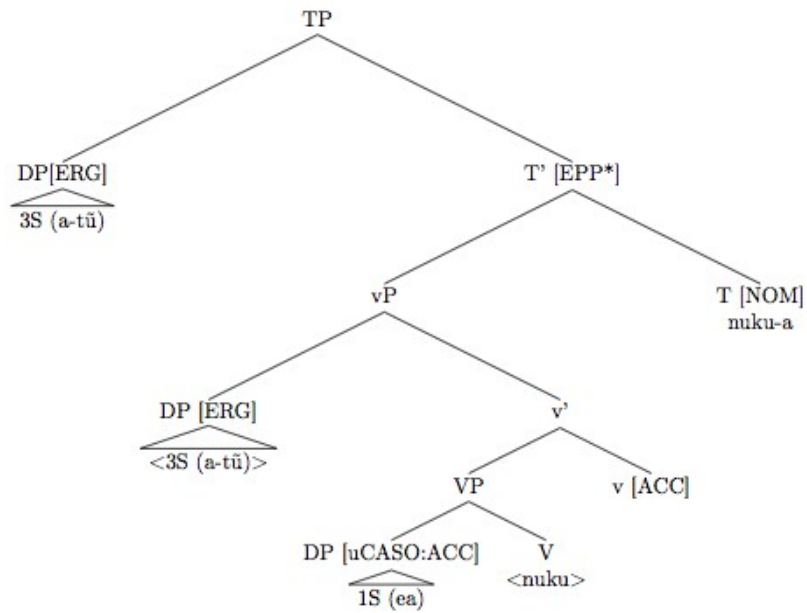
No caso do verbo em (6), existiria apenas uma entrada no léxico do Yawanawá referente a *nuku*, com a especificação de poder selecionar um núcleo *v* transitivo ou inacusativo. O núcleo *v* tem dois papéis em construções transitivas: o primeiro é introduzir um argumento externo agentivo, e o segundo é atribuir caso acusativo ao objeto. Em construções inacusativas, temos uma versão defectiva de *v*, que não desempenha nenhum dos dois papéis. Em (7), mostro as estruturas das versões transitiva (7a-b) e intransitiva (7b-c) de *nuku*, de acordo com a seleção do *v*.

(7)

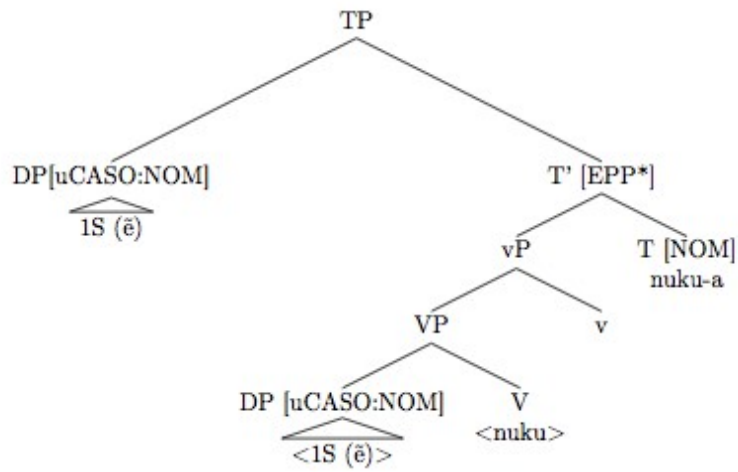
a)



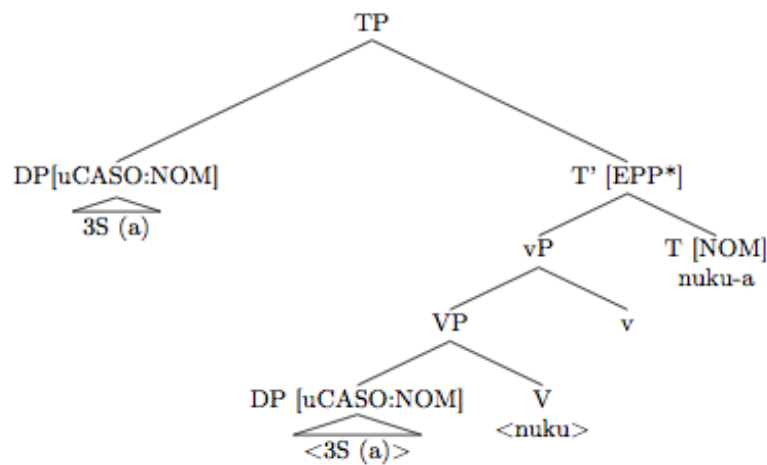
b)



c)



d)



Em construções inacusativas, o argumento único é concatenado e recebe papel temático na posição de irmão de V. Em (7a-b), a versão transitiva de v, concatenada como irmã de VP, atribui caso acusativo ao objeto e introduz um argumento externo agentivo (a atribuição de caso ergativo a este argumento será o próximo tópico de discussão e não está sendo considerada no momento). T é concatenado como irmão de vP e não atribui caso nominativo em sentenças transitivas. Legate (2008) propõe que T sonda a estrutura em busca de um DP com traço de caso não valorado, mas encontra ambos os argumentos interno e externo com os seus traços de caso já checados. A derivação segue sem ser afetada, segundo Pesetsky & Torrego (2001) e Svenonius (2001), que argumentam que o caso é um traço interpretável de um núcleo funcional. Em (7c-d), um v defectivo concatenado como irmão de VP não introduz argumento externo e não atribui caso acusativo, deixando o argumento único da construção intransitiva com o traço de caso não-valorado. Assim, nessas construções intransitivas, o núcleo funcional T,

concatenado com o irmão de vP, é responsável pela atribuição de caso nominativo via c-comando (operação *Agree* – CHOMSKY 2000, 2001).

A partir destas estruturas, proponho, de acordo com Legate (2008), que é um componente morfológico pós-sintático o responsável pelas diferentes formas do pronome de primeira pessoa em posição de objeto ou de sujeito intransitivo. A presença de um traço de caso acusativo engatilha a forma *ea* (7b), enquanto sua ausência engatilha *ẽ* (7c), apesar das duas formas serem concatenadas na mesma posição sintática. Como mostrei na seção 4.2, as formas nominativa (7d) e acusativa (7a) da terceira pessoa não são morfológicamente distintas, e recebem a forma *default* “absolutiva”. Parece que os pronomes [+participante], por serem agentes prototípicos, necessitam de marcação morfológica distintiva para serem interpretados como objetos, enquanto os [-participante], que são prototipicamente não-pessoas, precisam de morfologia adicional para figurarem como sujeitos de construções transitivas.

Para conceber este mecanismo, podemos pensar no *Elsewhere Principle* da Morfologia Distribuída, segundo o qual, uma forma menos especificada morfológicamente (*elsewhere item*) é utilizada apenas quando não existe uma forma mais específica disponível (HALLE & MARANTZ, 1993). Arregi & Nevins (2012) explicam que, no exemplo do Inglês citado anteriormente, em que o pronome de terceira pessoa feminino apresenta a mesma forma para os casos acusativo e genitivo, *her* seria o *elsewhere item*, inserido na ausência de formas morfológicas que façam distinção entre esses dois casos. A inserção desta forma é bloqueada quando há um traço de nominativo, pois este caso dispõe de uma forma morfológica específica (*she*). Em Yawanawá, haveria uma forma específica para pronomes [+participante] com traço de caso acusativo (*ea / mia*), enquanto que *ẽ / mĩ* seriam *elsewhere items*. Para os pronomes [-participante], o *elsewhere item* seria *a*, já que

apenas os sujeitos transitivos dispõem de uma forma morfológica mais específica (*atũ*).

Assim, argumento que os verbos inacusativos em Yawanawá apresentam a estrutura em (7c-d), com seu argumento único recebendo caso nominativo do núcleo funcional T. Os inergativos são descritos na literatura tipológica como verbos intransitivos ativos, devido à natureza agentiva do seu argumento único. Apesar disso, esses argumentos não apresentam marcação que os diferencie dos sujeitos de verbos inacusativos. Nenhum argumento de verbo em construção intransitiva apresenta marcação de caso ergativo. O que diferencia os verbos inergativos dos inacusativos é que os primeiros necessitam de um morfema causativizador para inserir um argumento adicional em sua estrutura, enquanto os inacusativos apresentam a alternância transitiva-incoativa discutida acima. Vemos o comportamento desta classe de verbos com um argumento único (8a-c). Em (8d), mostro que não é possível ter marca de caso ergativo no único argumento de um verbo inergativo. Em (8e), vemos o mesmo verbo com um argumento causativo adicional e sufixação do morfema causativizador *-ma*.

(8)

- a) A                                    tupĩk-a.  
 DEM.MED.NOM    nadar-PRF  
 'Ele(a) nadou.'
- b) Ē/Mĩ                                tupĩk-a  
 1S/ 2S.NOM    nadar-PRF  
 'Eu nadei./ 'Você nadou.'
- c) Tika                                tupĩk-a  
 Tika.NOM      nadar-PRF  
 'Tika nadou.'
- d) \*A-tũ                                tupĩk-a  
 DEM.MED-PP(ERG)    nadar-PRF

e) A-tũ <sub>i</sub>	a <sub>j</sub>	tupĩ-ma.	
DEM.MED-PP(ERG)	DEM.MED	nadar-CAUS	
'Ele fez ele (outro) nadar.'			(PRODOCLIN, 2010)

Assim, vemos que a terceira propriedade das línguas ergativas, como descrita por Deal (2012) - uma cisão que diferencia a marcação de caso nos sujeitos intransitivos de acordo com a estrutura argumental dos verbos - de fato, não está ativa em Yawanawá.

Até aqui, discuti o sistema tripartite de atribuição de caso em Yawanawá e mostrei que o “absolutivo” é atribuído por dois núcleos funcionais distintos. Também mostrei que verbos intransitivos não têm argumentos ergativos. Isso dá conta da segunda e da terceira propriedades da ergatividade, propostas por Deal (2012). Volto-me agora para a primeira propriedade, com a intenção de explorar a atribuição de caso ergativo. Discuti a ideia de que *v* seja responsável pela introdução de um argumento externo agentivo em construções transitivas, mas ainda é preciso mostrar de que forma o caso ergativo é atribuído.

#### 4.4 A ATRIBUIÇÃO DE CASO ERGATIVO

Vimos na seção 4.2 que os sujeitos de terceira pessoa (nomes e pronomes) de sentenças transitivas em Yawanawá são marcados de forma diferente dos sujeitos intransitivos. Isso caracteriza um sistema ergativo. Como argumentei, pronomes [+participante] também seguem um sistema ergativo subjacente, mas neutralizações no componente morfológico fazem emergir um padrão nominativo-acusativo na superfície. Os dados que ilustram este sistema estão copiados abaixo – em (9a) o sujeito transitivo [-participante] ocorre com a marca de caso ergativo *-nẽ* e em (9b-c), o mesmo nome aparece sem marcação morfológica ( $\emptyset$ ) em sua forma “absolutiva”. Em (9d), o sujeito transitivo [+participante] tem marcação ergativa (*ẽ*), e



não se distingue morfológicamente do um sujeito intransitivo [+participante] em (9e). Em (9f), vemos a forma distinta do acusativo que marca um objeto [+participante].

(9)

- a) Tika-nẽ            yawa            rete-a.  
Tika-PP(ERG) queixada    matar-PRF  
'Tika matou o/um queixada.'
- b) Tika    itxu-a.  
Tika    correr-PRF  
'Tika correu'
- c) Yawã                            Tika    nak-a.  
queixada.PP(ERG) Tika    morder-PRF  
'O/um queixada mordeu Tika.'
- d) Ë                            yawa            rete-a.  
1S.PP(ERG)    queixada    matar-PRF  
'Eu matei o/um queixada.'
- e) Ë                            itxu-a.  
1S.NOM<sup>33</sup>    correr-PRF  
'Eu corri.'
- f) A-tũ                            ea            kux-a.  
DEM.MED-PP(ERG) 1S.ACC    bater-PRF  
'Ele(a) me bateu.'

(PRODOCLIN, 2010 - 2012)

Além disso, mostrei que os demonstrativos exercendo a função de pronomes de terceira pessoa do plural em posição de sujeito engatilham a sufixação do morfema de plural *-kan* a verbos transitivos e intransitivos. Como vemos em (10a-b), o morfema verbal *-kan* ocorre no caso de haver um pronome de terceira pessoa do plural em posição de sujeito, mas não de objeto (10c).

<sup>33</sup> Ver figura 8, que explica sincretismo morfológico entre os casos nominativo e ergativo para os pronomes com traço [+participante].

(10)

a) A-haũ epe shewa-kãn-i.  
 DEM.MED-PL.PP(ERG) palha tecer-PL-PROG  
 'Elas estão tecendo palha.'

b) A-hu ve-kãn-i.  
 DEM.MED-PL.NOM vir- PL-PROG  
 'Eles estão vindo.'

c) Ę atu kux-a.  
 1S.NOM 3S.ACC bater-PRF  
 'Eu bati neles.'

(PRODOCLIN, 2010 - 2012)

Também mencionei que segundo Valenzuela (2003, p.882), uma característica tipológica das línguas Pano é o “sincretismo/ polifuncionalidade envolvendo o ergativo, o instrumental, o genitivo e outros casos oblíquos.” Isso quer dizer que esses casos são marcados com o mesmo morfema<sup>34</sup>, como vemos em (11). Em (11a), vemos o mesmo morfema *-nẽ* marcando um sujeito transitivo e um possuidor. A sentença (11b) é ambígua; *-nẽ* pode estar marcando um sujeito ergativo ou um possuidor, já que o verbo *pake* 'cair' apresenta alternância transitiva/incoativa. Em (11c), *-nẽ* marca um sujeito transitivo e um argumento instrumental oblíquo.

(11)

a) Tika-nẽ Paulo-nẽ manakati tsek-a.  
 Tika-PP(ERG) Paulo-PP(POSS) dente puxar-PRF  
 'Tika arrancou o dente de Paulo.'

b) Tika-nẽ peshe pake-a.  
 Tika-PP(ERG) casa derrubar-PRF 'Tika derrubou a casa.'  
 Tika-PP(POSS) casa cair-PRF 'A casa do Tika caiu.'

<sup>34</sup> Aqui, é glosado como PP(POSS) o mesmo morfema que Valenzuela (2003) chama de 'genitivo'. Mostro as motivações para essa escolha na seção 4.6.

- c) Tika-ně                weshati-ně                nami    shate-i.  
     Tika-PP(ERG)    faca-PP(INS)            carne    cortar-PROG  
     'Tika está cortando carne com uma/a faca.'                (PRODOCLIN, 2010 - 2012)

Podemos considerar que o sincretismo apresentado nas sentenças acima se trata de um caso de homofonia, ou podemos buscar uma generalização sintática para dar conta das múltiplas funções do morfema *-ně*. Dados de diversas línguas sugerem que é possível encontrar uma generalização sintática que envolva construções ergativas, oblíquas e de posse.

Como nas línguas Pano, uma relação estreita entre construções de posse e construções ergativas é encontrada em línguas como Circassiano (Circassiana), Hinalug (Daguestaniana), Inuktitut (Inuit), Yup'ik (Esquimó-Aleut), entre outras, como apontam Markman & Grashchenkov (2012). Dixon (1994, p.57) também mostra que os casos genitivo e ergativo apresentam a mesma forma na língua caucasiana Lak e na língua tibeto-birmânica Ladakhi. Este autor mostra ainda que o ergativo apresenta a mesma forma que o caso oblíquo instrumental em Dyrbal e diversas outras línguas australianas, em línguas caucasianas como Avar e Andi; em diversas línguas de Papua; e no tibetano clássico e moderno. Além disso, Legate (2008) cita autores como Pray (1976), Anderson (1977) e Garret (1990), que propõem que os argumentos ergativos derivam diacronicamente da reanálise dos instrumentais, indicando uma possível relação sintática entre eles. Já em Kuikuro (Karib), o mesmo morfema marca um argumento externo ergativo e um argumento adjunto com semântica de causa/ origem (FRANCHETTO, 2010, p.144). Segundo Dixon (1994, p.57), em Limbu (Tibeto-birmânica), ergativo, instrumental e genitivo têm a mesma forma morfológica.

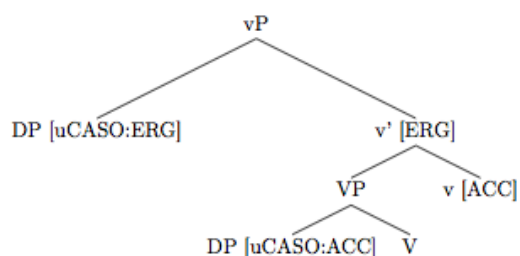
Argumento que o ergativo em Yawanawá é um caso adposicional licenciado pela mesma posição encontrada nas construções de posse e oblíquas. O mecanismo de atribuição de caso e a interpretação temática que proponho aqui

baseiam-se nas ideias de Markman & Grashchenkov (2012), Woolford (1997, 2006) e Legate (2008).

Seguindo Woolford (1997, 2006), Legate (2008) argumenta que o ergativo é um caso inerente licenciado pelo núcleo funcional *v*. Um caso inerente é atribuído a um DP na posição em que é concatenado, que também é a posição de atribuição de papel temático (CHOMSKY, 1986). Difere de um caso estrutural, que, segundo a mecânica do Programa Minimalista, é atribuído a um DP pelo núcleo funcional mais próximo através da operação *Agree* (CHOMSKY, 2000, 2001).

Nesta proposta, *v* tem três papéis distintos em uma construção transitiva, como vemos em (12): a) atribuir caso acusativo estrutural a um objeto em posição de complemento de *V*; b) introduzir um argumento externo e atribuir papel temático a ele; e c) atribuir ergativo como um caso inerente a este argumento externo.

(12)

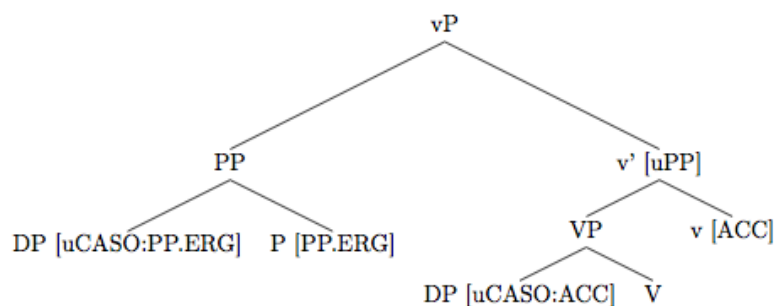


Como discutido na seção 4.3, o núcleo *v* em Yawanawá parece de fato responsável pela introdução de um argumento externo e por sua interpretação temática como agente. Considerar o ergativo um caso inerente, porém, parece problemático se tentarmos explicar na sintaxe a semelhança tipológica que apresentam os argumentos ergativo, possuidor e oblíquo nas línguas Pano. Como caso inerente, o ergativo estaria relacionado intrinsecamente ao papel temático de agente.

Proponho, portanto, assim como Markman & Grashchenkov (2012), que o ergativo é um caso adposicional atribuído por uma posposição a um sujeito transitivo. Esta posposição é o núcleo de um PP licenciado pelo núcleo v. Quanto à atribuição de papel temático, concordo com Legate (2008) que v marca seu especificador como agente. Markman & Grashchenkov (2012), por outro lado, citam uma série de autores que, assim como eles, argumentam que as línguas ergativas não dispõem de um núcleo funcional v que seja temático: Nash (1996); Johns (1992); Alexiadou (2001) e Mahajan (1997). Segundo Markman & Grashchenkov (2012), a adposição que atribui caso ergativo, chamada de 'ergativeP', também é responsável pela interpretação temática.

No meu ponto de vista, núcleos diferentes são responsáveis pela interpretação temática e a atribuição de caso de um sujeito transitivo, como vemos em (13).

(13)



Proponho a seguinte derivação: a) um DP é concatenado como irmão de V e recebe papel temático de V nesta posição; b) v é concatenado com irmão de VP e valora o traço de caso do DP em posição de complemento de V como acusativo através da operação *Agree*; c) v tem um traço não-interpretável uPP, que é projetado ao nível v' e checado pelo PP introduzido na posição de especificador de

vP; d) v atribui papel temático de agente ao PP nesta posição ; e) o DP na posição de complemento de P tem seu traço de caso valorado como posposicional “ergativo” por P.

#### 4.5 CONCORDÂNCIA

O primeiro problema que parece emergir se considerarmos o “ergativo” um caso adposicional é como dar conta da concordância, se o sujeito encontra-se dentro de um DP complemento da posposição ergativa e assim, não há c-comando entre o sujeito transitivo e o verbo. Como mostrei na seção 4.2, existe um morfema *-kãn* que ocorre sufixado a verbos transitivos ou intransitivos cujo sujeito (A ou S) seja de terceira pessoa do plural. Segundo Valenzuela (2003), trata-se de uma marca de pluralidade do sujeito, que ocorre na morfologia verbal.

Este sufixo não é o único morfema de concordância que indica pluralidade do sujeito. Ocorre apenas no caso do verbo estar flexionado no aspecto progressivo em Yawanawá (14a,b). No caso de termos um verbo no aspecto perfeito, o marcador de plural é *-hu* (14c,d), que é o mesmo marcador que pluraliza nomes, como vimos na seção 3.2.1. Não se trata de um caso de alomorfia, já que os dois morfemas ocorrem em posições diferentes: *-kãn* precede o marcador aspectual *-i* (PROG) e *-hu* sucede o marcador aspectual *-a* (PRF).

(14)

a) A-haũ    epe        shewa-**kãn**-i.  
DEM.MED-PL.PP(ERG)    palha    tecer-PL-PROG  
'Elas estão tecendo palha.'

b) A-hu    ve-**kãn**-i.  
DEM.MED-PL        vir- PL-PROG  
'Eles/ Elas estão vindo.'

c) A-hãu                      shashu      hu-a-hu.  
 DEM.MED-PL.PP(ERG)      canoa      levar-PRF-PL  
 'Eles levaram a canoa.'

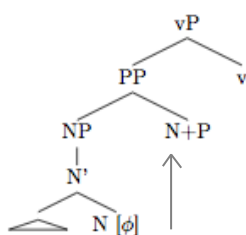
d) Westi pi-a-hu.  
 um comer-PRF-PL  
 'Comeram uma só (banana).'

e) Yume-hu westirasi hu-a-hu.  
 jovem-PL alguns levar-PRF-PL  
 'Alguns jovens foram.'

(PRODOCLIN 2010-2012)

Markman & Grashchenkov (2012) propõem que em Circassiano, que é uma língua que apresenta concordância com o argumento ergativo na morfologia verbal, a marca de ergativo é uma posposição. Os autores dão conta do problema que expus acima explicando que o sujeito ergativo é incorporado pela posposição núcleo de PP, derivando um núcleo complexo N+P, como vemos em (15).

(15)



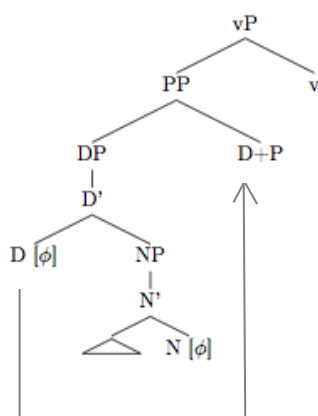
(adaptado de MARKMAN & GRASHCHENKOV, 2012)

Essa operação tem duas consequências principais: a) a posposição aparece como marcador de caso no nome, como uma só palavra fonológica, e b) os traços  $\Phi$  (phi) do nome são incorporados pelo núcleo P e, portanto, projetados ao nível PP, tornando-se visíveis ao verbo. Markman & Grashchenkov (2012) propõem que a incorporação de um nome por uma adposição, da forma descrita acima, é um parâmetro que varia entre as línguas ergativas. Em Hindi, em que não há

concordância com o sujeito ergativo, o nome é incorporado pós-sintaticamente em PF. Assim, durante a derivação sintática, os traços  $\Phi$  dos nomes não estão visíveis para o verbo e não ocorre concordância.

Esta proposta apresenta problemas ao tentarmos dar conta dos dados do Yawanawá. Primeiro, é importante ressaltar que estes autores estão considerando que o sintagma adposicional seleciona um NP, não um DP. No caso do Yawanawá, é possível haver um pronome demonstrativo exercendo a função de sujeito ergativo - um elemento que estaria ocupando o núcleo do sintagma determinate (DP). Este é o primeiro problema com a análise em questão, pois não seria possível extrair N de dentro de um DP. Poderíamos considerar, neste caso, que o núcleo D seria incorporado pela adposição. Em um primeiro momento, ao concatenar D a um sintagma nominal, os traços  $\Phi$  do núcleo N valoram os traços  $\Phi$  não valorados de D através da operação *Agree*. Em seguida, no momento da concatenação da posposição ergativa, D seria incorporado pelo núcleo P em um movimento de núcleo a núcleo. Assim, os traços  $\Phi$  do determinante incorporado são projetados ao nível PP, tornando-se visíveis ao verbo. Esta operação está ilustrada em (16).

(16)

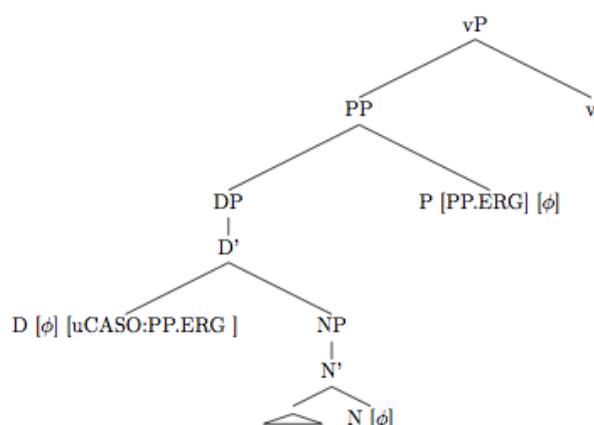




Esta operação explicaria os casos em que uma expressão nominal é formada apenas por um determinante. No caso de termos um determinante anteposto a um nome, porém, se o determinante for incorporado à posposição, a ordem dos elementos se altera dentro da expressão nominal.

Portanto, parece que uma análise mais pertinente seria que a posposição ergativa concorda com o sujeito. Assim, não teríamos a incorporação do núcleo D pela posposição, mas sim a valoração dos traços  $\Phi$  da posposição pelo núcleo D através da operação *Agree*. Seriam, portanto, duas instâncias da operação *Agree*. Em um primeiro momento, ao concatenar D a um sintagma nominal, os traços  $\Phi$  do núcleo N valoram os traços  $\Phi$  não valorados de D. Em seguida, no momento da concatenação da posposição ergativa, D valoram os traços  $\Phi$  não valorados do núcleo P, e P valoram o traço de caso não valorado de D como posposicional “ergativo”, de acordo com a estrutura em (17). Desta forma, os traços  $\Phi$  do núcleo P são projetados ao nível PP, possibilitando haver c-comando entre eles e o verbo.

(17)



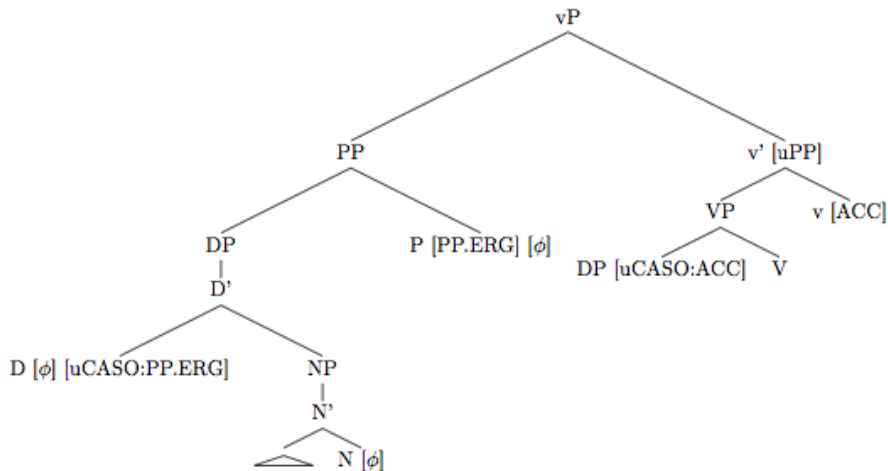
Portanto, estou considerando, da mesma forma que Markman & Grashchenkov (2012), que a marca de caso ergativo é uma posposição. Mostrei, porém, que a operação concebida por eles para dar conta da concordância em línguas ergativas não se aplica ao Yawanawá. A posposição ergativa não estaria incorporando os núcleos N ou D, mas sim, copiando os traços  $\Phi$  do sujeito, através da operação *Agree*.

#### 4.6 PARALELISMO ESTRUTURAL TP-DP

Considerar o ergativo um caso adposicional explicaria a morfologia comum encontrada nos argumentos ergativos, possessivos e instrumentais oblíquos. Proponho que a morfologia de superfície comum a estes argumentos representa o fato de que estes argumentos são licenciados pela mesma posposição, apesar de receberem interpretações temáticas diferentes no momento da concatenação. Comparo as estruturas de um sintagma verbal (18) e de um sintagma determinante (19).

Em (18), mostro a derivação de um sintagma verbal e os mecanismos de atribuição de caso que vêm sendo discutidos ao longo deste capítulo: a) um DP é concatenado como complemento de V e recebe interpretação temática *in situ*; b) v é concatenado, valorando o caso do DP complemento de V como acusativo; c) v tem um traço não-interpretável uPP que é checado com a concatenação de um PP na posição de especificador de vP; d) o núcleo P valoriza o traço de caso de D, núcleo de um DP, como posposicional “ergativo” e copia seus traços  $\Phi$ , que são projetados ao nível PP, de onde c-comandam o núcleo V.

(18)



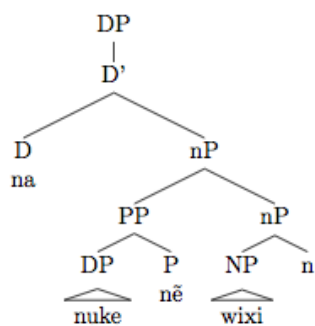
Em (19), retomo a construção nominal discutida na seção 3.4. Da mesma forma em que nas sentenças, VP é selecionado por um núcleo funcional v que licencia um agente em sua posição de especificador, NP é selecionado por um núcleo funcional n. De acordo com a Hipótese da Uniformidade da Atribuição de Papel Temático (UTAH), a posição de especificador de nP também atribui o papel temático de agente, não podendo ser ocupada por um possuidor (Cf. BAKER, 1988). O argumento possuidor teria origem em uma projeção acima de nP, porém abaixo de D, pois como discutido na seção 3.4, existe a possibilidade de co-ocorrência de um determinante seguido de um possuidor (19a). Certos autores propõem que exista uma projeção funcional PossP que seleciona nP e é selecionada pelo núcleo D (Cf. ADGER, 2003). Proponho que em Yawanawá, as construções de posse são marcadas pelo mesmo caso posposicional que marca os sujeitos ergativos. Assim, os possuidores, marcados pelo sufixo *-nẽ* e seus alomorfes, se originam em um sintagma posposicional que se adjunge a nP. Em (19a), temos um pronome de

primeira pessoa do plural *nuke* como argumento possuidor e em (19b), temos o argumento lexical *Tika*.

(19)

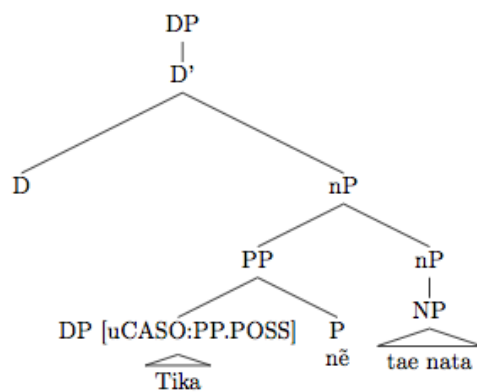
- a) Na                nukē                wixi  
 DEM.PROX   1PL.PP(POSS) escrita  
 'Esta nossa escrita.'

(*Yawanawahãu Wixi*)



- b) Tika-ně                tae    nata.  
 Tika-PP.POSS   pé    sola  
 'Sola do pé do Tika'

(PRODOCLIN, 2010)



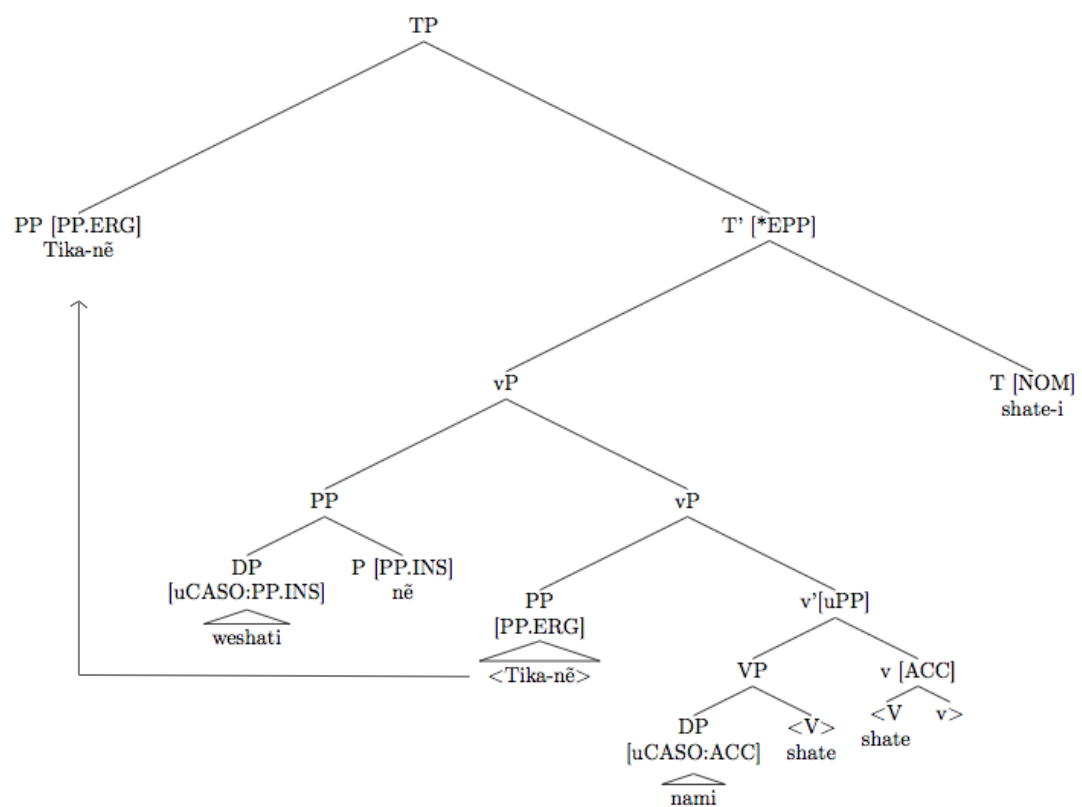
Assim, proponho que a morfologia que os argumentos ergativos têm em comum com os argumentos possuidores reflete o fato de que estão sendo licenciados pela mesma posposição. Ambos recebem caso posposicional, com a diferença que nas sentenças, o sintagma adposicional é concatenado na posição de especificador de vP, enquanto que nas expressões nominais, o PP possuidor se adjunge à projeção funcional nP. É devido a esta proposta que a glosa PP(POSS) que adoto difere da glosa 'genitivo' adotada por Valenzuela (2003). O argumento possuidor recebe caso posposicional e não caso genitivo, que seria um caso estrutural.

#### **4.7 ARGUMENTOS OBLÍQUOS COMO SINTAGMAS POSPOSICIONAIS**

Vimos na seção 4.4 que um argumento oblíquo com semântica de instrumento recebe a mesma marca morfológica que os argumentos ergativos e possuidores. Proponho que instrumentais são licenciados pela mesma adposição e recebem o mesmo caso posposicional que esses argumentos. Da mesma forma que os possuidores, os oblíquos são adjungidos à estrutura sintática, como mostro em (20).

(20)

Tika-nẽ            weshati-nẽ        nami    shate-i.  
 Tika-PP(ERG)    faca-PP(INS)      carne    cortar-PROG  
 'Tika está cortando carne com a/uma faca.'



Nesta estrutura, temos a derivação de toda a sentença, com dois argumentos concatenados – como complemento de VP e especificador de vP – e um PP adjunto, que é o argumento oblíquo instrumental em questão. Proponho que uma posposição

equivalente a que está atribuindo caso ao sujeito ergativo licencia o argumento oblíquo e valora seu traço de caso como posposicional.

#### 4.8 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Busquei mostrar que o Yawanawá, assim como o Dyirbal, tem um sistema tripartite ergativo-nominativo-acusativo com neutralizações morfológicas que agrupam sujeitos transitivos e intransitivos com traço [+participante] de um lado e sujeitos intransitivos e objetos com traço [-participante] de outro.

Além disso, propus que o “ergativo” é de fato um caso adposicional licenciado por uma posposição, que é núcleo de um PP concatenado no especificador de vP. Esta posposição copia o traços  $\Phi$  da expressão nominal e os projeta para o nível PP, possibilitando haver concordância entre o verbo e o argumento ergativo.

Por fim, mostrei as estruturas sintáticas paralelas dos TPs e DPs e propus que isto pode explicar o sincretismo morfológico encontrado em argumentos ergativos e possuidores. Também propus que argumentos oblíquos instrumentais são licenciados pela mesma posposição. A diferença sintática entre eles é o fato dos possuidores e oblíquos serem adjungidos e não concatenados às sentenças.

É possível que esta proposta de sistema tripartite com três núcleos atribuidores de caso possa ser generalizada como um traço tipológico da sintaxe da família linguística Pano. Esta ideia corrobora propostas de Shell (1985) e Valenzuela (2003) entre outros, que mostram um sistema tripartite em certas áreas do Proto-Pano. Segundo Valenzuela (2003, p.882), todas as línguas Pano exibem “alinhamentos ergativos com diferentes tipos de cisão”, e parece que uma generalização sintática deste tipo é um tema promissor para futuras investigações.

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**



O estudo de tópicos da fonologia, morfologia e sintaxe aqui realizado teve como foco as expressões nominais em Yawanawá. Como apresentado inicialmente, esta se propõe a ser a primeira etapa de um estudo teórico amplo, que se desenvolve paralelamente ao trabalho de documentação da língua. As expressões nominais são as estruturas mais simples, o microcosmo, a partir do qual pretendo, futuramente, ampliar o meu estudo.

Explorei a fonologia, com foco no padrão acentual e sua interação com a estrutura e o peso silábico; mostrei que os processos fonológicos da nasalização e da elisão de sílabas átonas finais podem explicar a alomorfia dos sufixos de caso ergativo; e apresentei ainda uma análise para o fenômeno da nasalização. Descrevi os componentes das expressões nominais e explorei sua estrutura, propondo um paralelismo com estruturas verbais. Explorei também os diferentes tipos de construção nome-nome, construções de posse e nominalização deverbais que ocorrem na língua. Apresentei uma análise para a cisão no sistema ergativo de atribuição de caso, postulando um alinhamento tripartite e propondo que o ergativo é um caso adposicional.

É importante ressaltar que existem uma série de questões que seguem em aberto. Uma delas concerne a estrutura argumental dos verbos e as motivações para vP selecionar um PP atribuidor de caso nas sentenças transitivas. Outra questão concerne a atribuição de caso em expressões nominais e a sintaxe das construções nome-nome: se essas construções seriam compostos, complementos ou adjuntos. Além disso, teríamos o genitivo como caso estrutural?

A próxima etapa de trabalho consistirá na publicação de uma gramática descritiva do Yawanawá, no âmbito do projeto de documentação da língua (PRODOCLIN, 2013), acompanhada de um dicionário, desenvolvido a partir da base de dados lexicais do projeto. A partir das descrições apresentadas na gramática, pretendo expandir as análises teóricas sobre os sintagmas verbais e as sentenças simples e complexas, com foco específico sobre o sistema de marcadores de troca de referência (*switch reference*) e sua relação com sujeitos ergativos.

Outra publicação que será realizada no âmbito do PRODOCLIN (2013) será um livro de narrativas míticas contadas pelo recém-falecido líder Yawanawá Raimundo Luis Tuñ Kuru, que possibilitará a realização de estudos teóricos sobre marcadores discursivos, outro tópico promissor para análise linguística.

Desta forma, consolida-se a interdependência existente entre o trabalho de documentação do Yawanawá e os estudos teóricos que se iniciam com esta dissertação. As análises apresentadas aqui servirão de base para a criação da gramática descritiva, que por sua vez, servirá de base para os estudos sobre classes verbais e estrutura argumental em sentenças simples e complexas, que pretendo desenvolver durante o doutorado.

Tendo em vista as muitas semelhanças estruturais encontradas nas línguas pano, é minha intenção atentar sempre para as possibilidades de generalização das análises teóricas para outras línguas desta família. A análise da marcação de caso tripartite, que desenvolvo no capítulo 4, e a proposta de que o morfema ergativo seja de fato uma posposição comum aos argumentos possuidores e oblíquos, parecem temas promissores para uma investigação translinguística. Também é minha intenção desenvolver análises comparativas de traços sintáticos do Yawanawá com outras línguas ameríndias, principalmente envolvendo a interação entre a

ergatividade, o controle de anáforas e os sistemas de marcadores de troca de referência.

**6 BIBLIOGRAFIA**

- ABNEY, S. P. **The English Noun Phrase in its Sentential Aspect**. 1987. Tese (Doutorado em Linguística). MIT, Cambridge, MA 1987.
- ADGER, David. **Core Syntax, A Minimalist Approach**. New York: Oxford University Press, 2003.
- AGUIAR, Maria Sueli de. **Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 1994.
- ALEXIADOU, A. **Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity**. Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- ANDERSON, John M. **On Case Grammar: Prolegomena to a Theory of Grammatical Relations**. London: Croom Helm, 1977.
- AQUINO, Terri Valle de; IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. **Kaxinawá do Rio Jordão: história, território, economia e desenvolvimento sustentado**. Rio Branco, Gráfica Kenê Hiwe-CPI/Acre, 1994.
- ARREGI, K; NEVINS, A. Contextual neutralization and the Elsewhere Principle. To appear in: MARANTZ, Alec; MATUSHANSKY, Ora (eds.). **Morphemes for Morris: A Festschrift for Halle**, 2013.
- AUSTIN, P.K. (ed). **Language Documentation and Description**, v.1. London: HRELP, SOAS, 2003.
- BAKER, Mark. **Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BAKER, M. C. **Lexical Categories. Verbs, Nouns, and Adjectives**. Cambridge Studies in Linguistics vol.102. Cambridge University Press, 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1991.
- BITTNER, Maria; HALE, Ken. Ergativity: Toward a theory of a heterogeneous class. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 27, p. 531-604, 1996a.
- BITTNER, Maria; HALE, Ken. The structural determination of case and agreement. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 27, p. 1-68, 1996b.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988: artigo 231**. 21.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. Decreto-lei no 1.775, de 1996. Estabelece que o processo de demarcação de Terras Indígenas deve ser conduzido pelo Poder Executivo, no âmbito da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Ministério da Justiça, 1996.
- BRASIL. Portaria no. 1.388, de agosto de 2007. **Diário Oficial da República**

Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 ago. 2007.

BRINTON, D. G. **The American race: a linguistic classification and ethnographic description of the native tribes of North and South America**. New York: N.D.C. Hodges, 1891.

CAMARGO, Eliane. **Phonologie, Morphologie et Syntaxe: Étude Descriptive de le Langue Caxinawa (Pano)**. Tese (Doutorado em Linguística). Paris: Université Paris I, 1991.

CÂNDIDO, G. V. Descrição Morfossintática da língua Shanenawa (Pano). Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CARID NAVEIRA, Miguel Alfredo. **Yawanawa: da guerra a festa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Florianópolis: UFSC, 1999.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter (eds.). **Readings in English transformational grammar**. Waltham, MA: Blaisdell, p. 184-221, 1970.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language**. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The framework. In: MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan (eds.). **Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89-155, 2000.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). **Ken Hale: A life in language**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52, 2001.

CLEMENTS, George; HUME, Elizabeth. The internal Organization of Speech Sounds. In: Goldsmith, J. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackweell, p. 245 – 306, 1995.

COMRIE, B. Form and function in identifying cases. In: PLANK, F. (ed.). **Paradigms. The Economy of Inflection**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 41-56, 1991.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology**. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

CORBET, G. Grammatical number. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. Baltes (eds.). *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*: IX, 6340-6342. Amsterdam: Elsevier, 2001.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE. Quem é a CPI/AC. Rio Branco, 2012. disponível em: [http://www.cpiacre.org.br/1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=53](http://www.cpiacre.org.br/1/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=53). Acesso em: 12 maio 2012.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE; ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS DOS ACRE; OAEYRG (orgs.). **Yawanawahãu Wixi**. Rio Branco: CPI/AC, 2005.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DO ACRE; SECRETARIA DE ESTADO E EDUCAÇÃO DO ACRE (orgs.). **Yawanawahãu Tãñäty: nuke matemática**. Rio Branco: SEE, CPI, 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá**. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2009.

d'ANS, André-Marcel. Reclassificación de las lenguas pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la amazonia peruana. **Revista del Museo Nacional**, v. 39, p. 349-369, 1973.

DEAL, Amy Rose. Ergativity. To appear in: ALEXIADOU, A.; KISS, T. (eds.). **International Handbook on Syntactic Contemporary Research**, 2nd edition. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2012.

DIXON, R. M. W. **Ergativity**. Cambridge University Press, 1994.

DRYER, Matthew S. Clause types. In: SHOPEN, T (ed.). **Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description**, v 1, second edition, p. 151-205, 2007.

ERIKSON, PHILIPPE. Uma singular pluralidade: a etno-história pano. In: CUNHA, Manuela Carneiro (org.) **História dos Índios no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras - Secretaria Municipal de Cultura/ FAPESP, 1992.

FAUST, N; LOOS, E. **Gramática del idioma Yaminahua**. Instituto Lingüístico de Verano, Lima, Peru, 2002.

FERREIRA, R. V. Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical. Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, v. 11, p. 549-563, 2006.

FLECK, David William. **A grammar of Matses**. Tese (Doutorado em Linguística), Houston: University of Oregon, 2003.

FOLLI, Raffaella; HARLEY, H. Flavors of v: Consuming results in Italian and English. In: SLABAKOVA, Roumyana; KEMPCHINSKY, Paula (eds.). **Aspectual Inquiries**. Dordrecht: Kluwer, p. 95-120, 2004.

FRANCHETTO, Bruna. The ergativity effect in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). In: GILDEA, Spike; QUEIXALÓS, Francesc (org.). **Ergativity in Amazonia**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 89, p. 121-158, 2010.

GARRET, Andrew. The origin of NP split ergativity. **Language**, Baltimore, MD, v. 66, p. 261-296, 1990.

GIPPERT, J.; HIMMELMAN, N.P; MOSEL, Ulrike (eds.). **Essentials of Language**

**Documentation.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GIVON T. **Syntax: A functional-typological introduction.** Volume I. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GODDARD, Cliff. Case systems and case marking in Australian languages: A new interpretation. **Australian Journal of Linguistics**, v. 2, p. 167-196, 1982.

GRASSERIE, M. Raoul de la. De la famille linguistique pano. **Congrès International des Américanistes.** Berlin: Librairie W.H.Kühl, p. 438-450, 1890.

GREENBERG, J. Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J.H. (org.) **Universals of Language**, Cambridge, MA: MIT Press, p. 73-113, 1967.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (eds.). **The view from building 20.** Cambridge, MA: The MIT Press, p. 111-176, 1993.

HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Structuring the bundle: a universal morphosyntactic feature geometry. In: HORST, J.S.; WIESE, H (eds.). **Pronouns: grammar and representation.** Amsterdam: John Benjamins, p. 23-39, 2002.

HAYES, Bruce. **Metrical stress theory: Principles and case studies.** Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HAYES, Bruce. The Prosodic Hierarchy in Meter. In: KIPARSKY, P; YOUMANS, G. (eds.). **Rhythm and Meter.** Orlando, Florida: Academic Press, p. 201-260, 1989.

HIMMELMAN, N.P. Language documentation: what is it and what is it good for?. In GIPPERT, J.; HIMMELMAN, N.P; MOSEL, Ulrike (eds.). **Essentials of Language Documentation.** Berlin: Mouton de Gruyter, p.1-25, 2006.

INSTITUTO SÓCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas do Brasil: Yawanawá. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yawanawa>. Acesso em 10 maio 2012.

JOHNS, A. Deriving Ergativity. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 23 (1), p. 57- 87, 1992.

KIBRIK, A. E; KODZASOV, S.; OLOVJANNIKOVA, I.P. **Fragmenty Grammatiki Hinalugskogo Jazyka.** Moskow: Izdatelstvo Moskovskogo Universiteta, 1972.

LEGATE, Julie Anne. Morphological and abstract case. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 39, p. 55-101, 2008.

LEGATE, Julie Anne. Types of ergativity. **Lingua**, v. 122, p. 181-191, 2012.

LOOS, Eugene. Pano. In: DIXON, R.M.; AIKHENVALD, Alexandra, Y (eds). **The Amazonian Languages.** Cambridge: CUP, p. 227-250, 1999.



- MAHAJAN, A. Universal grammar and the typology of ergative languages. In: ALEXIADOU A.; HALL, A. (eds.). **Studies on Universal Grammar and Typological Variation**. Amsterdam: John Benjamins Publications, p. 35-57, 1997.
- MARKMAN, Vita; GRASHCHENKOV, Pavel. On the adpositional nature of ergative subjects. *Lingua*, v. 122, p. 257-266, 2012.
- MASON, John Alden. The languages of South American Indians. In: STEWARD, Julian (ed.). **Handbook of South American Indians**. Bureau of American Ethnology, Bulletin 6 (143), p. 501-70, 1950.
- MEDEIROS, A.B. Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- MURASUGI, Kumiko G. **Crossing and Nested Paths: NP movement in accusative and ergative languages**. 1992. Tese (Doutorado em Linguística). MIT, Cambridge, MA, 1992.
- MUSEU DO ÍNDIO – FUNAI. Projeto de Documentação de Línguas Indígenas. O que é Documentação Linguística? disponível em: [http://doc.museudoindio.gov.br/prodoclin/geral.php?ID\\_S=17](http://doc.museudoindio.gov.br/prodoclin/geral.php?ID_S=17). Acesso em 10 maio 2012.
- NASH, L. The internal ergative subject hypothesis. In: **Proceedings of the North Eastern Linguistic Society**, v. 26, GSLA, University of Massachusetts, p. 195-209, 1996.
- PARKER, Steve. Coda Epenthesis in Huariapano. **International Journal of American Linguistics**, 60, v.2, 1994.
- PAULA, Aldir Santos de. **A língua dos índios Yawanawá do Acre**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PEREZ GIL, Laura. **Pelos caminhos de Yuve: conhecimento, cura e poder no xamamismo yawanawa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Florianópolis: UFSC, 1999.
- PESETSKY, David; TORREGO, Esther. T-to-C movement: Causes and consequences. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). **Ken Hale: A life in language**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 355 – 426, 2001.
- PIKE, Kenneth. **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.

- PRAY, Bruce. From passive to ergative in indo-aryan. In: **The Notion of Subject in South Asian Languages**. Madison, WI: University of Wisconsin. South Asian Studies Publication Series 2, p. 195-211, 1976.
- RIBEIRO, M. W. T. **Uma tribo vai ao mercado - Os Yawanawá: sujeitos ou objetos do processo?**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005.
- RIVET, Paul; TASTEVIN, C. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. **Anthropos**, v. 22, p. 811-27, 1927.
- SHELL, Olive A. Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción. **Serie Lingüística Peruana**, v. 12, Yarinacocha, Peru: Summer Institute of Linguistics, 1985 (1975).
- SILVERSTEIN, Michael. Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, R.M.W. (ed.). **Grammatical categories in Australian languages**. Linguistic series No. 22, Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, p. 112-171, 1976.
- STENZEL, Kristine. Novos horizontes da documentação lingüística no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI**, v 5, p. 49-99, 2008.
- SVENONIOUS, Peter. Case and event structure. In: ZHANG, Nina (ed.). **Syntax of predication**. ZAS Papers in Linguistics, v. 26. Berlin: Zentrum fur Allgemeine Sprachwissenschaft, p. 1-21, 2001.
- TESSMANN, Günter. **Los índios del Perú nororiental**. Trad. Gunda Wierhake. Quito: Abya-Yala, 1999.
- VALENZUELA, Pilar. **Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar**. Tese (Doutorado em Linguística), University of Oregon, 2003.
- VINNYA, Aldaiso Luiz; OCHOA, Maria Luiza Pinedo; TEIXEIRA, Gleyson de Araújo (orgs.). **Costumes e Tradições do Povo Yawanawá**. Comissão Pró-Índio do Acre / Organização dos Professores Indígenas do Acre. Rio Branco, 2006.
- WOOLFORD, E. Four-way case systems. Ergative, nominative, objective, and accusative. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 15, p. 181-227, 1997.
- WOOLFORD, E. Lexical case, inherent case, and argument structure. **Linguistic Inquiry**, v. 37, p. 111-130, 2006.
- YAWANAWÁ, Raimundo Luis Tuí Kuru; ZARZYKA, Maria Danuta. **Name Awea?** FUNAI, 2009.
- ZARIQUIEY BIONDI, Roberto. **A grammar of Kashibo-Kakataibo**. Tese (Doutorado em Linguística). Research Centre for Linguistic Typology, La Trobe University, 2011.